

- CONMEBOL -
COPA AMERICA
BRASIL 2019
CAMPEÃO

- EVOLUÇÃO -
ES CONMEBOL



ESTUDO TÉCNICO
COPA AMÉRICA
BRASIL 2019



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
Prólogo do Presidente da CONMEBOL	6
Antecedentes do Torneio	8
2. INTRODUÇÃO DO TORNEIO	12
Palavras do Presidente da CBF	14
Introdução do Torneio	16
Nomes e fotos de estádios	18
Programação de Partidas	20
3. ANÁLISES DAS PARTIDAS	22
Fase Inicial	24
Fase Final	42
4. ANÁLISES TÉCNICO-TÁTICAS	50
Goleiros	52
Comportamentos Defensivos	54
Variações Ofensivas	56
Transições	58
Bola Parada	60
Tendências Técnica/Tática	66
5. ANÁLISES DAS SELEÇÕES	68
Argentina	70
Bolívia	74
Brasil	78
Catar	82
Chile	86
Colômbia	90
Equador	94
Japão	98
Paraguai	102
Peru	106
Uruguai	110
Venezuela	114
6. CONCLUSÕES	118
7. RECONHECIMENTOS	122
Melhor Goleiro	124
Melhor Jogador da Competição	125
Artilheiro	126
Seleção Ideal	127
Destaques Jovens	128
8. RELATÓRIO DA ARBITRAGEM	130
9. DADOS	138
10. DELEGAÇÃO DE AUTORIDADES	156
11. GRUPO DE ESTUDO TÉCNICO	161



INTRODUÇÃO





Amigos do futebol,

Desde o início desta Nova CONMEBOL, nosso objetivo tem sido o de contribuir para o desenvolvimento do futebol sul-americano em todos os seus aspectos, desde o que ocorre dentro do campo de jogo, até o que se faz necessário antes, durante e depois de uma partida de futebol.

A Copa América de 2019, o torneio de seleções mais antigo do mundo, deixou resultados magníficos que jamais imaginávamos. Foram disputados jogos com o mais alto nível esportivo, implementamos avanços tecnológicos de primeira categoria e finalizamos o torneio em um emocionante encontro no qual o Brasil conquistou o campeonato diante da valente seleção do Peru.

Hoje, apresentamos a você a nossa ferramenta de análise mais moderna, que nos permitirá obter resultados úteis para melhorar cada vez mais as competições. Estou me referindo à análise técnica e tática da Copa América 2019, elaborada pelo Grupo de Estudo Técnico (GET), composto pelo Departamento de Desenvolvimento da CONMEBOL e por reconhecidos treinadores sul-americanos, de trajetória histórica, que contribuíram com sua visão e experiência para a elaboração deste relatório.

A missão deste grupo era a de analisar os 26 jogos disputados durante a Copa América, estudando em profundidade cada encontro, cada escolha, cada jogador e cada treinador, apoiados por uma plataforma tecnológica que permite analisar todas as estatísticas e vídeos. Hoje, com satisfação apresentamos este documento à sua consideração.

A Copa terminou e, uma vez mais, fizemos o Continente vibrar com a nossa bola, ao ritmo do nosso futebol, no país do samba e do jogo bonito. Assistimos aos expoentes máximos do nosso futebol e nos deleitamos com os torcedores que, de todo o continente e da Ásia, vieram desfrutar da Copa. De cada evento desta magnitude, devemos obter lições de superação.

Agradecemos ao GET e aos seus participantes por seu trabalho e, especialmente, às dez seleções nacionais da CONMEBOL; aos países convidados, ao público brasileiro e internacional, que esteve presente nos estádios, ao Comitê Organizador Local, à CBF e ao governo do Brasil, por fazer desta uma Copa América que ficará na história.

Alejandro Domínguez Wilson-Smith
Presidente da CONMEBOL

ANTECEDENTES DO TORNEIO

A história

A CONMEBOL Copa América é a competição mais antiga de seleções de futebol do mundo. Foi disputada pela primeira vez em uma edição de teste em 1910, contudo, teve sua primeira edição oficial entre 2 e 17 de julho de 1916, como parte das comemorações do centenário da independência da Argentina. Além do país anfitrião, participaram também o Chile, o Uruguai e o Brasil.

Desde sua primeira edição até 1967, o torneio se chamava Campeonato Sul-americano de Seleções. Na primeira edição, o Uruguai levou o título de Campeão, depois de um empate de 0 a 0 contra a Argentina, na final disputada no estádio do Racing Club de Avellaneda.

A partir de 1975, em sua 30ª edição, o campeonato passou a se chamar oficialmente Copa América. Com a mudança de nome, houve também mudanças no sistema de disputa. O sistema de pontos corridos foi substituído por um formato parecido com o da Copa do Mundo da FIFA: fase classificatória, com as seleções distribuídas em grupos, seguida de fases eliminatórias.



Seleções Convidadas

A partir de 1993, a CONMEBOL passou a convidar seleções de fora da América do Sul para participar na Copa América. As primeiras foram a dos Estados Unidos e a do México. Em 2016, a Copa América Centenário contou excepcionalmente com seis seleções convidadas: Costa Rica, Estados Unidos (país anfitrião), Haiti, Jamaica, México e Panamá.

Apesar disso, as seleções convidadas nunca conquistaram uma edição do torneio. A seleção do México foi a que obteve os melhores resultados: vice-campeã em 1993 e 2001, e terceiro lugar em 1997, 1999 e 2007.

Ao longo de suas 45 edições, a Copa América teve apenas dois troféus. O mais antigo, chamado Copa América, foi feito em 1916 e 1917 em Buenos Aires, pela joalheria e relojaria Casa Escasany, a pedido do Ministério de Relações Exteriores da Argentina, para ser doado à CONMEBOL. O troféu é feito de prata e possui posse provisória, ou seja, não existe condição

para ficar em definitivo com uma seleção campeã. Sua base de madeira com as placas dos países campeões foi adicionada em 1979, na edição vencida pelo Paraguai.

O segundo troféu foi produzido especificamente para a Copa América Centenário, em 2016. Desenhado por Epico Studios, a copa foi fabricada pela inglesa Thomas Lyte, em metal, com terminação interna de prata e com a parte exterior banhada em ouro. A posse definitiva ficou com a campeã, a seleção do Chile.



Curiosidades

Países participantes até 2019: 18 países

CONMEBOL (10) - Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

CONCACAF (7) - Costa Rica (1997,2001,2004,2011 e 2016), Estados Unidos (1993,1995,2007 e 2016), Haiti (2016), Honduras (2001), Jamaica (2015 e 2016), México (1993,1995,1997,1999,2001,2004,2007,2011,2015 e 2016) e Panamá (2016).

AFC (1) - Japão em 1999.

A Edição de 2019 contará com a participação do Catar (AFC) pela primeira vez, totalizando 19 países.

- **Maior goleada:**
Argentina 12 a 0 Equador – (Uruguai, 1942).
- **Maior quantidade de gols em todas as edições:**
Argentina, com 455 gols.
- **Maior quantidade de gols em uma só edição:**
Brasil, com 46 gols (Brasil, 1949).
- **Maiores artilheiros:**
Norberto Méndez (Argentina, em 3 edições) e Zizinho (Brasil, em 6 edições) – 17 gols.
- **Maiores artilheiros em uma só edição:**
Jair da Rosa Pinto (Brasil, 1949), Humberto Maschio (Argentina, 1957) e Javier Ambrois (Uruguai, 1957) – 9 gols.
- **Primeiro campeão:**
Uruguai (Argentina, 1916)
- **País com maior número de títulos:**
Uruguai, com 15 títulos.



EDIÇÕES					
Ano	Sede	Campeão	Segundo	Terceiro	Quarto
1.916	Argentina	URUGUAI	Argentina	Brasil	Chile
1.917	Uruguai	URUGUAI	Argentina	Brasil	Chile
1.919	Brasil	BRASIL	Uruguai	Argentina	Chile
1.920	Chile	URUGUAI	Argentina	Brasil	Chile
1.921	Argentina	ARGENTINA	Brasil	Uruguai	Paraguai
1.922	Brasil	BRASIL	Paraguai	Uruguai	Argentina
1.923	Uruguai	URUGUAI	Argentina	Paraguai	Brasil
1.924	Uruguai	URUGUAI	Argentina	Paraguai	Chile
1.925	Argentina	ARGENTINA	Brasil	Paraguai	---
1.926	Chile	URUGUAI	Argentina	Chile	Paraguai
1.927	Peru	ARGENTINA	Uruguai	Peru	Bolívia
1.929	Argentina	ARGENTINA	Paraguai	Uruguai	Peru
1.935	Peru	URUGUAI	Argentina	Peru	Chile
1.937	Argentina	ARGENTINA	Brasil	Uruguai	Paraguai
1.939	Peru	PERU	Uruguai	Paraguai	Chile
1.941	Chile	ARGENTINA	Uruguai	Chile	Peru
1.942	Uruguai	URUGUAI	Argentina	Brasil	Paraguai
1.945	Chile	ARGENTINA	Brasil	Chile	Uruguai
1.946	Argentina	ARGENTINA	Brasil	Paraguai	Uruguai
1.947	Equador	ARGENTINA	Paraguai	Uruguai	Chile
1.949	Brasil	BRASIL	Paraguai	Peru	Bolívia
1.953	Peru	PARAGUAI	Brasil	Uruguai	Chile
1.955	Chile	ARGENTINA	Chile	Peru	Uruguai
1.956	Uruguai	URUGUAI	Chile	Argentina	Brasil
1.957	Peru	ARGENTINA	Brasil	Uruguai	Peru
1.959	Argentina	ARGENTINA	Brasil	Paraguai	Peru
1.959	Equador	URUGUAI	Argentina	Brasil	Equador
1.963	Bolívia	BOLÍVIA	Paraguai	Argentina	Brasil
1.967	Uruguai	URUGUAI	Argentina	Chile	Paraguai
1.975	Sem sede fixa	PERU	Colômbia	Brasil/Uruguai	---
1.979	Sem sede fixa	PARAGUAI	Chile	Brasil/Peru	---
1.983	Sem sede fixa	URUGUAI	Brasil	Paraguai/Peru	---
1.987	Argentina	URUGUAI	Chile	Colômbia	Argentina
1.989	Brasil	BRASIL	Uruguai	Argentina	Paraguai
1.991	Chile	ARGENTINA	Brasil	Chile	Colômbia
1.993	Equador	ARGENTINA	México	Colômbia	Equador
1.995	Uruguai	URUGUAI	Brasil	Colômbia	Estados Unidos
1.997	Bolívia	BRASIL	Bolívia	México	Peru
1.999	Paraguai	BRASIL	Uruguai	México	Chile
2.001	Colômbia	COLÔMBIA	México	Honduras	Uruguai
2.004	Peru	BRASIL	Argentina	Uruguai	Colômbia
2.007	Venezuela	BRASIL	Argentina	México	Uruguai
2.011	Argentina	URUGUAI	Paraguai	Peru	Venezuela
2.015	Chile	CHILE	Argentina	Peru	Paraguai
2.016	Estados Unidos	CHILE	Argentina	Colômbia	Estados Unidos
2.019	Brasil	BRASIL	Peru	Argentina	Chile

*3 Seleções participantes. **Disputada 2 vezes no mesmo ano. ***Sem sedes fixas – 3 Grupos (somente até o terceiro lugar).

TÍTULOS								
Seleção	Campeão		Vice-campeão		3º Lugar		4º Lugar	
País	Títulos	Edições	Títulos	Edições	Títulos	Edições	Títulos	Edições
Uruguai	15	1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935, 1942, 1956, 1959-II, 1967, 1983, 1987, 1995, 2011.	6	1919, 1927, 1939, 1941, 1989, 1999.	9	1921, 1922, 1929, 1937, 1947, 1953, 1.957, 1975, 2004.	5	1945, 1946, 1995, 2001, 2007.
Argentina	14	1921, 1925, 1927, 1929, 1937, 1941, 1945, 1946, 1947, 1955, 1957, 1959-I, 1991, 1993.	14	1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935, 1942, 1959-II, 1967, 2004, 2007, 2015, 2016.	5	1919, 1956, 1963, 1989, 2019.	2	1922, 1987.
Brasil	9	1919, 1922, 1949, 1989, 1997, 1999, 2004, 2007, 2019.	11	1921, 1925, 1937, 1945, 1946, 1953, 1957, 1959-I, 1983, 1991, 1995.	7	1916, 1917, 1920, 1942, 1959-II, 1975, 1979.	3	1923, 1956, 1963.
Paraguai	2	1953, 1979.	6	1922, 1929, 1947, 1949, 1963, 2011.	7	1923, 1924, 1925, 1939, 1946, 1959-I, 1983.	7	1921, 1926, 1937, 1942, 1967, 1989, 2015.
Chile	2	2015, 2016(*)	4	1955, 1956, 1979, 1987.	5	1926, 1941, 1945, 1967, 1991.	11	1916, 1917, 1919, 1920, 1924, 1935, 1939, 1947, 1953, 1999, 2019.
Peru	2	1939, 1975.	1	2019.	8	1927, 1935, 1949, 1955, 1979, 1983, 2011, 2015.	5	1929, 1941, 1957, 1959, 1997.
Colômbia	1	2001.	1	1975.	4	1987, 1993, 1995, 2016.	2	1991, 2004.
Bolívia	1	1963	1	1997	0		2	1927, 1949.
México	0		2	1993, 2001.	3	1997, 1999, 2007.	0	
Honduras	0		0		1	2001.	0	
Equador	0		0		0		2	1959-II, 1993.
Estados Unidos	0		0		0		2	1995, 2016.
Venezuela	0		0		0		1	2011

(*) Copa América Centenário.



A dynamic action shot from a soccer match. In the foreground, a player in a red jersey is running towards the right, chasing a soccer ball. Behind him, a player in a light blue jersey with the number 6 and the name 'R. BENITANCUR' on the back is also running. To the left, another player in a light blue jersey is on the ground. The background is a large, blurred crowd of spectators in a stadium. The scene is framed by colorful, abstract brushstrokes in shades of yellow, green, blue, and purple at the top and bottom. The text 'INTRODUÇÃO AO TORNEIO COPA AMÉRICA BRASIL 2019' is overlaid on the right side of the image.

INTRODUÇÃO

AO TORNEIO
COPA AMÉRICA BRASIL 2019



Apreciados amigos,

A Confederação Brasileira de Futebol, através do Comitê Organizador Local, aceitou com emoção e orgulho o compromisso de o nosso país voltar a sediar a CONMEBOL Copa América, em sua 46ª edição, em 2019. E transformamos esse desafio numa entrega de excelência que, certamente, contribuiu para a renovação dos parâmetros de organização da competição, com legados para as próximas edições.

A CONMEBOL Copa América traduz a enorme paixão de todos nós, sul-americanos, pelo futebol. Mas os mais de 900 mil torcedores que ocuparam os estádios nas 26 partidas realizadas no Brasil foram além, demonstrando que a paixão convive perfeitamente com o clima de paz, tolerância e respeito.

Essa marca de público superou outras edições do torneio. E, somada à transmissão dos jogos para 180 países, reafirmam a força do futebol do nosso continente.

Essa energia positiva se traduziu também na presença de turistas de 124 países, que celebraram nas ruas e nos estádios e contribuíram para o aquecimento econômico das cinco cidades sede.

A organização cumpriu o seu objetivo de ser realizada com recursos 100 % privados, com uma gestão eficiente, focada em oferecer todas as condições para o melhor espetáculo do futebol. E a inovação dentro de campo também se fez presente com a adoção do VAR (Video Assistant Referee), do início ao fim de uma competição, pela primeira vez na América do Sul.

Agradecemos as 12 seleções que nos brindaram com seu futebol, aos torcedores que celebraram o torneio, aos funcionários e parceiros do Comitê Organizador Local por sua incansável dedicação, às cidades sede, aos patrocinadores, à mídia e à CONMEBOL, pela confiança em nós depositada.

Estamos muito felizes por termos contribuído para a reafirmação da magia e da importância do mais antigo torneio de seleções do mundo.

Rogério Caboclo
Presidente da Confederação Brasileira de Futebol

INTRODUÇÃO

A CONMEBOL Copa América 2019

A edição de 2019 foi mais que especial, com o regresso da CONMEBOL Copa América ao Brasil, depois de 30 anos. Nestas três décadas, o campeonato se desenvolveu e alcançou altos níveis de organização e de disputa, atraindo o interesse do mundo inteiro. Alguns dos melhores e mais reconhecidos atletas do futebol mundial são sul-americanos, e jogaram nesta 46ª edição do torneio, realizada entre 14 de junho e 7 de julho de 2019.

Além dos 10 países sul-americanos membros da CONMEBOL: Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, estiveram ainda dois membros da Confederação Asiática de Futebol (AFC), que participaram como convidados. Os torcedores do futebol tiveram a oportunidade de assistir a três campeões da Copa do Mundo FIFA reunidos em campo.



As 26 partidas foram distribuídas em 6 estádios: Estádio Mineirão (Belo Horizonte), Arena do Grêmio (Porto Alegre), Estádio Maracanã (Rio de Janeiro), Arena Fonte Nova (Salvador), Arena Corinthians e Estádio Morumbi (São Paulo).

O principal torneio masculino de futebol entre seleções da América do Sul foi realizado pela quinta vez no Brasil e organizado pelo Comitê Organizador Local – Copa América 2019 e pela CONMEBOL. O evento retornou ao país no ano em que a primeira edição em solo brasileiro, realizada em 1919, completou 100 anos. O Brasil também foi sede deste certame em 1922, 1949 e 1989.

Houve uma excelente organização do campeonato, que nos permitiu observar, dentro do campo, rendimentos variados. Destacaram-se jogadores de trajetória consagrada e jovens promessas do futebol sul-americano com um alto rendimento. Analisamos os 26 jogos, igualmente abordamos de forma pormenorizada, detalhes dos aspectos técnicos que envolvem a competição. Este estudo nos deixou muitas certezas, dúvidas e confirmações.

ESTÁDIOS

ARENA DO GRÊMIO

Porto Alegre (RS)

Capacidade:
60.540 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense



ESTÁDIO MORUMBI

São Paulo (SP) **ABERTURA**

Capacidade:
66.795 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
São Paulo Futebol Clube



ARENA FONTE NOVA

Salvador (BA)

Capacidade:
50.000 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
Esporte Clube Bahia



ARENA CORINTHIANS

São Paulo (SP)

Capacidade:
49.205 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
Sport Club Corinthians Paulista



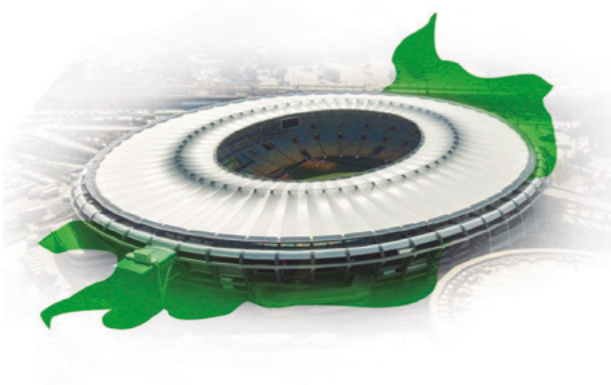
ESTÁDIO MARACANÃ

Río de Janeiro (RJ) **FINAL**

Capacidade:
78.838 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
Clube de Regatas do Flamengo e Fluminense Football Club



ESTÁDIO MINEIRÃO

Belo Horizonte (MG)

Capacidade:
62.000 espectadores

Dimensões:
105 x 68 m

Time:
Cruzeiro Esporte Clube





- CONMEBOL -
COPA AMERICA
BRASIL 2019

CALENDÁRIO DE JOGOS

COPAAMERICA.COM

Fase de Grupos

	14 Junho Sexta	15 Junho Sábado	16 Junho Domingo	17 Junho Segunda	18 Junho Terça	19 Junho Quarta	20 Junho Quinta	21 Junho Sexta	22 Junho Sábado	23 Junho Domingo	24 Junho Segunda
BELO HORIZONTE Estádio Mineirão			5 URU x ECU 19:00			9 ARG x PAR 21:30			14 BOL x VEN 16:00		18 ECU x JPN 20:00
PORTO ALEGRE Arena do Grêmio		2 VEN x PER 16:00					11 URU x JPN 20:00			15 CAT x ARG 16:00	
RIO DE JANEIRO Estádio do Maracanã			4 PAR x CAT 16:00		8 BOL x PER 18:30						17 CHI x URU 20:00
SALVADOR Arena Fonte Nova		3 ARG x COL 19:00			7 BRA x VEN 21:30			12 ECU x CHI 20:00		16 COL x PAR 16:00	
SÃO PAULO Arena Corinthians									13 PER x BRA 16:00		
SÃO PAULO Estádio Morumbi	1 BRA x BOL 21:30			6 JPN x CHI 20:00		10 COL x CAT 18:30					

Todos horários locais (GMT -3).

- GRUPO A -

BRASIL (BRA)
BOLÍVIA (BOL)
VENEZUELA (VEN)
PERU (PER)

- GRUPO B -

ARGENTINA (ARG)
COLÔMBIA (COL)
PARAGUAI (PAR)
CATAR (CAT)

- GRUPO C -

URUGUAI (URU)
EQUADOR (ECU)
JAPÃO (JPN)
CHILE (CHI)

Quartas de Final

Semifinais

3º Lugar e Final

25 Junho Terça	26 Junho Quarta	27 Junho Quinta	28 Junho Sexta	29 Junho Sábado	30 Junho Domingo	1 Julho Segunda	2 Julho Terça	3 Julho Quarta	4 Julho Quinta	5 Julho Sexta	6 Julho Sábado	7 Julho Domingo
DESCANSO					DESCANSO		23 V19 x V21 21:30		DESCANSO			
		19 1A x 3B/C 21:30						24 V20 x V22 21:30				
			21 2A x 2B 16:00									26 V23 x V24 17:00
				22 1C x 3A/B 16:00								
			20 1B x 2C 20:00								25 P23 x P24 16:00	

Sujeito a alterações | 26/01/2019.

ANÁLISE DE PARTIDAS





Análise Final

Enquanto a equipe do Brasil apresentou, durante os noventa minutos, praticamente uma linha de quatro, com três volantes e três atacantes, a seleção da Bolívia esteve na defensiva quase todo o jogo, com duas linhas de quatro, nas quais não houve variação, e um meia ponta entre os dois volantes centrais do Brasil, com o objetivo de bloquear a circulação da bola por esse setor e, desta maneira, obrigar a seleção brasileira a jogar a bola mais diretamente para os seus atacantes.

Durante o andamento da partida e com a ideia de atacar permanentemente a Bolívia, o treinador da seleção brasileira mandou o time exercer uma alta pressão que foi bastante efetiva. Isso lhe permitiu jogar, durante toda a disputa, no campo de seu adversário, uma vez que também nos momentos em que perdiam a posse de bola, tentavam rapidamente sua recuperação. Apesar desse domínio no primeiro tempo, a equipe brasileira não pôde traduzir em gol toda a sua superioridade no controle do jogo.

A Bolívia terminou o primeiro tempo com a impressão de ter realizado um bom trabalho na redução de espaços com as duas linhas de quatro, mas sofreu alguns problemas na sincronização defensiva e nos duelos individuais.

O primeiro gol, nos primeiros minutos do segundo tempo, deu ao Brasil a tranquilidade e segurança de que precisava para virar a partida a seu favor, pois com esse resultado provisório, a Bolívia perdeu fôlego e o time brasileiro aproveitou os espaços. Os dois gols restantes

se originaram de variações ofensivas, especialmente no terceiro gol, através de uma extraordinária manobra individual de Everton, em uma diagonal da esquerda para a direita a favor da sua perna mais hábil, que terminou em um arremate certeiro na rede.

Para atacar, o time boliviano tentou de forma direta, com saídas da trave de Lampe ao seu atacante de ponta, Martins, tentando auxiliá-lo com seus volantes que dominaram os possíveis rebotes para chegar ao campo rival, e assim somaram gente no ataque. Mesmo com todo o esforço realizado, não foi possível incomodar a defesa brasileira.

No aspecto físico, a seleção boliviana mostrou alguns problemas e não conseguiu resolver a situação quando o resultado lhe foi adverso. No jogo de bola parada, sofreu nos envios à sua área e não pôde aproveitar as poucas oportunidades que teve a seu favor.

A equipe brasileira mostrou, em quase todo o jogo, o modelo de jogo proposto por seu treinador, sólido na defesa, solidário, criando variações, e assim conseguiu ultrapassar seu primeiro e importante obstáculo: o de ganhar a primeira partida jogando diante do seu público.

No âmbito individual, foi promissor o futebol mostrado por Richarlison e Neres, os dois jogadores mais jovens do time titular. Também é importante destacar a fantástica entrada de Everton, que em poucos minutos jogou muito bem.

Análise Final

Uma seleção venezuelana bastante renovada, com um sistema de jogo muito versátil, iniciou a partida com uma permanente linha de quatro. Isso se manteve durante toda a disputa, com variações no restante de suas linhas, com um volante de bloqueio em algumas ocasiões, ou com cinco volantes em linha em outras, mas sempre com um número mínimo de três atacantes em situações de ataque.

No entanto, o Peru apresentou uma defesa compacta, com quatro defensores muito organizados e defesas laterais que se lançaram de maneira permanente ao ataque. O volante central, Tapia, além de ter uma grande atuação individual, foi o responsável pela proteção dos defensores centrais e dos volantes mais adiantados, que pressionaram pelo meio para a recuperação de bola. Por fora, contou com os dois atacantes J. Farfan e C. Cueva que se transformaram em volantes no momento de defender, e ainda P. Guerrero, jogando como centroavante. A seleção peruana tentou sair, geralmente com a bola dominada do fundo, passando entre os zagueiros centrais e com R. Tapia se infiltrando pela zona central, com passes seguros, mas com pouca velocidade na circulação da bola.

Como principal variação no ataque, a Venezuela saiu muito rápido no contra-ataque, tentando aproveitar a velocidade de J. Savarino, pela direita, e de J. Murillo, pela esquerda. Tanto na defesa quanto na parte ofensiva, houve um grande desempenho do experiente T. Rincón, que teve um bom domínio

da bola no meio-campo, além do destaque para a fortaleza física de Salomón Rondón que pôde ser vista no ataque, ao segurar a bola de maneira permanente, enquanto esperava a chegada dos jogadores do seu time.

O Peru conseguiu formar duplas de ataque efetivas pelos lados, com seus laterais e dois atacantes que jogaram por fora. Pôde-se observar a intenção desses últimos de se aproximar de P. Guerrero para tentar o jogo entre linhas, liberando o corredor para os laterais e, apesar de realizarem perigosas incursões, estas foram pouco utilizadas. Neste sentido, a equipe não aproveitou um de seus pontos fortes: as triangulações pelo setor esquerdo do ataque.

Devido ao desgaste sofrido no decorrer da partida, a seleção peruana começou a jogar já no final, de maneira mais direta e a dar muito espaço aos volantes venezuelanos, que começaram a dominar a organização do jogo, criando alguma chance de gol, mesmo com um homem a menos no time.

Em geral, o zero a zero foi um resultado justo em um jogo muito disputado, que deixou a expectativa de que ambas equipes deveriam melhorar seu jogo, à medida que a competição se desenvolvesse. Digna de destaque é a juventude de alguns jogadores que tiveram um bom rendimento, como por exemplo, o goleiro venezuelano Faríñez.



Análise Final

A equipe argentina, que começou a partida com duas linhas de quatro no primeiro tempo, não encontrou dificuldades mais sérias na defesa, mas sim alguns inconvenientes na elaboração do jogo. Não conseguiu posicionar articuladores que trabalhassem por dentro, já que L. Paredes e G. Rodríguez e os dois volantes de fora não tiveram variações, pois não se fechavam, nem mesmo para tentar criar uma superioridade numérica nessa zona.

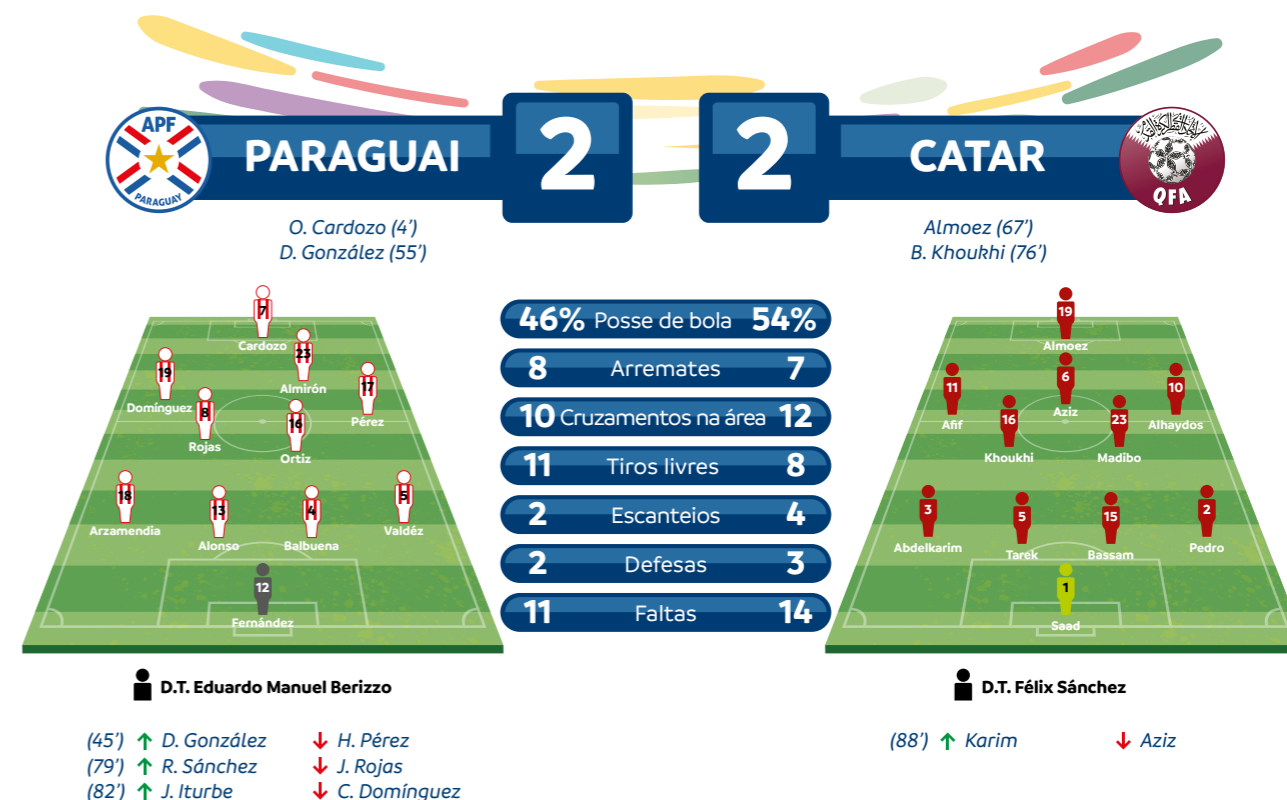
A seleção colombiana manteve, durante todo o jogo, uma linha de quatro defensores com W. Barrios como um meio de contenção de excelente rendimento, dois volantes ao seu lado e dois atacantes que trabalhavam como volantes na hora de defender, formando uma zona defensiva que se tornou impenetrável ao ataque adversário.

No caso da Argentina, devido às poucas variações ofensivas mostradas nesse jogo, a equipe teve que saltar linhas na tentativa de chegar à trave adversária, uma vez que a Colômbia lhe permitiu a possibilidade de manter a posse de bola. Ainda assim, o time não demonstrou agressividade no meio-campo, e isso permitiu que a Colômbia dominasse essa zona, embora sem gerar grandes situações de perigo para a zaga argentina.

No segundo tempo, a entrada de De Paul deu maior verticalidade ao ataque, demonstrando o melhor da seleção argentina. L. Paredes deu apoio permanente

na zona de ataque. Messi já definido, passando atrás e pelas laterais do volante de contenção, W. Barrios e Agüero sozinho de ponta, com pouco peso por dentro, mas muito bem quando saiu da área para juntar-se aos companheiros de time e, desta maneira, gerar maior clareza para conseguir um melhor jogo coletivo na esfera ofensiva. Houve momentos em que conseguiram seu objetivo, mas pouco a pouco foi se diluindo a possibilidade de gerar perigo à trave rival.

Com o passar dos minutos, a seleção argentina teve dificuldades para recuar, de maneira organizada, e defender sua trave, ficando na sua área e perdendo nos duelos individuais e no dois contra um que o adversário impôs pelas laterais. Por outro lado, a Colômbia, ao recuperar a posse de bola, saiu com velocidade com o objetivo de conseguir uma rápida transição de defesa ao ataque e assim, surpreender o adversário desprevenido. As mudanças realizadas pelo treinador colombiano deram mais movimento e profundidade ao jogo, e com dois excelentes gols gerados pelo setor esquerdo do ataque, a Colômbia conseguiu um triunfo transcendente com uma clara superioridade, tanto em jogo como em atitude.



Análise Final

Durante toda a partida, a seleção paraguaia manteve um sistema de jogo de duas linhas de quatro e dois atacantes de ponta, embora um deles estivesse um pouco atrasado. Enquanto a seleção asiática jogou na defesa com duas linhas de quatro, mais um centro-campista e um atacante. O Catar começou a partida um pouco desorganizado. Talvez tenha sentido a estreia na Copa, pois eram notórios o grande nervosismo e ansiedade de alguns jogadores, em erros pontuais, durante os primeiros minutos de jogo. Enquanto isso, a seleção paraguaia se manteve bastante aplicada, especialmente no primeiro tempo, onde logo no início abriu vantagem com um pênalti, que lhe deu a tranquilidade necessária para jogar com maior confiança.

Apesar de o Paraguai pressionar a equipe do Catar em algumas ocasiões, sua condução de jogo foi a de esperar o time asiático para sair com transições rápidas, especialmente com C. Domínguez e M. Almirón, seus jogadores mais rápidos, juntamente com J. Cardozo, como referentes de área. O time do Catar arriscou-se muito ao atacar, porque na defesa ficavam apenas seus dois centrais e o volante de marcação de frente. Apesar de recuarem muito rápido, os jogadores entregavam de bandeja muito campo ao ataque adversário.

No segundo tempo, o Paraguai, mesmo tendo conseguido fazer rapidamente o seu segundo gol, perdeu marcação na metade do campo. Cedeu

terreno ao Catar, que começou a conduzir a bola com um jogo muito lateralizado e lento no passe. Apesar de ter jogadores com boa técnica, estes não causaram prejuízos ao ataque, pois erraram pelo caminho, quando insistiram com suas chegadas à última zona paraguaia pelo centro do seu ataque.

Quando o Catar começou a elaborar seu jogo de maneira mais assídua pelas laterais, criou mais perigo. Chegou merecidamente ao empate com dois gols em 10 minutos, sendo o primeiro, em uma jogada individual de Almoez, e o segundo, depois de uma coordenação ofensiva pela direita com a participação de vários jogadores, e a chegada por trás de Boualem Khoukhi, que terminou em um movimento de ruptura pela zona central da área para vencer o goleiro paraguaio.

O resultado foi justo pois, apesar de ambos times terem feito por onde ganhar sua primeira disputa do torneio, não souberam aproveitar os momentos a favor durante o desenvolvimento do jogo.



Análise Final

O Uruguai iniciou o jogo com uma formação em duas linhas de quatro e dois atacantes de ponta. Uma equipe curta, tanto para defender como para atacar, com os pivôs duplos M. Vecino e R. Bentancur no meio-campo, exibindo muito boa técnica.

Estes volantes conduziram o plano de jogo, quer dizer, o posicionamento da equipe nas diferentes zonas do campo, a velocidade nas transições, a mudança de orientação e a abertura no momento do ataque. O Uruguai logo abriu vantagem, com uma bela manobra de N. Lodeiro, depois de um descuido de L. Suarez.

Com a liderança de seu goleiro e de seus dois centrais demonstrando segurança, seja por baixo ou no jogo aéreo, o Uruguai planejou sua tática apelando para as variações defensivas do time e contando com a projeção de seus laterais, que foram encarregados de dar amplitude ao ataque de maneira simultânea, a fim de criar superioridade numérica na zona defensiva equatoriana. Enquanto isso, os dois volantes externos, de excelente técnica e arranque, realizaram diagonais curtas para dentro, deixando amplitude aos laterais e vice-versa.

A seleção equatoriana, contudo, apesar de ter posicionado sua defesa de maneira similar ao esquema do Uruguai, começou jogando com um meio-campista e um atacante de ponta na ação ofensiva. O Equador dispôs-se a jogar como menos lhe convinha, com perna forte, disputas permanentes e trocas de bolas longas. Utilizar esse jogo quando o adversário é o Uruguai, pode ser muito

arriscado. Foi permanentemente desarticulado, e quase sempre superado no jogo aéreo defensivo.

A expulsão sofrida pelo Equador fez a seleção recuar e esperar em uma zona de metade do campo, onde não conseguiu uma boa contenção e passou a ser absolutamente dominada por seu rival, durante o restante do primeiro tempo.

No segundo tempo, o jogo permaneceu igual e o segundo e terceiro gol do Uruguai foram gerados por escanteios. Quando o Equador tentou conduzir a bola para criar jogo no ataque, não houve possibilidade, mesmo com as tentativas de J. Orejuela e A. Valencia, que não obtiveram reação do restante do time. Na parte ofensiva, conseguiu em toda a partida, apenas um escanteio a favor e um arremate na trave. A seleção uruguaia controlou o jogo como quis, sabendo que os três gols de diferença não seriam superados pelos equatorianos, ainda mais quando conseguiu o quarto, fechando o placar.

O resultado do jogo foi totalmente justo, pois a seleção uruguaia realizou uma grande tarefa defensiva e foi melhor ainda no aspecto ofensivo, onde se destacaram Cavani e Lodeiro, juntamente com Bentancur, que mostrou um excelente rendimento na metade do campo. Na equipe equatoriana, mesmo com os gols recebidos, Domínguez teve um desempenho razoável e, de acordo com a qualidade de jogo de seus atletas, com certeza o time poderia ter tido um resultado muito superior ao visto nessa partida, tanto que manteve sua chance de classificar-se para as oitavas de final.

Análise Final

A seleção do Japão iniciou esta partida exibindo uma linha de quatro defensores como um dos pontos fortes de uma defesa bem trabalhada, fechada por dentro e estruturada para controlar as bolas cruzadas. As coberturas dos volantes Shibasaki (7) e Nakayama (3) foram frequentes e fortaleceram o posicionamento da última linha, mas falharam os volantes exteriores, que não deram ao time o apoio necessário na defesa. Em geral, a marcação realizou o bloqueio esperando na metade do campo, com pouca pressão sobre o jogador que tinha a posse de bola, dando assim, tempo necessário aos jogadores chilenos para a elaboração de boas jogadas de ataque.

O Chile, com quatro defensores, três volantes e três atacantes, começou o jogo buscando ter a iniciativa e tentando defender-se com a posse de bola, mas sofreu ao perdê-la, já que enfrentou um adversário com transições rápidas de defesa ao ataque. Teve dificuldade em se armar na defesa, mais ainda porque ao recuar ficava com um volante central, dois volantes e dois atacantes por fora trabalhando na defesa, formando assim uma linha de quatro na frente do volante central. Em algumas ocasiões, a seleção japonesa encontrou a defesa chilena aberta, o que gerou algumas situações de gol, embora este não tenha acontecido.

O Chile projetou os laterais, gerando seu jogo a partir do volante central, para triangular com os volantes interiores e os atacantes até poder lançar a bola ao

espaço vazio. Já no final do primeiro tempo, a seleção chilena conseguiu um gol que lhe trouxe tranquilidade.

Na etapa final, o Japão chegou bem com os laterais que avançaram até ocupar o último terço do campo, mas faltou ao time o apoio dos volantes e um melhor aproveitamento das jogadas de ataque.

O Chile mostrou muita verticalidade no momento de chegar à área rival e, novamente, no início do segundo tempo, converteu e fez dois a zero. Em algumas ocasiões, encontrou a equipe japonesa desorganizada no fundo, o que lhe permitiu fechar o jogo com dois gols nos últimos dez minutos da partida.

Em geral, o Japão apresentou uma boa equipe, com jogadores inteligentes e de boa qualidade individual, com lucidez no jogo curto, mas com falta de discernimento nos momentos de definição. Enquanto isso, o Chile, que teve muito boa circulação de bola comandada por seu volante central, E. Pulgar, aproveitou as situações para gerar ataque e terminou o jogo com uma folgada e merecida vitória por quatro a zero sobre os japoneses.



Análise Final

No início da partida, a Bolívia apresentou-se com duas linhas de quatro, um meio-campista e M. Martins como único atacante de ponta. Todo o tempo, a equipe boliviana posicionou-se em campo tentando jogar uma partida de igual para igual com a seleção do Peru. Nesse primeiro tempo, viu-se o Peru levemente superior, tentando pressionar em cima, com uma linha de quatro compacta, dois volantes centrais, um meio-campista bem marcado e dois extremos, que trabalharam tanto na defesa, fechando a lateral, como no ataque, chegando com perigo por fora, buscando de maneira permanente juntar-se ao seu atacante de ponta, P. Guerrero.

O Peru, embora um pouco confuso no início, conseguia a posse de bola em alguns momentos, mantendo-a, de maneira equitativa, com a seleção boliviana durante todo o jogo. Apesar da equipe peruana ter tido bons momentos de ataque no primeiro tempo, foi a Bolívia que abriu vantagem com um pênalti por toque de mão dentro da área.

Quando a seleção boliviana constatou sua vantagem no placar, decidiu jogar com uma defesa em zona e de maneira organizada, esperando em seu próprio campo. Mas a pressão do Peru fez com que esta cometesse alguns erros em sua última zona que foram complicando as aspirações do time.

Para o Peru, foi decisivo o empate conquistado no final do primeiro tempo, quando C. Cuevas recuperou uma bola na metade de campo, posicionando-a com um passe espetacular a P. Guerrero que definiu com categoria.

Já no segundo tempo, o Peru controlou a partida e apareceu, juntamente com a arrancada de P. Guerrero, as saídas pelas laterais de L. Advíncula e M. Trauco, a elaboração de jogo de C. Cuevas e a figura de J. Farfán, que fez o segundo gol no início dessa etapa, com um golpe de cabeça depois de um grande lance ofensivo. A seleção boliviana foi dominada pelo seu adversário e, mais além do esforço realizado para igualar o placar, não conseguiu elaborar jogadas que gerassem perigo à trave peruana, e os esforços de M. Martins, que esteve muito sozinho em cima, não foram adiante. Portanto, a Bolívia ia perdendo suas possibilidades de empate na disputa, tendo então que arriscar-se a adiantar-se em terreno de jogo, mesmo que isso não significasse dar vantagens em sua extrema defesa. Por sua vez, o técnico boliviano, na metade do segundo tempo, tentou melhorar o rendimento de seu ataque com alterações. Colocou outro atacante para acompanhar M. Martins, mas a essa altura do jogo, o Peru dominava a partida e, sem maiores sobressaltos, controlou as tentativas do ataque boliviano, com uma defesa bem organizada.

Para além de haver demonstrado uma boa atuação, o goleiro Lampe não pôde evitar que o Peru, justificadamente, definisse a partida já no seu final, com um terceiro gol de seu volante Flores, que entrou para jogar os últimos dez minutos da partida e demonstrou com a definição, sua excelente técnica.



Análise Final

O Brasil apresentou uma formação inicial com uma linha de quatro, duas contenções, um meio-campista e três atacantes, formação similar à utilizada no primeiro jogo. Fez apenas uma substituição, Arthur, que entrou como titular no lugar de Fernandinho, mostrando durante toda a partida, uma defesa solvente e segura. A Venezuela exibiu uma equipe muito organizada, para defender usando um sistema formado por quatro defensores, um volante central, que teve pela frente uma linha de quatro volantes e seu atacante de ponta, S. Rondón.

A tática de jogo do Brasil foi atacar permanentemente seu adversário, tentar recuperar a bola e voltar a atacar. Foi asfíxica a pressão exercida sobre a Venezuela nos primeiros 20 minutos, mas as jogadas brasileiras e toda a superioridade em jogo não foram traduzidas em gol. Exceto em um momento quando a Venezuela tentou pressionar a saída, o Brasil trabalhou a bola de maneira brilhante, para terminar na área venezuelana com um arremate de Neres, que saiu apenas como tiro de meta.

Na segunda metade do primeiro tempo, a Venezuela igualou-se em dinâmica de jogo. Começou a chegar à área brasileira usando três atacantes e contando com o apoio dos volantes. Gerou algumas jogadas de perigo, como um lance de cabeça de S. Rondón, que passou muito perto da trave defendida por Alison.

O Brasil buscou por dentro e por fora, sem encontrar, no entanto, os caminhos para o gol, tampouco mostrando variações ofensivas eficientes. A Venezuela formou um bloco defensivo em seu campo, fechando muito bem as

laterais, impedindo a seleção brasileira de desarticular a defesa e de utilizar seu jogo aéreo. Não apareceu, na marcação homem a homem, um jogador que pudesse fazer a diferença e o arremate de meia distância, como arma para abrir uma defesa fechada, não foi utilizado pelo Brasil como deveria. Nas jogadas de bola parada, o time brasileiro tampouco conseguiu aproveitar oportunidades, já que a Venezuela cometeu muitas faltas perto de sua área.

Com a entrada de Everton, nos últimos minutos de jogo, o Brasil mostrou uma variação ofensiva mais eficiente no jogo individual. Encarou pela esquerda, desequilibrou e auxiliou seus jogadores em várias ocasiões, gerando muito perigo, mas não pôde chegar à rede venezuelana.

O empate sem gols administrado pela Venezuela foi fruto do grande trabalho tático defensivo realizado por jogadores muito solidários com o time, da inteligência para entender o jogo, da disputa por cada bola, como se fosse a última, e da valentia de colocar-se frente a frente com o Brasil em seu próprio território e conseguir um bom resultado. No âmbito individual, a equipe apresentou dois jogadores extraordinários: T. Rincón, jogador temperamental e líder do time, e Rondón, que joga somente por cima e encontra formas de administrar a bola, além de possuir um excelente jogo aéreo. Na equipe brasileira, destacaram-se Arthur, Everton e Alves, que apesar de mostrarem um grande nível, não conseguiram fragilizar a defesa venezuelana.



D.T. Carlos Manuel Brito

(45') ↑ S. Arias ↓ J. Medina
 (64') ↑ R. Falcao ↓ J. Cuadrado
 (74') ↑ L. Díaz ↓ R. Martínez

66%	Posse de bola	34%
14	Arremates	6
38	Cruzamentos na área	4
4	Tiros livres	6
13	Escanteios	1
2	Defesas	4
8	Faltas	7



D.T. Félix Sánchez

(66') ↑ Karim ↓ Aziz
 (83') ↑ A. Doozandeh ↓ H. Al Alhaydos

Análise Final

A seleção colombiana começou o jogo com quatro defensores no fundo, três volantes e três atacantes, que estiveram encarregados de efetuar a alta pressão proposta pelo time já no início da disputa. Com esta tática, tentou sempre recuperar a bola no ataque e impedir que o adversário saísse com a bola bem dominada de sua área, sendo essa estratégia uma característica da equipe. Enquanto isso, o Catar iniciou a partida com os mesmos 11 jogadores que atuaram no jogo anterior, mas com um sistema de jogo totalmente distinto. Apresentou uma linha de cinco zagueiros, três volantes e dois atacantes que tiveram uma atitude muito solidária na defesa de sua última zona, a fim de controlar os volantes colombianos. A equipe do Catar utilizou essa estrutura desde o início até o final da partida, abrindo mão de efetuar qualquer alteração em seu time.

A ideia do treinador foi de fechar os espaços e fortalecer o jogo aéreo no meio de sua zaga central e, para isso, colocou Boualem Khoukhi (16), seu melhor cabeceador, no meio da linha de três, completando com Cassam (15) pela direita, e com Tarek (5), pela esquerda.

Apesar da Colômbia ter tido o domínio da maioria das jogadas, encontrou dificuldades para penetrar na defesa bem fechada do Catar. Tentou também chegar ao gol através do jogo por elevação, já que o treinador colombiano decidiu pela entrada de D. Zapata como titular, no lugar de R. Falcao, com o fim de ter outra variação ofensiva com seu potente jogo aéreo. Contudo, foi impossível vencer a resistência da seleção

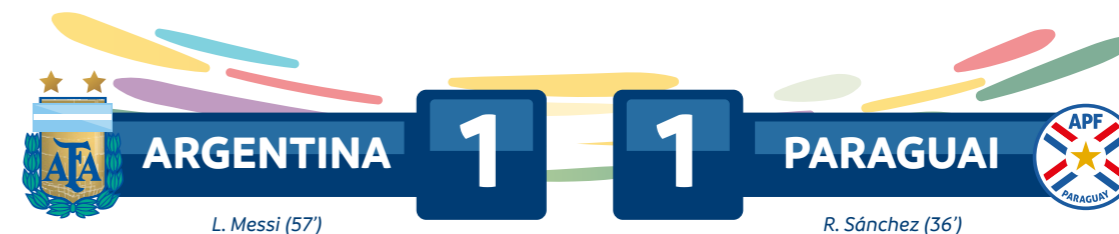
do Catar. O time asiático defendeu-se apelando aos escalonamentos e coberturas, fugindo dos passes filtrados e evitando ao máximo cometer faltas nas proximidades da área.

A primeira parte do jogo terminou com o domínio colombiano, e continuou dessa forma durante o segundo tempo, com a Colômbia adiantando suas linhas, mas tendo cuidado para estar bem articulada atrás, com o fim de não dar espaços para o contra-ataque de seu adversário.

Ofensivamente, a seleção do Catar foi totalmente neutralizada. Quando quis dispor da bola para armar seu jogo, não conseguiu, tentando ataques longos e rápidos que buscaram a velocidade de Almoez (19) e Afif (11) e foram permanentemente controlados pela defesa colombiana.

Na metade do segundo tempo, com a entrada de R. Falcao, o time colombiano ficou com dois atacantes de ponta. A equipe continuou buscando a abertura do placar até que, faltando cinco minutos, com uma brilhante assistência de J. Rodríguez, conquistou o merecido gol com uma cabeçada de D. Zapata.

O resultado do jogo foi justo. Ganhou a seleção que fez tudo para triunfar, apesar do Catar ter feito um grande trabalho defensivo, não chegou a incomodar a Colômbia, que teve um desempenho muito bom, tanto na defesa como no ataque, com um excelente rendimento de J. Rodríguez.



D.T. Lionel Sebastián Scaloni

(45') ↑ S. Agüero ↓ R. Pereyra
 (66') ↑ Á. Di María ↓ L. Martínez
 (86') ↑ M. Suárez ↓ R. de Paul

57%	Posse de bola	43%
6	Arremates	8
17	Cruzamentos na área	12
12	Tiros livres	14
2	Escanteios	3
3	Defesas	0
20	Faltas	19



D.T. Eduardo Manuel Berizzo

(71') ↑ Ó. Romero ↓ F. Santander
 (86') ↑ C. Ortíz ↓ M. Almirón
 (89') ↑ J. Escobar ↓ D. González

Análise Final

A seleção argentina se posicionou em campo com quatro defensores, quatro volantes e dois atacantes de ponta. Na hora de pressionar a saída paraguaia em três quartos de campo, R. Pereira se fechou, marcando por dentro e M. Casco foi até a metade do campo para pressionar sobre a lateral, mas esta alteração de posição nem sempre foi efetiva.

Com seis variações em relação ao primeiro jogo da Copa, o Paraguai iniciou com quatro defensores e dois volantes centrais bem marcados no aspecto defensivo, mas um deles sempre solto no ataque quando o time estava com a posse de bola.

A equipe paraguaia tentou pressionar o adversário nos três quartos de campo, mas diante do giro de bola efetuado pela Argentina, ia retrocedendo no campo até formar uma zona em seu próprio campo. M. Almirón, um dos três volantes dianteiros que faziam a contenção, mostrando uma permanente mobilidade, foi o criador do jogo mais importante dos paraguaios, realizando a referência mais ofensiva com F. Santander.

Geralmente, o Paraguai tentava atacar por fora, chegando com seus dois volantes externos como atacantes e contando com o contínuo apoio de seus laterais. Fez o gol depois de uma saída do fundo com uma corrida espetacular de M. Almirón, que chegou à linha de fundo, centro atrás e com o volante de contenção, R. Sánchez, que se deslocou pelo meio e conseguiu arrematar com precisão e colocar a equipe em vantagem.

No primeiro tempo, a Argentina tentou atacar com Messi, buscando receber a bola pelo lado direito para fazer a diagonal pelo meio e buscar o arremate, ou com incursões pelo centro da área, o que terminou sendo difícil para penetrar, devido a densidade dos jogadores do Paraguai nessa área.

No segundo tempo, viu-se uma Argentina com um jogo mais profundo. Com a entrada em campo de K. Agüero, que em poucos minutos jogando, recebeu magistralmente uma bola longa, mandou ao meio para L. Martínez, tocando seu arremate no braço de um defensor, para que Messi empatasse de pênalti. Já com um meio-campista claro e dois atacantes de ponta, a equipe elaborou boas triangulações com os volantes por dentro e criou um bom jogo, associado com Messi e com os dois pontas.

Contudo, cinco minutos depois do empate argentino, com uma profusa saída de fundo do Paraguai, D. González sofreu um Pênalti, que não conseguiu converter em gol.

Em meados do segundo tempo, houve a entrada de Di María e, embora a seleção argentina ganhasse em equilíbrio defensivo, não pôde imprimir superioridade na parte ofensiva, diante de um adversário bem posicionado, que se articulou muito bem em campo.

Em uma partida equilibrada, é digno ressaltar a atitude da equipe paraguaia, que se doou inteira até o final, com excelente preparo físico e um jogo notável de M. Almirón. A Argentina melhorou coletivamente com a entrada de K. Agüero, mas não gerou situações graves para a defesa guarani, portanto o resultado se mostrou ajustado ao processo da partida.



Análise Final

A seleção uruguaia iniciou o jogo sem surpresas, com apenas uma alteração em relação à primeira partida, motivada pela lesão de M. Vecino, que foi substituído por L. Torreira. Tampouco variou seu sistema de jogo inicial, com duas linhas de quatro e dois atacantes de ponta. O Japão, por sua vez, começou o jogo distribuindo seus jogadores em uma formação similar àquela apresentada pela seleção celeste. A linha de quatro defensores foi um dos pontos fortes mostrados pela equipe, com boas coberturas realizadas pelos volantes que deram uma importante ajuda ao sistema defensivo, principalmente Shibusaki (7), o maior responsável por estas.

Ambos times esperaram seu adversário na área da metade do campo, pressionando mais em cima somente quando a situação assim o exigia.

A seleção japonesa saiu para o domínio do jogo com posse e giro de bola, imprimindo velocidade em suas jogadas, o que complicou a seleção celeste. O Uruguai tentou neutralizar a iniciativa japonesa, buscando a posse de bola e, uma vez conquistado seu domínio, mostrou-se um pouco lento e impreciso nos seus giros. Tentou chegar pelos lados, especialmente pelo setor direito, conseguindo uma excelente e rápida transição de defesa-ataque que, mesmo numa cabeçada de Suárez, diante do centro de E. Cavani, não pôde ser definido.

Fiel ao seu estilo, o Japão conseguiu fazer o primeiro gol da partida em uma rápida transição de defesa-ataque. Foi o momento preciso no qual o lateral esquerdo uruguaio

D. Laxalt estava sentindo, com uma lesão muscular que o impediu de chegar à marcação do jogador que fez o gol do Japão.

Em várias ocasiões, o Uruguai tentou como variante, chegar à trave adversária de maneira direta, pela zona central. Justamente em uma dessas tentativas, conseguiu o empate através de um pênalti marcado por L. Suárez, diante de uma falta contra E. Cavani, que ocorreu exatamente na zona central da defesa japonesa.

O segundo tempo foi mais atraente pela dinâmica de ambas equipes. O Uruguai melhorou na precisão dos seus passes, e quando começava a dominar o jogo, o Japão conseguiu um gol, após um movimento pela esquerda, que conectou o artilheiro japonês Nakajima, depois de um rebote.

O time uruguaio, com muita garra e algum futebol, conseguiu encurralar seu adversário, especialmente depois da entrada de De Arrascaeta, que se posicionou pela direita e conseguiu formar uma dupla interessante com G. González pela lateral. Mais precisamente pelos setores laterais, o Uruguai chegava e trabalhava bem a bola, entretanto, conseguiu empatar da forma que mais o caracteriza, de cabeça com um escanteio. A bola aérea defensiva causou grandes dificuldades aos japoneses, que nestes lances perderam a maioria dos duelos com os uruguaios. A seleção uruguaia terminou dominando a partida, buscando o gol da vitória, mas lhe faltou o pontapé decisivo, já que o Japão soube se defender na etapa final. Suárez, Bentacur e Cavani se destacaram no Uruguai, enquanto no Japão, Nakajima foi o melhor.



Análise Final

A seleção equatoriana precisava muito de uma vitória, depois de haver perdido na estreia. Portanto, devia sair para o jogo desde o início. Apresentou uma linha de quatro, três volantes na frente e dois mais adiantados, que se transformavam em atacantes nos momentos ofensivos do time, juntamente com E. Valencia. Na defesa, usou duas linhas de quatro, que não foram suficientes para barrar a equipe chilena, que com três volantes e três atacantes ocupando toda a frente de ataque, pressionava na zona alta. Nessa área, a equipe conseguiu tirar o domínio da bola, abrindo vantagem já no início do jogo, com um arremate de fora da área de J. Fuenzalida, depois de um rebote de escanteio.

Esse lance condicionou a partida para o Equador, pois o gol chileno nos primeiros minutos fez com que o time alterasse seu plano e atitude, recuperando a posse de bola mais rápido e protegendo-a com a mobilidade inteligente de seus jogadores. Enviou o Chile ao seu campo e saiu da sufocante pressão imposta por seu adversário nos primeiros minutos. Conquistou o merecido empate quando J. Méndez recebeu um passe em profundidade e sofreu um pênalti que E. Valencia converteu em gol. A partir daí, a dinâmica da partida foi equilibrada quanto ao domínio de jogo.

No segundo tempo, os primeiros minutos foram similares à primeira parte, com o Chile pressionando a saída do Equador, recuperando a bola no último terço

do campo, e com A. Sánchez fazendo o segundo gol do centro à rede que entrou de primeira.

A seleção chilena não se acomodou e continuou sua estratégia de jogo. Apresentou uma ótima distribuição de bola, que começava por seu volante central, E. Pulgar, infiltrado entre os zagueiros, e uma excelente visão de jogo. Os laterais estiveram em contínua posição de ataque, bem abertos, já que os extremos se fechavam em direção ao meio para dar espaço pelos lados.

O Equador tentou reagir como fez no primeiro tempo, apelando à garra. Alterou duas vezes o sistema de jogo, quando passou a jogar com dois atacantes e já no final da partida, deixou praticamente uma linha de três zagueiros com a intenção de chegar com mais jogadores ao ataque, entretanto não foi profundo e não conseguiu gerar situações claras de gol. A situação piorou quando ficou com um jogador a menos.

Com a entrada de P. Díaz na lateral direita, a seleção chilena fortaleceu a zona de volantes com C. Aranguis de meio-campista, abrindo mão de um atacante, com o fim de reforçar sua defesa nos últimos vinte minutos e praticamente fechar a partida. Com a expulsão de G. Achiller, o Equador já não pôde fragilizar a defesa chilena, que teve um encerramento de jogo excelente, além de um total domínio da partida com um notável rendimento de seu volante central, E. Pulgar.



Análise Final

A seleção boliviana começou o jogo com uma linha de quatro e dois volantes de contenção que manteve durante os 90 minutos. Mais além das alterações realizadas, não realizou maiores mudanças em seu esquema, mantendo os três volantes na frente dos de contenção e M. Martin como único atacante, embora tentasse chegar com vários jogadores ao ataque.

O sistema de jogo inicial da Venezuela, como visto em todo o campeonato, usou suas duas linhas de quatro, um jogador de contenção no meio delas e S. Rondón como referente de área. O time armou seu sistema ofensivo com três atacantes, buscando sempre a profundidade de seus volantes extremos, que em várias ocasiões estiveram posicionados atrás da defesa boliviana.

A seleção da Bolívia não apresentou uma defesa organizada. Já no início da partida, um avanço de Machís com uma cabeçada na área boliviana, deu o gol para a Venezuela, que ficou tranquila para comandar o jogo. A Bolívia tentou fazer pressão. Em alguns momentos, tirou a posse de bola, mas não conseguiu passar pela defesa adversária. A equipe venezuelana esperou seu volante na metade do campo. Continuou atacando a seleção da Bolívia, deixando seu goleiro Lampe, descansando na trave.

Em quase toda a partida, a Bolívia foi incapaz de superar a intensidade imposta por seu rival. Tentou atacar quase sempre pela direita, com transições

rápidas do meio para frente, mas poucas vezes conseguiu dominar seu adversário.

No segundo tempo, a entrada de Soteldo trouxe também uma mudança de tática na Venezuela. O time passou ao sistema de duas linhas de quatro e um meia que, jogando amplamente por todo o campo, consolidou-se como o eixo do time no controle da bola.

De fato, depois que Machís, o melhor jogador da partida, marcou o segundo gol e a Bolívia descontou com Justiniano, um desequilíbrio e posterior lançamento para a área de Soteldo, permitiram que a Venezuela fechasse a partida com um gol de outro jogador que entrou no segundo tempo, Martínez, e um resultado condizente com o jogo demonstrado por ambas equipes.

É importante destacar o rendimento do goleiro boliviano Lampe, que apesar dos três gols sofridos, teve uma boa atuação. A seleção venezuelana exibiu o domínio absoluto e, com este resultado, classificou-se com justiça para as quartas de final.



Análise Final

O time do Peru iniciou a partida com duas linhas de quatro e com J. Farfan e P. Guerrero na ponta. Mostrou uma boa atuação até o minuto 11, pressionando o adversário, gerando algumas dificuldades nas saídas, e conseguindo tomar a posse de bola dos volantes brasileiros. A equipe do Brasil, por sua vez, apresentou uma formação inicial com três volantes e três atacantes, e ainda uma linha de quatro bem marcada, com a rotação contínua de seus volantes e atacantes, o que dificultou um pouco a percepção de sua estratégia tática principal, pois Coutinho e Alves apareceram muito no ataque.

A equipe peruana, depois do revés sofrido com o primeiro gol brasileiro, perdeu muito fôlego diante da postura agressiva do adversário, que não dava espaço e dificultava suas jogadas.

Depois do primeiro gol brasileiro, o Peru não conseguiu manter a posse de bola e seu adversário teve facilidade para conduzir a partida a seu modo. O time peruano tentou pressionar, marcando em bloco meio-baixo, mas não obteve o resultado esperado, dando ao Brasil a possibilidade de decidir as melhores opções de ataque. Ao não conseguir a posse de bola, a seleção peruana mostrou muita dificuldade para tomar o controle do jogo. No aspecto individual, a situação foi ainda mais difícil principalmente para Advíncula, que teve problemas, durante toda a disputa, para marcar um jogador muito rápido e hábil, como Everton.

O Brasil não variou sua tática de jogo durante toda a partida. Fez as substituições, embora sem modificar, em nenhum momento, sua estrutura, propondo um jogo de ataque constante, que buscava recuperar a bola imediatamente depois de perdê-la, para voltar a atacar.

No time peruano, a entrada de Ballón no lugar de Cuevas não foi uma solução, sendo pobre a resposta defensiva em jogadas de bola parada, como por exemplo, no primeiro gol.

Foi possível apreciar uma defesa muito sólida e segura do Brasil. O sistema ofensivo mostrou uma série de variações que o time havia usado antes sem, contudo, conseguir maiores resultados até esse momento. A equipe brasileira aproveitou o jogo aéreo para fazer o primeiro gol com uma jogada ensaiada e Everton, com uma atuação desestabilizadora, abriu defesas e se destacou no jogo individual. Igualmente, em muitas oportunidades, utilizou a chegada de seus laterais, buscando rupturas na defesa pelas faixas internas, conquistando sua recompensa no quarto gol, por essa via, feito por D. Alves.

Foi uma partida onde prevaleceu a postura agressiva da seleção brasileira, que teve a iniciativa no jogo, e nem mesmo as modificações realizadas pelo treinador foram capazes de levantar o nível de jogo da equipe peruana. O resultado se ajusta ao processo da partida, uma vez que houve uma grande diferença entre os dois times, especialmente na condução da bola, o qual fala por si só resultado de 65% de posse de bola apresentado pelo Brasil.



Análise Final

A seleção do Catar apresentou nesse jogo a mesma configuração tática utilizada no seu último encontro com a Colômbia: cinco defensores, três volantes e dois atacantes, que já vinham jogando em partidas anteriores, embora Afif (11) também o tenha feito como volante. Faltaram à equipe talvez, os dois melhores jogadores no torneio, Abdelkarim (3), lateral esquerdo, e Madibo (23), volante central.

Sua estratégia foi esperar a Argentina em seu bloco meio baixo, dar-lhe protagonismo e iniciativa, para depois sair com a bola dominada e elaborar o jogo a partir de sua própria área. Mas a inexperiência e fragilidade defensiva levaram o time asiático a cometer erros muito importantes.

A seleção argentina não mudou muito em aspecto tático, jogando com seus quatro defensores, um meio-campo de bom desempenho com a bola, e dois volantes nos lados. A posição de Messi variou um pouco com relação ao que vinha fazendo, movimentando-se mais no jogo, buscando os espaços pelo centro do ataque pelas costas, e dos lados dos volantes do Catar. A alta pressão planejada pelo treinador argentino, nos primeiros minutos da partida, deu seus frutos quando a equipe fez um gol aos dois minutos, graças a um passe interceptado por L. Martínez na beira da área, que com um arremate preciso concretizou a abertura.

A seleção argentina teve algumas dificuldades na hora de defender pelo centro de sua zona defensiva. Jogou com um só meio-campo, que apesar de mostrar uma

grande condição física, teve dificuldade para controlar os esporádicos ataques da equipe asiática. Na metade do primeiro tempo, apareceu o melhor do Catar no encontro, pois o time melhorou na condução da bola e teve algumas aparições perigosas na parte ofensiva. As subidas de Pedro Correa (2) pela direita, complicaram a defesa argentina e, perto do final, o Catar teve a possibilidade mais próxima de gol, com um tiro livre executado por Bassam (15), que bateu na vertical da trave de Armani.

No ataque, a Argentina teve algumas incursões pelo setor central da defesa do Catar, onde deu muito trabalho e buscou também chegar com seus laterais, que se projetaram com erros e acertos.

No segundo tempo, o Catar apresentou uma equipe passiva, sem posse de bola e mostrando falta de atitude para ir atrás do empate. Na metade desta etapa, seu treinador fez uma alteração, quando colocou Alahrak (9), volante, em campo no lugar de Al Hajri (14), defesa central, tentando melhorar as coisas com uma formação 1-4-4-2, mas sem conseguir mudança alguma. Desta maneira, viu chegar o segundo gol de seu adversário, que definiu totalmente o jogo. A Argentina, que sempre pressionou sobre as laterais, conseguiu recuperar a bola no setor direito de seu ataque e terminou com uma excelente manobra pessoal de K. Agüero, que definiu de maneira brilhante. A partida terminou deixando uma pálida imagem do Catar.

Análise Final

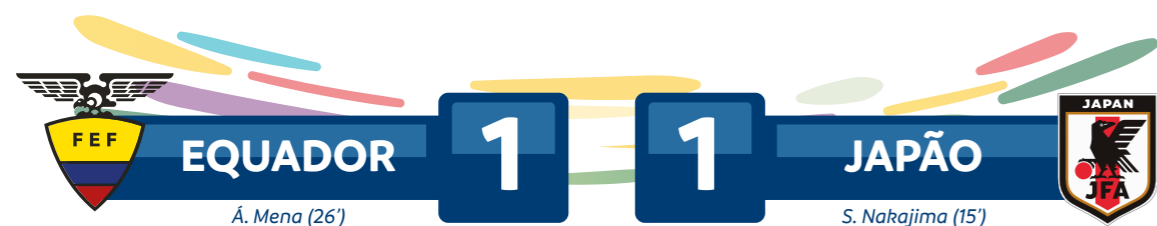
Para encarar o terceiro jogo da fase de grupos e já classificada, a Colômbia iniciou com dez mudanças com relação à partida anterior, com o fim de deixar vários de seus jogadores descansarem. Começou jogando com uma linha de quatro habitual, um meio-campo, que nesta ocasião foi Cuéllar, bem acompanhado por dois interiores, Lema e Cardona, estando este último muito participativo na recuperação da posse de bola. Todos trabalharam para fechar espaços, atrasar o jogo e, a partir daí, pressionar fundamentalmente nos lados. Com um rápido recuo dos dois extremos ofensivos, Cuadrado e Díaz, para conter a seleção paraguaia em seu campo, e mais adiantado, Falcao procurou interceptar a circulação da bola pela zona dos volantes. A equipe colombiana se defendeu de maneira acertada, consolidando a tática proposta, com singular êxito.

Enquanto isso, o Paraguai começou a partida com uma linha de quatro fixa no fundo, dois volantes centrais, três mais adiantados, dos quais os extremos se transformavam em atacantes por fora. Almirón, com uma mobilidade contínua por todos os setores do campo, deu respaldo a Cardona, que jogou como referente de área. Iniciou o jogo pressionando a Colômbia na saída, e por causa disso, aos dois minutos de jogo, D. González aproveitou uma jogada individual com o goleiro Montero. Quando a partida estava equilibrada, o time colombiano recuperou a bola pela direita de seu ataque em uma tentativa de sair do fundo do Paraguai, finalizada por Cuéllar com um arremate enviesado que terminou com a bola na rede.

Daí para frente, a seleção colombiana gerou algumas oportunidades no ataque que incomodaram a defesa paraguaia, enquanto esta insistiu no jogo de alta pressão, recuperando bolas em campo contrário, mas sem a eficácia necessária para criar situações claras de gol.

Já no segundo tempo, à medida que passavam os minutos, a seleção colombiana foi se mostrando superior ao seu adversário, conduzindo o encontro com certa tranquilidade. O Paraguai não se acomodou, mas não teve qualidade para gerar jogadas. Aos quinze minutos do segundo tempo, J. Rodríguez entrou em campo e a equipe da Colômbia ficou com duas linhas de quatro mais marcadas, pois o jogador não manteve uma posição fixa, e isso gerou uma certa insegurança, uma vez que o mesmo participava de algumas rápidas transições de defesa a ataque, embora sem conseguir finalizar os lances com sucesso.

A Colômbia, apresentando um ótimo desempenho de seu volante central Cuéllar, conquistou sua merecida terceira vitória em três partidas disputadas. Enquanto isso, o Paraguai apesar do grande rendimento de Alarcón, teve que esperar até o final da fase de grupos para saber se estava classificado para as quartas de final, já que contava apenas com os dois pontos recebidos nos jogos com a Argentina e com o Catar.



54% Posse de bola	46%
11 Arremates	15
23 Cruzamentos na área	15
12 Tiros livres	12
4 Escanteios	3
5 Defesas	1
14 Faltas	15

D.T. Hernán Darío Gómez

- (45') ↑ E. Preciado ↓ J. Méndez
- (73') ↑ L. Chicaiza ↓ Á. Mena
- (82') ↑ A. Valencia ↓ R. Ibarra



D.T. Hajime Moriyasu

- (65') ↑ A. Ueda ↓ S. Okazaki
- (82') ↑ H. Abe ↓ K. Miyoshi
- (87') ↑ D. Maeda ↓ K. Itakura

Análise Final

A seleção equatoriana começou jogando com uma linha de quatro, um volante central e outra linha de quatro volantes, que tentavam ser ofensivos e pressionar a saída do adversário, visto que os volantes exteriores eram a primeira marcação quando o Japão tentava sair jogando do fundo. Obteve uma oportunidade de gol quando, numa alta pressão e diante da tentativa da seleção japonesa de fazer uma jogada curta, recuperou a posse de bola no ataque, contudo E. Valencia, na beira da área, arrematou desviado. O Japão, com duas linhas de quatro e dois atacantes de ponta, defendeu em bloco na zona média do campo de jogo, iniciando a pressão sobre o meio-campista ofensivo para que este não recebesse os lances. Manteve seus dois atacantes, Kubo (21) e Okazaki (18) por dentro, obrigando seu rival a usar as laterais para sair jogando.

A seleção japonesa, fiel ao seu estilo, com boa condução de bola, tentando chegar à área equatoriana dominando a jogada, gerou uma disputa individual com o goleiro Domínguez, mas seu movimento curto foi neutralizado por Nakajima, que com a trave livre, marcou para sua equipe.

O Equador se desorganizou de forma que as duas linhas de quatro e o volante mais defensivo, que tentaram controlar o ataque japonês, não foram suficientes para conter a ofensiva adversária, predominante no jogo até os 35 minutos. Nesse momento, diante de uma tentativa de saída curta do Japão, a equipe equatoriana pressionou, recuperando a posse de bola e, depois de

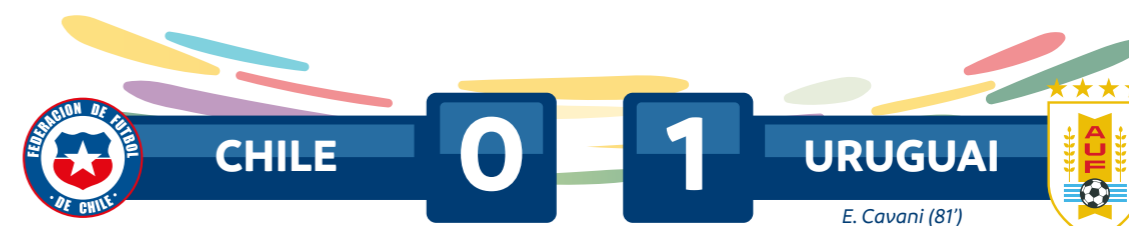
uma triangulação pela direita e posterior centro de área, Mena fez um rebote que empatou a partida.

Na segunda etapa, o time japonês marcou majoritariamente no toque baixo, mantendo ideia de ceder as laterais ao Equador para sair jogando. A equipe se manteve sempre muito compacta, causando muitas dificuldades ao seu rival, na zona de criação. A última linha japonesa novamente deu um bom suporte aos volantes, mostrando-se segura.

O Equador, enquanto isso, alterou seu esquema tático durante o segundo tempo, passando a jogar com três atacantes, soltando os dois laterais e os dois volantes, arriscando muito na defesa, mas chegando com muitos jogadores ao ataque. Faltou segurança à equipe na hora de tomar decisões e houve um pouco de ansiedade de alguns atletas para finalizar as jogadas. Isso levou o adversário a criar algumas situações de perigo com Kubo e Nakajima, infiltrando-se por dentro, contudo o Japão também não conseguiu finalizar.

A partida terminou com um empate, que não serviu a nenhum dos dois times, dado que com esse resultado, perderam ambas equipes a chance de classificação.

O Japão se despediu da Copa América com jogos interessantes, com posse de bola e bons valores individuais, deixando a sensação de que com um pouco mais de maturidade poderá realizar melhores campanhas no futuro.



54% Posse de bola	46%
9 Arremates	8
15 Cruzamentos na área	18
12 Tiros livres	13
5 Escanteios	5
0 Defesas	2
18 Faltas	17

D.T. Reinaldo Rueda

- (54') ↑ I. Lichnovsky ↓ G. Medel
- (77') ↑ A. Fernández ↓ E. Vargas
- (89') ↑ N. Castillo ↓ G. Jara



D.T. Óscar Washington Tabárez

- (45') ↑ N. Nández ↓ N. Lodeiro
- (75') ↑ J. Rodríguez ↓ G. de Arrascaeta
- (91') ↑ S. Coates ↓ F. Valverde

Análise Final

Com quatro variações e alterando o sistema inicial com relação à última partida disputada, R. Rueda planejou o jogo para iniciar com uma linha de cinco e três volantes. Sua ideia foi posicionar-se bem na defesa e ser um time que se caracteriza por manter a posse de bola e por sua superioridade numérica na metade do campo. A seleção uruguaia, com suas duas linhas de quatro características e os dois atacantes, Cavani e Suárez, defendeu-se muito bem, sem grandes sobressaltos, com uma zona bem posicionada em seu campo e com tentativas esporádicas de recuperar a posse de bola na zona alta. O plano de jogo defensivo do Chile baseou-se em cortar o circuito de jogo do Uruguai, com Díaz e Opazo tomando a subida de Lodeiro e de De Arrascaeta nas laterais, e os três centrais, Medel, Jara e Maripán, em superioridade numérica por dentro na marcação de Suárez e Cavani. Pulgar na zona central e os dois interiores, Aránguiz e Hernández, em jogada individual com o dobro de contenção do Uruguai.

Nos primeiros 25 minutos, o Chile dominou o jogo com uma boa movimentação defensiva e maior posse de bola, chegando em ofensiva sempre pela direita, já que o Uruguai mostrou mais dificuldade defensiva neste setor. A seleção uruguaia demonstrou um grande preparo físico na recuperação da posse de bola no seu campo, iniciando sua ofensiva com lances longos a partir dos seus centrais ou mesmo do goleiro, buscando diretamente os atacantes. Na metade do primeiro tempo, pressionou a saída do Chile e, com um maior protagonismo de De Arrascaeta, a equipe dominou a bola e gerou mais futebol.

No segundo tempo, o jogo continuou muito disputado e vibrante, com muito empenho de cada um dos jogadores, com alternância de ataques e jogadas de perigo para ambos lados. A presença de Nandez fortaleceu o espírito de luta uruguaio que, com garra e coração controlou o jogo. Como resultado da disputa, quando só o futebol já não é suficiente e a equipe passa a depender do talento individual de dois artilheiros de nível mundial como Suárez e Cavani, o time uruguaio obteve seu prêmio a poucos minutos do fim da partida. Depois de uma excelente coordenação ofensiva de vários jogadores, Suárez colocou Rodríguez, que acabava de entrar, em posição e este fez um lançamento para a área perfeito da esquerda para Cavani, que deu uma cabeçada notável para fazer um a zero.

O Chile se lançou sobre a trave uruguaia enviando cruzamentos de área e Tabárez respondeu no campo tático, colocando Coates, com quem formou uma linha de cinco no fundo, controlando as jogadas até o final do jogo, para encerrar as possibilidades de empate chileno.

Opazo, no Chile, e Suárez e Cavani, no Uruguai, destacaram-se em uma excelente partida com muita garra, futebol e uma luta tática de seus técnicos do princípio ao fim, tentando minimizar o potencial de seu adversário e fortalecendo os aspectos vigorosos de suas equipes, com um grande preparo físico, especialmente do time uruguaio, algo característico em sua história.



Análise Final

A equipe brasileira enfrentou o difícil adversário Paraguai, com uma formação inicial de 1-4-3-3, enquanto o time guarani jogou toda a partida com duas linhas de quatro, utilizando Almirón como meia atacante e com D. González movimentando-se por toda frente de ataque. A defesa e o meio-campo paraguaio foram impenetráveis ao ataque brasileiro, não só porque a equipe esteve constantemente bem posicionada, senão que apresentou uma proposta de marcação com referências individuais em todo o campo, coisa que o Brasil não pôde decifrar nessa primeira metade de jogo. Arzamendia, por exemplo, marcando Dani Alves de forma individual, e Hernán Pérez bloqueando Felipe Luis, neutralizaram os laterais brasileiros, acostumados a chegar com perigo ao ataque. O meio-campo Almirón se encarregou de Allan, Sánchez encarou Coutinho, e C. Ortiz controlou Arthur. Dessa forma, com uma disciplina tática impecável, o Paraguai abortou todas as tentativas de ataque do Brasil, impedindo também a jogada individual.

O sistema de jogo utilizado pelo Brasil nesta Copa foi bastante ofensivo, com rápida recuperação da posse de bola para voltar novamente ao ataque. Não conseguiu impor esse ritmo por todo o primeiro tempo, diante de uma marcação forte e de muito sacrifício, chegando ao ponto em que as três substituições realizadas pelo treinador paraguaio no segundo tempo foram três da linha de quatro apresentada pelo time guarani.

O Brasil, confuso, não conseguiu jogar com tranquilidade na criação do jogo, além das situações de gol que criou no segundo tempo, onde foi superior ao seu adversário.

Ainda no segundo tempo, o encontro seguia a mesma linha até a expulsão de Balbuena, zagueiro central do Paraguai, à meia hora do final da partida. Nesse momento, muita coisa mudou. O Paraguai colocou um zagueiro central, B. Valdez, para rearmar a defesa e manteve as duas linhas de quatro. O Brasil, por outro lado, também alterou seu esquema tático. Ficou com três jogadores em sua linha defensiva – três volantes e quatro atacantes – com a entrada de Willian na ponta direita no lugar de um volante, mesmo assim, não conseguiu vencer o bom goleiro Fernández.

A última meia hora de jogo foi de ataque permanente do Brasil sem encontrar o gol, e o Paraguai apenas se defendendo.

Ao terminar sem gols, a partida foi definida nos pênaltis, nos quais a equipe brasileira foi mais efetiva.

Na defesa, o Brasil continua mostrando muita segurança. Tenta jogar longe do seu gol através de uma pressão sobre seus rivais e, quando não consegue, recua com solvência. Até aqui não havia tomado gols no campeonato e, nessa partida, mostrou-se superior ao seu adversário, classificando-se para as semifinais com justiça, mesmo que o tenha conseguido na disputa de pênaltis.

Análise Final

A seleção venezuelana, que por méritos próprios chegou à fase de quartas de final, dispôs-se a jogar essa partida com as mesmas armas que lhe trouxeram bons resultados na fase de grupos. Uma defesa de quatro zagueiros bem posicionada, com Moreno na frente, e a linha de quatro volantes, cujos extremos se transformaram em atacantes nos momentos ofensivos, como foi o caso de Murillo e de Machís, e com o excelente atacante Rondón, complementando a investida. Enquanto isso, a seleção argentina, que também mostrou uma linha de quatro bastante efetiva durante todo o jogo, apresentou um losango na metade do campo, com Messi como meia atacante, especialmente para receber a bola, chegando permanentemente e cumprindo a função de atacante por toda a frente ofensiva.

O oportunismo de L. Martínez, com uma bela definição aos dez minutos de jogo, e depois da execução de um escanteio, foi o ponto chave para mudar a dinâmica da partida que, especialmente a Venezuela, havia previsto diante de um rival extremamente difícil de conter, com jogadores capazes de desequilibrar qualquer defesa.

A equipe venezuelana mostrou um bom jogo de conjunto e adaptação aos diferentes momentos da partida, com boa movimentação de bola na metade do campo, mas com escassas chegadas de real perigo para a trave rival.

A Argentina, além do gol feito, teve um bom início de jogo, pressionando na saída venezuelana e tentando recuperar a bola rapidamente para atacar de maneira frontal, com a Venezuela saindo do fundo.

No segundo tempo, a Venezuela, com uma defesa muito firme e boas coberturas, não deu espaço aos atacantes adversários, saindo para buscar jogo e melhorando assim o que havia feito no primeiro tempo, pensando mais em seu ataque que em manter uma defesa fechada. Mas ao mudar o sistema de jogo, na metade do segundo tempo, para ficar com dois volantes de contenção e praticamente quatro no ataque, não demorou muito para que a Argentina começasse a chegar melhor, infiltrando várias bolas entre linhas. Desta maneira, a equipe argentina dominou a partida com um jogo acertado do seu meio campo, especialmente pelos lances de De Paul e Paredes.

As entradas de Di María no lugar de Martínez e de Lo Celso no lugar de Acuña fortaleceram ainda mais o meio-campo, que passou a ter duas linhas de quatro. A equipe começou a jogar mais em bloco, reduzindo os espaços em campo. Messi se apresentou mais solto e entrando mais no jogo, inclusive colaborando quando a Argentina pressionava na saída da Venezuela, agindo da mesma forma no segundo gol marcado por Lo Celso, depois de uma recuperação de bola de De Paul e posterior arremate de Agüero que desequilibrou o goleiro Fariñez.

O resultado da classificação foi justo por tudo o que se viu na partida, na qual a seleção argentina foi superior e marcou gols em momentos chave da disputa. O primeiro deu a tranquilidade que a equipe precisava para conduzir o jogo e, o segundo, quando faltavam quinze minutos para sua finalização.



Análise Final

Em uma partida muito equilibrada do princípio ao fim, a Colômbia começou jogando com uma linha de quatro, três volantes e, como atacantes, J. Rodríguez, que começou pela direita e depois se movimentou por toda a zona ofensiva, e R. Martínez pela esquerda, com Falcao no centro do avanço.

O Chile, com o mesmo sistema inicial de jogo da Colômbia, posicionou A. Sánchez pela esquerda, e Vargas e Fuenzalida pelo setor direito do ataque. O sistema utilizado por ambos foi bastante parecido, com a intenção de iniciar o jogo do fundo com seu volante mais atrasado, Barrios, na Colômbia, e Pulgar, no Chile. Dessa maneira, a proposta da seleção colombiana com a bola em seu poder no início da partida, foi a de adiantar os dois laterais à linha dos volantes, e um dos volantes à linha de ataque para formar duas linhas de quatro na ofensiva. Exerceu pressão sobre a equipe chilena e, nos primeiros minutos, recuperou um par de bolas que não conseguiu aproveitar para gerar perigo. Por outro lado, o Chile começou a girar a bola. Seus laterais começaram a projetar-se e chegou com perigo à trave de Ospina, especialmente pelo setor direito da defesa colombiana, visto que o time teve dificuldades em recuar por esse setor. Com alternância de ataques, o primeiro tempo foi interessante, com Investidas das duas equipes que foram controladas por suas defesas.

O segundo tempo começou sem alterações na dinâmica da partida, com chegadas para ambos lados. O Chile, armou sua defesa em bloco para encarar a

Colômbia de frente e, desta maneira, pressionar o jogador com a posse de bola e tentar recuperá-la o mais rápido possível, ou procurando gerar erros de seu adversário. Com a volta de Pavez, a seleção chilena reforçou a metade do campo com Aránguiz voltado para a direita, perdendo um extremo em lateral com a saída de Fuenzalida, contudo criando muito jogo por dentro. Quase sempre teve superioridade numérica contra os volantes colombianos, mas perdeu força na zona de ataque.

A Colômbia, por sua vez, com a entrada de Cardona, não sofreu grandes mudanças, mas alterou imediatamente seu perfil, com a entrada de L. Díaz no lugar de R. Martínez, deslocando-se o primeiro com mais rapidez pela zona esquerda de sua defesa, trabalhando muito como volante para colaborar na tarefa defensiva da equipe. Tentou também chegar ao ataque por esse setor, mas não conseguiu intimidar a defesa chilena. Já perto do final do jogo, as duas equipes se mostraram um pouco cansadas pelo esforço realizado, pois ambas protagonizaram uma partida intensa, com chegadas para os dois times, porém sem conseguir alcançar a trave rival.

Depois de haver observado uma partida muito equilibrada em todos os seus lances de jogo, a definição por pênaltis premiou o Chile, que se classificou para as semifinais, convertendo os cinco pênaltis executados. Os volantes Vidal, no Chile, e Barrios, na Colômbia, foram os de maior destaque em uma disputa vivida com muita intensidade dentro e fora do campo.



Análise Final

O Uruguai apresentou sua formação habitual na disputa contra o Peru: duas linhas de quatro e dois atacantes. O esquema de jogo foi o de bloquear a equipe peruana no seu terço médio e tentar atacá-la permanentemente. Foi difícil, no princípio, conseguir esse propósito, mas na metade do primeiro tempo, o time uruguaio começou a impor seu jogo e assim se manteve até o final da partida. Na defesa, comportou-se muito bem. Quando não pôde tirar a bola do adversário no terço médio do campo, recuou em direção à sua última zona e controlou totalmente o ataque do Peru.

Enquanto isso, o Peru começou a partida com uma formação inicial com quatro defensores no fundo, um volante de contenção mais adiantado e quatro volantes na frente. O único atacante de ponta foi Guerrero, que jogou sozinho. De qualquer maneira, Cueva, o volante mais ofensivo, que não jogou em uma posição fixa, teve dificuldade em recuar, motivo pelo qual, em algumas ocasiões, a equipe se defendeu utilizando duas linhas de quatro. Durante quase todo o jogo, armou um bloco central e conseguiu conter o setor ofensivo uruguaio, que possui uma grande qualidade. Deu pouca possibilidade ao adversário de infiltrar-se dentro da área, com uma defesa bem posicionada e segura.

O Uruguai também fez um grande trabalho defensivo, prova disso é que seu rival não arrematou nenhum tiro ao gol em toda a partida.

No ataque, teve dificuldades em armar um jogo elaborado e não teve ninguém nas laterais que pudesse romper o cerco defensivo armado pelo time peruano. Mas apesar dessas limitações, criou várias situações favoráveis. De fato, teve 3 gols anulados e ainda gerou várias oportunidades de converter.

No jogo aéreo, o Uruguai manteve sua solidez na defesa, mas não conseguiu tirar proveito do ataque. A equipe peruana controlou muito melhor esse setor.

O Peru teve muitas dificuldades na parte ofensiva, para chegar ao gol uruguaio. Não conseguiu manter a posse de bola para buscar infiltrações, já que teve um alto número de passes incorretos desde o início da armação do jogo. Tampouco conseguiu atacar quando recuperou a bola em seu campo defensivo. Quando conseguiu contra-atacar, o time chegou com dois, no máximo três jogadores no último terço do campo, sem poder terminar as jogadas.

Na esfera individual, o Uruguai teve uma figura de grande destaque: José María Giménez impôs-se no difícil duelo com Paolo Guerrero e teve vários arremates em sua extrema defesa que efetuou de maneira magistral. No Peru, outro zagueiro, Zambrano, mostrou-se muito seguro em todo o jogo.

A equipe uruguaia disputou uma boa partida, mas não foi o suficiente para fragilizar o Peru, que se defendeu muito bem. A definição por pênaltis para chegar às semifinais deu a classificação ao Peru, que converteu os cinco pênaltis executados.



Análise Final

O Brasil começou o jogo com o mesmo sistema que vinha utilizando, quer dizer, com uma linha de quatro, três volantes e com o trio ofensivo G. Jesus, Firmino e Everton. Em compensação, seu esquema de jogo variou com relação às disputas anteriores. O fato de enfrentar a Argentina e, fundamentalmente, a figura de Messi foi, na nossa visão, motivo para que a equipe apresentasse uma proposta distinta, mais conservadora e tomasse mais precauções defensivas. Casemiro se atrasou mais que o habitual no campo, para transformar-se na primeira marcação de Messi no arranque de suas jogadas, o que significou que todo o time jogasse mais atrasado.

Em sua última zona, defendeu com Casemiro em sua função como volante central na frente da linha defensiva mais retardatária, e os extremos pela direita e esquerda recuaram para completar diante dele, uma linha de quatro volantes. Como nunca se tinha visto até esse momento do torneio, a equipe brasileira teve muitas dificuldades para manter sua trave intacta.

A Argentina iniciou com três volantes na frente da linha de quatro e um dos três atacantes, geralmente Messi, se atrasava quando sua equipe estava com a posse de bola, com o fim de recebê-la de maneira mais livre para armar seu jogo. O time esperou o Brasil na zona da metade do campo e quase nunca exerceu pressão sobre a saída do adversário.

E equipe brasileira chegou ao gol aos 18 minutos de jogo, quando De Jesus, com um toque curto, converteu, depois de uma grande assistência de Firmino do setor direito de seu ataque, e de uma prévia jogada magistral de D. Alves.

A seleção argentina esperou o Brasil praticamente em seu campo. Alguns jogadores importantes na parte ofensiva, como Messi e Agüero, estiveram um pouco atrasados e, além de um arremate de Paredes, que passou perto da trave de Alisson, somente aos trinta minutos houve uma ação perigosa no ataque com bola parada, quando Agüero cabeceou e a bola explodiu na horizontal. O primeiro tempo terminou com um leve domínio da Argentina, mas sem maiores consequências, enquanto o melhor do Brasil foi sua eficácia no ataque.

No segundo tempo, a partida cresceu em intensidade. O Brasil, com a tranquilidade de estar na frente no placar, tentou tocar a bola, mas a equipe argentina, com muita força e mais agressividade na marcação, mostrou talvez os melhores momentos desse time na Copa. Recuperou a bola perto da área adversária, controlou melhor o meio campo, ficou praticamente com três no fundo e, com muita atitude esportiva, saiu em busca do empate, que esteve muito próximo.

Por volta dos 70 minutos de jogo, uma extraordinária jogada individual de Gabriel de Jesus terminou com um gol de Firmino, que definiu a partida. O treinador brasileiro realizou uma alteração, colocando Allan no lugar de Gabriel de Jesus para reforçar a defesa, ficando com apenas um atacante e tentando fechar o jogo, o que logo conseguiu. Todo o esforço feito pela Argentina não foi suficiente para fragilizar a defesa brasileira, que sempre esteve bem articulada.

Análise Final

A seleção chilena não modificou a postura adotada nas últimas partidas. Começou com uma linha de quatro, um marcado triângulo por dentro com os volantes Pulgar-Aránguiz-Vidal e os três atacantes na frente. Enquanto isso, o Peru, que tampouco variou muito o sistema inicial, colocou Tapia na frente de sua linha de quatro, quatro volantes na frente deste e, Guerrero como referência no ataque. Para o Chile foi um jogo complicado no campo tático, já que os volantes peruanos se fecharam, e Guerrero se manteve sempre por perto de Pulgar, eixo do jogo chileno, para que não recebesse muito sozinho. Dessa forma, a seleção transandina se encontrou em inferioridade numérica na metade do campo, especialmente pela zona central, um dos pontos fortes de elaboração do seu jogo.

A posição de Cueva atacando agressivamente seu adversário com a posse de bola, junto com Guerrero na saída do Chile, fez com que o volante Tapia avançasse até a linha média e assim, a equipe ficou posicionada, em alguns momentos, com duas linhas de quatro.

Com esta atitude de pressionar o jogador que estivesse com a posse de bola, a equipe dificultou a iniciação do time peruano e conseguiu recuperar muitas bolas no campo contrário. Fez marcação durante toda a primeira metade do primeiro tempo com eficiência e agressividade. Aos 21 minutos de jogo, Flores, bem posicionado na segunda baliza diante de um lançamento para a área da direita, abriu

o placar para o Peru, mediante um bom arremate de perna esquerda. Alguns minutos mais tarde, Yotun aumentou a vantagem, com um arremate de fora da área, encontrando a trave vulnerável. Nos últimos minutos da primeira etapa, e durante a segunda metade do tempo, o Peru recuou as linhas perto de sua área, permitindo que seu adversário estivesse mais perto da meta. O Chile começou a chegar com mais assiduidade, mas encontrou Galesse em uma de suas melhores atuações do torneio, bloqueando arremates que tinham o gol como destino.

Já perto do final da partida, um dos seus melhores expoentes P. Guerrero, encarregou-se de fazer o terceiro gol para fechar definitivamente a disputa e classificar o Peru para a final do campeonato. Foi uma memorável atuação da equipe peruana, diante de uma seleção chilena que buscou por todos os meios na zona de ataque, mas não conseguiu fazer gol.

O desempenho de Aránguiz, no Chile, e os rendimentos de Galesse e Cueva, no Peru, foram os mais destacados deste grande encontro.



Análise Final

A Argentina, com uma linha de quatro, três volantes e três atacantes, iniciou a partida com a ideia de pressionar o Chile na saída. Agüero-Messi-Dybala com os 3 centrais dispostos pelo Chile, com Foyth e Tagliafico tomando a subida de Isla e Brasejour. Isto ocorreu principalmente pela disposição dos jogadores chilenos em campo, uma vez que estes surpreenderam com o esquema inicial apresentado pela equipe chilena com Medel, Jara e Díaz no fundo. Tanto Isla como Beausejour se posicionaram desde o início em zona de ataque para pressionar muito bem a saída da seleção argentina, dominando suas jogadas. Entretanto, várias vezes a equipe chilena errou o caminho para a trave argentina, especialmente Jara, que começou a lançar bolas longas em vez de buscar o jogo por fora ou em profundidade.

Aos doze minutos, a partida mudou. Messi, inspirado, saiu com a bola dominada pelo centro do campo, o árbitro indicou uma falta e a concentração que a equipe chilena apresentou no início do jogo desmoronou-se, motivada por uma massiva reclamação contra a sanção da arbitragem. Assim foi que, enquanto os jogadores chilenos faziam suas queixas, Messi cobrou rápido, com um passe em profundidade para Agüero que, diante da saída do goleiro, aproveitou para driblá-lo e encontrar a trave à sua disposição. Dez minutos mais tarde, outra falta cobrada rápido, e depois de um magistral passe em profundidade de Lo Celso, foi Dybala quem tocou a bola para a rede diante da saída de Arias. Na primeira meia hora de partida, a Argentina exibiu um bom futebol, quando foram vistos os momentos mais brilhantes de Messi na Copa, com um jogo e um par de assistências espetaculares. Com sua expulsão, juntamente com a de Medel, do Chile, aos 37 minutos, a partida se desvirtuou e perdeu qualidade.

Com esta situação, a Argentina ficou com dois atacantes no segundo tempo, mas com uma defesa bem posicionada em bloco. Enquanto isso, a equipe chilena ficou com uma linha de quatro, contando apenas com um volante. Conseguiu descontar por meio de um pênalti convertido por Vidal, o que gerou ainda uma maior expectativa.

Ocorreram chegadas à trave adversária de ambos lados, houve mais espaços, especialmente pelo fato de a equipe chilena ter se arriscado mais, tentando buscar o empate. A Argentina, que não pôde concretizar as oportunidades que teve para fechar o jogo, reforçou a defesa nos minutos finais, com a entrada de F. Mori, trazendo maior solidez à última linha, ficando essa com cinco homens no fundo, três volantes e Suárez, que havia entrado no lugar de Agüero, como única referência no ataque.

A Argentina foi uma seleção protagonista, que poderia ter marcado uma maior diferença no resultado pelas situações mais claras que teve, enquanto o Chile, com muita garra e organização, lutou até o apito final, contudo, não conseguiu equilibrar o jogo no placar.

Em destaque, Vidal, que apareceu sempre e junto com Aránguiz, e juntos foram os melhores expoentes do Chile nesse jogo. Na Argentina, observou-se o bom trabalho de Dybala, Agüero e Paredes, com um Messi que brilhou nos momentos em que esteve em campo.



Análise Final

O Brasil, como em todo o torneio, iniciou a partida com sua habitual linha de quatro, três volantes; na parte ofensiva, Firmino, pelo centro do ataque e G. Jesus e Everton por fora. Estes dois últimos recuaram no momento de defender, formando uma linha de volantes na frente de Casemiro, que se apoiava totalmente, posicionando-se na frente de sua linha de quatro. A seleção peruana, diferentemente do apresentado nos últimos jogos, iniciou a partida com duas linhas de quatro, com Cueva na frente e Guerrero como referente de área.

A equipe brasileira teve dificuldades para impor o seu jogo no início da partida, pois encontrou um adversário que disputava intensamente a posse de bola. O Peru começou marcando a saída brasileira, pressionando o jogador que estivesse com a posse de bola, reagindo rapidamente depois de perdê-la e recuperando-a, causando assim dificuldades à saída do jogo brasileiro. Contudo Cueva, Guerrero e Carrillo não contaram com o apoio adequado dos volantes mais atrasados, deixando os defensores brasileiros tranquilos para perfurar esta primeira linha de contenção.

O gol de Everton, aos quinze minutos, alterou o rumo da partida. O Brasil começou a impor seu esquema de jogo, conseguindo a recuperação imediata da bola quando a perdia, para manter-se atacando de maneira quase permanente, com Arthur conduzindo a bola acertadamente. Isso ocorreu também devido à mudança de postura da equipe peruana, que começou a marcar um bloqueio médio-baixo, que

trouxe algumas dificuldades, uma vez que não exercia a mesma pressão sobre o jogador com a posse de bola, como fez no início da partida. De qualquer maneira, o Peru conduziu sempre a bola, em uma excelente coordenação ofensiva pelo setor direito do ataque, em um passe atrás de Cueva tocou no braço do defensor, e Guerrero, executando muito bem o pênalti, conseguiu empatar. Imediatamente, após a recuperação de uma bola por Firmino na zona alta, Arthur, depois de um movimento de ruptura pela faixa interior, deu posição a G. Jesus pelo centro do ataque e este, com uma definição certa, deixou o placar em dois a um no final do primeiro tempo.

Durante o segundo tempo, Gareca modificou o sistema e passou a jogar com um volante central, colocando duas linhas de quatro na frente e atrás. Mas ao falhar na tentativa de jogar curto, apelou ao jogo direto, buscando Guerrero e ganhando ainda os rebotes com Cueva e Carrillo, contudo sem eficácia.

Com a expulsão de G. Jesus aos 69, Tite fez mudanças, ficando com duas linhas de quatro, deixando somente Richarlison no ataque. Nos últimos 15 minutos, com a entrada de Ruidiaz e Gonzalez, o Peru foi mais ofensivo. De todas as formas, o Brasil conseguiu dominar o jogo, e tendo a posse de bola, controlou a parte ofensiva e a superioridade numérica da seleção peruana. Richarlison finalizou o jogo com um pênalti bem executado, dando o triunfo à seleção brasileira que obteve a Copa América 2019 de forma totalmente merecida.

ANÁLISES TÉCNICO-TÁTICAS



GOLEIROS



Análise de goleiros

Em geral, viu-se um bom nível de goleiros. Analisamos seus desempenhos a partir de todos os ângulos (técnico, tático, físico e psicológico) e o resultado nos deu ótimos rendimentos. A boa contextura física e a preparação específica destes jogadores são os elementos mais destacáveis. Em alguns casos, ao não ter uma grande envergadura física, isso era compensado com muita força de pernas e grande agilidade, como no caso de Wuilker Fariñez da Venezuela.

Houve casos de jogadores que tiveram atuações pobres e logo depois demonstraram uma grande recuperação na parte emocional e psicológica, apresentando atuações fantásticas, como aconteceu com Pedro Gallese do Peru, que após perder do Brasil por goleada, transformou-se na partida seguinte, na melhor figura de seu time. Nesse jogo, a equipe peruana derrotou o Uruguai por pênaltis graças a uma defesa sua, que levou o time à final do campeonato.

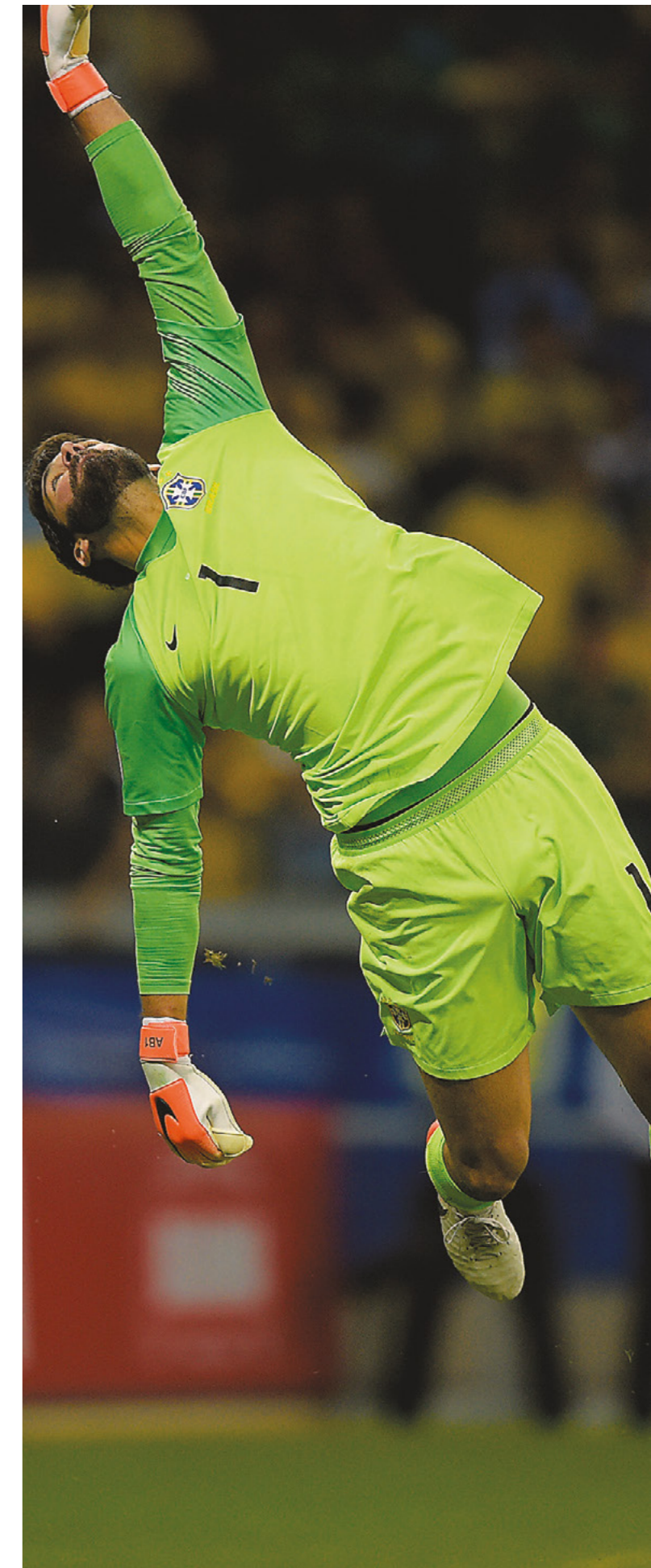
Houve muita segurança nos lançamentos de frente. Alguns deles optaram por defender em dois tempos, para evitar surpresas em chutes com muita potência e bolas que se moviam em seu trajeto.

No jogo com os pés, pôde-se observar a ideia de jogar de maneira mais segura. Quando tinham atacantes por perto, em geral faziam lançamentos longos sem arriscar muito. Nessas situações, não foram observados grandes destaques.

Entre os aspectos a melhorar sinalamos: dominar melhor o jogo com os pés e falar mais dentro de campo. Acreditamos que o goleiro deve ser o primeiro assistente do treinador. De sua posição deve começar a organização da equipe e deve ser uma ajuda permanente para todos os companheiros de time.

O melhor do campeonato, sem dúvida, foi Alissom; mas Gallese, Armani e Ospina também exibiram atuações de destaque. Este último retirou-se do torneio sem sofrer gols contra. A revelação foi Wuilker Fariñez, que com 21 anos demonstrou excelentes condições e um grande futuro.

DEFESAS	
Seleção	Defesas
ARGENTINA	8
BOLÍVIA	11
BRASIL	6
CATAR	12
CHILE	9
COLÔMBIA	11
EQUADOR	9
JAPÃO	7
PARAGUAI	11
PERU	19
URUGUAI	2
VENEZUELA	11



Comportamentos Defensivos



A marcação mais utilizada em termos gerais foi uma defesa em zona. Na maioria dos casos com muita organização, salvo o Equador, Japão, Catar e Bolívia, já que estes times, por causa do entusiasmo, apresentaram uma desorganização momentânea que no que se refere ao resultado, conspirou contra suas expectativas.

Esse tipo de defesa foi mais preponderante em zona um, patrimônio de equipes como a da Venezuela, que a partir de seu 1-4-1-4-1, com organização e agressividade, teve seu melhor momento contra o Brasil. Nesse jogo, foi capaz de expressar a sintonia dos princípios defensivos, desdobramentos, coberturas, permutas e pressão coletiva, que lhe permitiram manter sua trave intacta. Tentou plasmar essa estrutura defensiva com efetividade nas outras partidas, mesmo sem a lucidez apresentada com seu alinhamento básico, deu a entender igualmente que essa é uma forma válida de jogar.

O Uruguai, que defende uma consciência coletiva, mostrou sua fidelidade ao 1-4-4-1-1, exibido entre zona um e zona dois. Contou com variações no jogo contra

o Chile, cuja seleção foi uma das que mais apresentou variações de defesa, enquanto a equipe uruguaia se posicionou nos últimos minutos, com cinco zagueiros, três volantes e dois atacantes. Desta maneira, controlou o perigo oferecido pela equipe chilena no jogo aéreo, nos minutos finais de jogo, a partir dos lançamentos para a área das laterais.

A Colômbia administrou por alguns momentos um 1-4-3-2-1, com uma boa efetividade no jogo individual, em grande parte em zona um e, com uma grande atuação de seu goleiro, manteve a equipe impenetrável, sofrendo gol apenas na definição por pênaltis contra o Chile.

A Argentina combinou seu 1-4-3-3 na parte defensiva, esperando em zona um em alguns momentos e em zona dois, quando tentava a alta pressão. Diante disso, deixou dúvidas ao ser atacada a partir de uma transição rápida. Também se complicou na defesa quando seus laterais, uma vez no domínio da bola, queriam sair driblando para dentro.



O Paraguai, cheio de segurança e hierarquia na parte de organização, e com uma atitude que mostrou saber se defender em zona um e em zona dois, exibiu uma ótima versão no primeiro tempo contra o Brasil, quando o time fez marcação individual em zona e desativou o poderio ofensivo de seu adversário. Aproveitando-se de sua memória histórica, em alguns momentos, jogou com linha de três e, em outras instâncias de seus jogos, usou a linha de quatro.

O Brasil, a partir de 1-4-1-4-1 adaptável a 1-4-3-3, soube defender-se em zona um e em zona dois com a hierarquia, capacidade técnica e conhecimento do jogo. Além disso, continuamente tentou recuperar a bola logo depois de perdê-la, estratégia que o tornou perigoso, mesmo estando sem a posse de bola.

O Equador, usando o 1-4-1-4-1 sem muita organização, mostrou uma notória tentativa de defender em zona dois. A Bolívia, enquanto isso, sempre com linha de quatro, esperou seu adversário marcando em zona e um e zona dois, contudo sem muita ordem.

O Catar mostrou dúvidas em sua estrutura. Modificou o esquema de jogar em linha de quatro, tudo isso sem muita convicção e correndo riscos desnecessários ao tentar sair com um futebol elaborado.

O Japão, com um sistema 1-4-2-2-2, tentou defender-se em zona dois, mostrando pouca ordem e até pouca técnica, que conspiraram contra um melhor rendimento de sua seleção.



GOLS RECEBIDOS			
Seleção	Gols		
ARGENTINA	6		
BOLÍVIA	9		
BRASIL	1		
CATAR	5		
CHILE	7		
COLÔMBIA	0		
EQUADOR	7		
JAPÃO	7		
PARAGUAI	4		
PERU	9		
URUGUAI	2		
VENEZUELA	3		

Variações ofensivas



Nesta CONMEBOL Copa América Brasil 2019, as variações ofensivas foram muito constantes, visto que ao observarmos apenas as quatro seleções melhor posicionadas, não encontramos muitas semelhanças.

A equipe campeã, a seleção brasileira, jogou com três atacantes, Firmino, Gabriel Jesus e Everton, sendo um referente de área, e esse último jogando um pouco mais estático de extremo pela esquerda. Por esse setor, com o perfil diferente, propôs duelos constantes em jogadas individuais e com os laterais atacando de maneira permanente, tanto por dentro como por fora.

O Peru, o vice-campeão, teve apenas um atacante referente de área, que foi Paolo Guerrero. Farfán se posicionou como uma segunda ponta por trás do camisa 9, quando foi sua vez de jogar. Para as partidas de eliminação direta, com a impossibilidade de que Farfán jogasse, viu-se uma seleção que continuou se movimentando com dois volantes mistos por fora, que cumpriam a função de extremos no momento do ataque, e de volantes defensivos na hora de cobrir os espaços atrás.

A Argentina venceu a partida final, na disputa pelo terceiro lugar com o Chile. Jogou com dois atacantes em zona ofensiva. Nesse jogo com a equipe chilena, movimentou-se com dois atacantes e substituiu um volante central por um meio-campista, para que jogasse atrás dos pontas.

Quanto a sua proposta ofensiva de jogar com três atacantes, o Chile exibiu um esquema de jogo muito similar ao do Brasil. Dois extremos e um nove, sem ser referência total de área: dois interiores que chegavam de forma constante e os laterais dando profundidade ao ataque na faixa dos lados, com triangulações e duelos em jogadas individuais.

Pode-se dizer que o que se destacou nessa Copa foi o ataque por zonas laterais, com extremos e volantes disputando duelos em ambas faixas. Tivemos a possibilidade de ver gols similares: Everton contra a Bolívia e Peru, Almoez Ali contra o Paraguai, Machis contra a Bolívia e Roger Martínez contra a Argentina. Foram jogadores que chegaram ao gol com uma condução de fora para dentro, para arrematar com sua perna mais hábil.



Além disso, a chegada dos volantes e extremos com surpresa foi muito importante, como por exemplo nos casos de Flores, Carrillo, Lodeiro, Machis, González e Miyoshi, que fizeram gols chegando de trás.

Também se destacaram as boas articulações entre interiores, extremos e laterais nas seleções do Brasil e do Chile, onde se intensificou naturalmente essa forma de atacar, e assim pudemos ver gols como os de Sánchez e Vargas contra o Japão, bem como nos jogos do Brasil contra a Bolívia, Peru e Argentina.

A bola parada não foi um fator determinante na Copa; apenas 6 gols foram feitos a partir de escanteios, dos quais três foram convertidos pelo Uruguai, mostrando uma grande fortaleza na aérea adversária; e dois foram do Chile. Não foram feitos gols de tiro livre de maneira direta. Isso demonstra a pouca eficácia ou criatividade na hora de atacar utilizando essa modalidade.

No ataque, as estatísticas demonstram que o Brasil, a Argentina, a Colômbia e o Uruguai foram as seleções com maior precisão de passes, devido à constante mobilidade e apoio aos jogadores com a posse de bola. Alguns, claramente de maneira mais profunda, como o Brasil e o Chile, mostraram essa característica ao longo de todo o campeonato.

Foi um torneio onde se observou muita posse de bola, e as equipes tentaram ocupar o campo em sua largura. Apesar de que se tenha conseguido atacar pelas laterais, foi imprescindível para o jogo os movimentos de ruptura por faixas interiores conseguidos pelos laterais, bem como os arremates de meia e longa distância que foram outra variação utilizada com efetividade por várias seleções.



BOLAS RECUPERADAS E PERDIDAS		
Seleção	Bolas	
ARGENTINA	289	302
BOLÍVIA	147	162
BRASIL	328	287
CATAR	152	157
CHILE	323	314
COLÔMBIA	218	210
EQUADOR	156	167
JAPÃO	159	168
PARAGUAI	221	228
PERU	296	286
URUGUAI	226	194
VENEZUELA	185	165

■ Bola recuperada ■ Bola perdida

TRANSIÇÕES

De defesa a ataque

A maioria das equipes preferiu ter uma transição segura no momento de passar ao ataque. Em quase todos os casos, quando recuperavam a bola no meio-campo, atravavam-na até o seu bloco baixo, para garanti-la primeiro com seus zagueiros centrais e, ocasionalmente, com seus goleiros. Desse ponto, começavam a elaborar suas jogadas para partir à ofensiva. Portanto, foram muito poucos os times que usaram a estratégia de tirar a bola em sua defesa e sair com uma transição rápida. Em algumas situações, estas jogadas foram feitas pela Venezuela, Paraguai e Uruguai.

Os sistemas de jogos também influenciaram na opção por garantir a bola em primeira instância, já que foi difícil encontrar as equipes desorganizadas na defesa. Os recuos eram realizados de forma rápida e, além disso, algumas seleções jogaram com apenas um referente de área, o que facilitou a tarefa defensiva para controlar as tentativas de chegar com surpresa.



De ataque a defesa

Salvo algumas exceções como o Brasil, o Peru e a Colômbia, que em algumas ocasiões tentaram exercer uma alta pressão, a maioria das equipes preferiu uma transição organizada em direção à zona defensiva, a partir de seu meio-campo até sua última zona, fechando todos os caminhos ao time adversário.

Além das ocasiões em que também pressionou em cima, quem mais se destacou nessa jogada foi o time uruguaio. A equipe demonstrou muita velocidade passando a linha da bola, ao perdê-la em ataque e rapidamente armando-se para formar um 1-4-2 ou um 1-4-3, que a tornava forte na metade do campo e em sua extrema defesa.

Em resumo, não houve muitas transições rápidas de defesa a ataque que fossem efetivas ao longo do torneio. De todos os modos, este tipo de variação é muito útil, especialmente quando se enfrenta um adversário que desordena muito ao atacar e não recua a tempo da sua posição ofensiva para defender.



As oportunidades nas quais as rápidas transições trouxeram bons resultados, foram as realizadas por jogadores potentes e rápidos, em jogadas individuais. Os exemplos mais claros foram os de Miguel Almirón e Derlis González no Paraguai, habilidosos e com boa condução da bola em velocidade. Outro caso é Gabriel de Jesus, que efetuou uma longa e eficiente corrida no segundo gol do Brasil contra a Argentina.

Outra forma de passagens rápidas e efetivas de defesa-ataque, foi usada com chutes longos para os atacantes Zambrano, por exemplo, quando bateu rápido uma falta longa para Carrillo, no segundo gol do Peru contra o Chile. Isso também se viu marcado em um chute longo de Cáceres a Suárez, no primeiro gol do Uruguai contra o Equador, marcado por Lodeiro.



BOLA PARADA

Estratégias de bola parada

O percentual de gols com bola parada nesta CONMEBOL Copa América 2019 foi de 27%. Se o compararmos com a porcentagem de 37% obtida no Mundial da Rússia de 2018, encaramos uma grande questão para debate.

As equipes mais fortes na equação defesa-ataque foram o Uruguai, o Chile e o Brasil.

O Uruguai não recebeu nenhum gol contra e converteu 4 gols por essa via, sendo três deles por meio de escanteios a favor e um de pênalti.

O Chile recebeu um gol de pênalti em sua trave e converteu quatro, sendo dois deles em jogadas de escanteio, um de saque lateral e um de pênalti.

O Brasil recebeu um gol de pênalti e converteu quatro, sendo dois deles depois de escanteios e dois de pênalti.



Escanteios em defesa

A tendência na marcação dos escanteios foi a de defender com os onze jogadores dentro da pequena área. Nesse tipo de jogadas, a maioria dos times utilizou a marcação mista, com dois ou três jogadores livres em distintos pontos da área do pênalti, marcação individual sobre os possíveis cabeceadores e o resto do time ficando na zona de rebote.

O Brasil foi a única equipe que utilizou a marcação zonal nesse tipo de jogadas. A equipe defendeu em grande forma, sem dar qualquer possibilidade aos adversários em todo o campeonato.



Escanteios em ataque

O Uruguai utilizou o escanteio direto à área para fazer valer o seu poderoso jogo aéreo. Fez três gols nessa modalidade, enquanto o Chile e o Brasil fizeram dois. Foram os times que mais buscaram variações para surpreender.

O Chile, por exemplo, buscou da esquerda de seu ataque, com lançamento de Alexis Sánchez forte, baixo, à primeira baliza para o desvio de Eduardo Vargas. O Brasil abriu o placar contra o Peru em cinco a zero, com execução de Coutinho do canto esquerdo, em direção à primeira baliza para o gol de Casemiro. Logo em seguida, fechou o marcador nessa mesma partida, com uma jogada curta na saída de um escanteio para o gol de Willian.

A Argentina foi outra seleção que conquistou um gol nessa modalidade, com Martínez, em uma execução de Messi.

Tiros livres diretos e indiretos

Chamou a atenção o fato de não ter havido gols com tiros livres indiretos, tampouco entre aqueles executados à área adversária buscando os melhores cabeceadores. As defesas se comportaram de maneira excelente, muito organizadas, com muito estudo prévio e com bastante planejamento. Geralmente, os tiros livres laterais foram defendidos o mais longe possível de suas traves. Quando a distância assim o permitia, viram-se defesas atuando em primeira instância, 3 ou 4 metros fora de sua área de pênaltis.

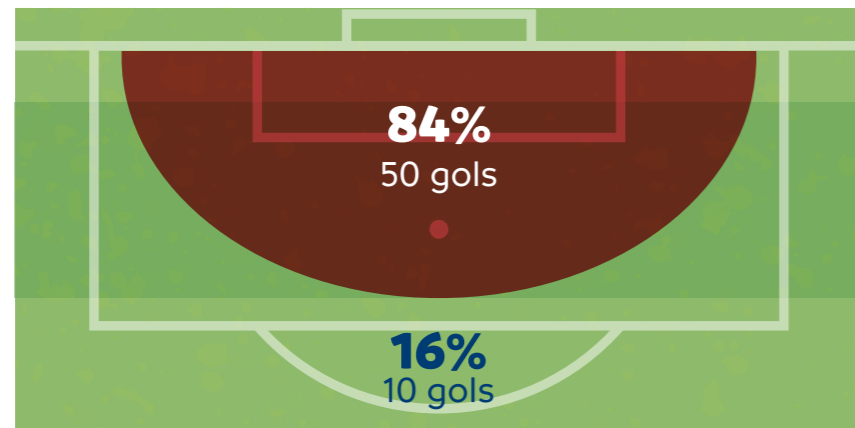
Outro fato que mereceu uma definitiva atenção foi a pouca quantidade de gols convertidos por meio de uma jogada tática fixa. Um cuidado especial somado a uma necessária concentração dos defensores pode ser destacado como a razão principal desse fato. Igualmente, isso é reflexo de um notório trabalho dos treinadores, conhecedores do perigo das faltas cometidas perto de suas traves.

GOLS DE JOGADA E DE BOLA PARADA			
Seleção		Gols	
	ARGENTINA	2	5
	BOLÍVIA	1	1
	BRASIL	3	10
	CATAR	0	2
	CHILE	4	3
	COLÔMBIA	0	4
	EQUADOR	1	1
	JAPÃO	0	3
	PARAGUAI	1	2
	PERU	1	6
	URUGUAI	4	3
	VENEZUELA	0	3

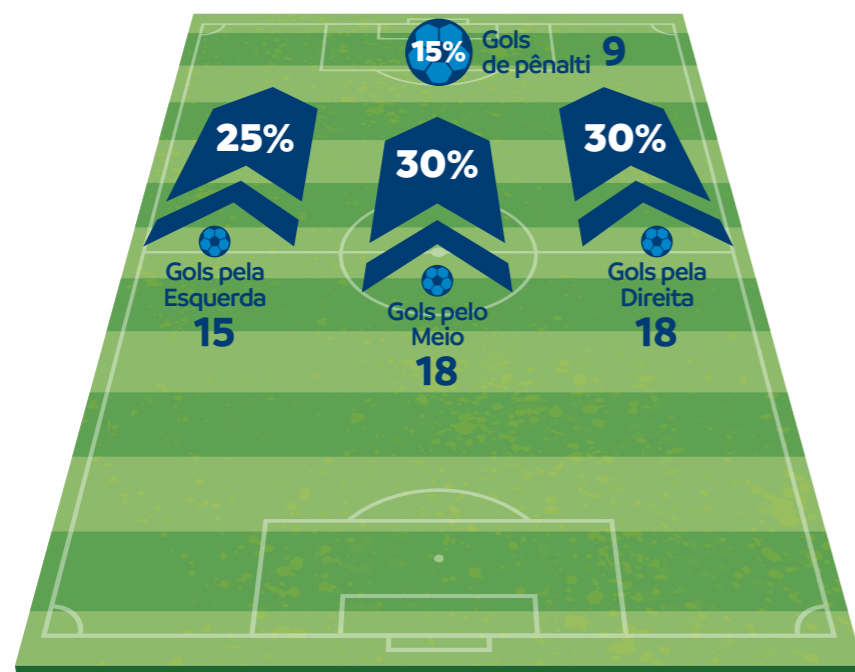
 Bola parada  Jogada

ANÁLISES DE GOLS

De onde foram feitos os gols



De onde se originaram os gols



Perfil dos gols

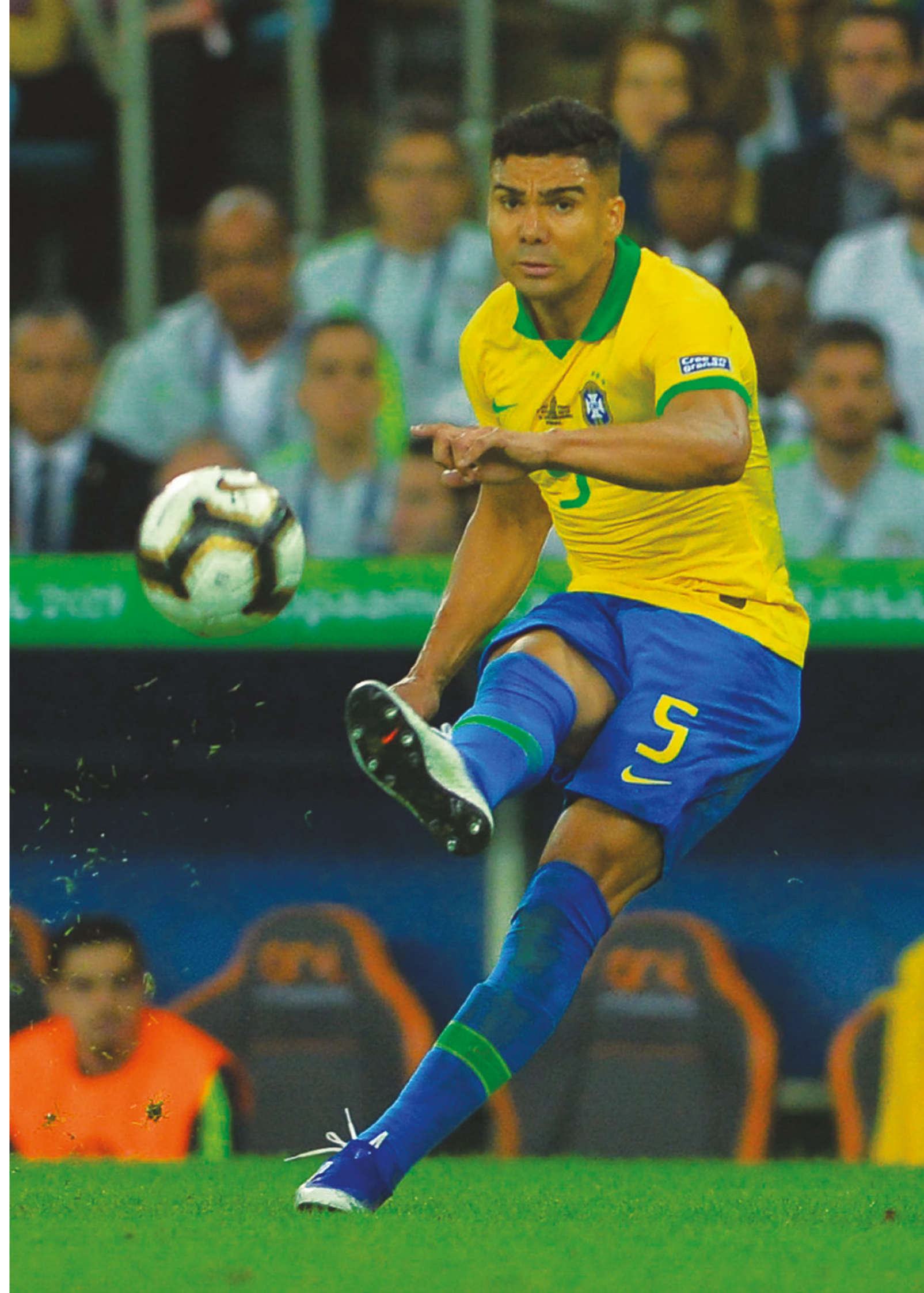


PASSES	
Seleção	Total de passes
ARGENTINA	2462
BOLÍVIA	1055
BRASIL	3227
CATAR	1130
CHILE	2658
COLÔMBIA	1641
EQUADOR	1114
JAPÃO	1142
PARAGUAI	1288
PERU	2125
URUGUAI	1567
VENEZUELA	1519

■ Quantidade de passes — Média de passes 1.744

PORCENTAGEM DE PASSES BONS	
Seleção	% passes
ARGENTINA	87%
BOLÍVIA	81%
BRASIL	93%
CATAR	83%
CHILE	86%
COLÔMBIA	85%
EQUADOR	83%
JAPÃO	84%
PARAGUAI	80%
PERU	84%
URUGUAI	83%
VENEZUELA	85%

■ Passes bons — Média de passes bons 85%



TENDÊNCIAS

Técnico-táticas

Com relação aos esquemas de jogo, na maioria das vezes, o fato de jogar com uma linha de quatro, três volantes e três atacantes foi a opção mais utilizada como sistema inicial.

Logo depois, esse esquema se transformava em 1-4-1-4-1 no momento de defender (Brasil, Colômbia, Chile e Venezuela). Outro sistema muito utilizado foi o de jogar com duas linhas de quatro e dois atacantes puros (Uruguai e Japão).

Viu-se um alto nível competitivo, assim como interessantes duelos táticos, com clara tendência das equipes de dispor de jogadores cada vez mais versáteis, devido a uma variação permanente do sistema de jogo.

No 1-4-1 defensivo, os times mostraram jogadores com grande rendimento na posição de volante central. Paredes, na Argentina; Casemiro, no Brasil; Renato Tapia, no Peru; Barrios, na Colômbia; e Pulgar, no Chile foram exemplos claros que marcaram também outro aspecto que se repetiu e trouxe resultados pelo bom trabalho realizado.

A boa organização defensiva foi um aspecto no qual todos os times tiveram cuidado, sendo essa uma característica preponderante no campeonato. Basta citar o exemplo de três dos quatro jogos das quartas de final que terminaram em zero a zero. Mesmo com a forte tendência de marcar em zona, a alta pressão deu bons resultados, mostrando algumas equipes que tentaram recuperar a posse de bola imediatamente depois de perdê-la. Essa alta pressão provocou vários gols. A maioria das equipes utilizou um centroavante de bom físico, que sabe jogar entre os zagueiros adversários, que domina a bola e espera a chegada de seus atacantes de segunda linha. Foi assim nos casos de Guerrero, no Peru; Firmino, apesar de sua permanente mobilidade, no Brasil; Rondón, na Venezuela; Falcao ou Duván Zapata, na Colômbia; Marcelo Martins, na Bolívia; Enner Valencia, no Equador; e “Tacuara” Cardozo ou Santander, no Paraguai.

Importante também foi a tendência mostrada pelas equipes de não se repetir, exibindo assim muitas variações de ataque, com o fim de não serem previsíveis nesse aspecto. Chegou-se assiduamente pelas laterais, jogou-se frontalmente aos atacantes de área, mas também houve dois aspectos importantes observados: as bolas cruzadas nas costas dos laterais



e os movimentos de ruptura por faixas interiores, realizados pelos volantes e pelos laterais no momento do ataque.

Por causa dessas duas situações, chegou-se com muito perigo à trave adversária e vários gols foram feitos em situações bem aproveitadas.

Na marca dos escanteios, a tendência foi a de defender com os onze jogadores. Um ou outro no rebote e a maioria dentro de sua área de pênalti, onde foi realizada uma marcação mista.

Nos tiros livres laterais, a marcação mais usada em defesa continua sendo a de posicionar-se à beira da grande área, o que deu um grande resultado, já que não houve gols.

Em contrapartida, no ataque foram observadas muitas jogadas preparadas, especialmente nas situações de tiros livres próximos à área adversária.

Em resumo, as tendências deixadas pela CONMEBOL Copa América 2019 são aspectos transcendentais, mesmo que não tenham sido vistas alterações substanciais. Em primeiro lugar, mencionam-se as excelentes características físicas dos bons goleiros mostrados por essa Copa, embora se insista na necessidade de que dominem melhor o jogo com os pés, mostrando uma variação permanente dos esquemas de jogo durante as partidas, dependendo da situação de cada lance.

Destaca-se também a versatilidade que cada vez mais devem possuir os jogadores de futebol como característica chave para o seu desempenho. Por último, mas não menos importante, as variações ofensivas mostradas pelas equipes, com passes curtos, longos e chegando ao ataque por toda a frente, com incursões surpreendentes em vários setores do campo, inclusive de quem chega em posições posteriores.



ANÁLISES DAS SELEÇÕES





Análise

A seleção argentina utilizou basicamente três sistemas ao longo da Copa. Com duas linhas de quatro, inicialmente contra a Colômbia e o Paraguai, contudo sem conseguir resultados favoráveis, tanto no placar como no âmbito do futebol. Portanto, o treinador tomou a decisão de alterar a estratégia, utilizando um losango bem claro na metade do campo, como proposta inicial dos seguintes três jogos enfrentados. Com Messi de centro-campista, e os dois pontas, Agüero-Martínez, viu-se uma seleção ofensivamente mais agressiva e melhor na parte coletiva. Na disputa pelo terceiro lugar contra o Chile, optou por jogar com três atacantes, com a finalidade de pressionar de maneira constante para a recuperação da bola no campo contrário, e cortar o circuito de jogo adversário.

Houve partidas nas quais realizou variações táticas durante o curso do jogo, por exemplo contra o Paraguai, quando atuou com um centro-campista e dois atacantes na busca do empate. Contra a Venezuela e o Catar, finalizou jogando com duas linhas de quatro, tentando manter a vantagem; e contra o Chile, depois da expulsão de Messi, jogou com três volantes e dois atacantes, embora no final, tenha acrescentado um zagueiro para armar uma linha de cinco no fundo.

No Aspecto defensivo na recuperação da posse de bola, iniciou o campeonato sem pressionar a saída do adversário, com um meio campo sem agressividade. Com a alteração do sistema, nas partidas com o Catar e Venezuela, decidiu pressionar a saída no campo adversário, e essa agressividade permitiu marcar a diferença.

Uma mudança defensiva chave foi a entrada de Foyth como lateral direito. Isso deu maior equilíbrio à equipe, demonstrando uma grande porcentagem de duelos vencidos, uma vez que esta se mostrou forte nas disputas individuais.

A linha de quatro, com movimentações e Otamendi rompendo a linha por dentro, foi uma constante em sua extrema defesa.

Na parte ofensiva, a proposta foi a de manter posses longas com jogadores de boa técnica em zona de ataque, porém não houve o resultado esperado. Tornou-se assim, um time passivo que não pisava na área rival, mesmo com a qualidade técnica e hierarquia que possuía em campo. Com a alteração do sistema, foi mais agressiva e direta no momento do ataque. Pelas laterais, De Paul e Acuña, e por dentro, Messi, Agüero e Martínez deram mais presença e maior contundência à parte ofensiva.

Uma vez em vantagem, no final das partidas, defendia com todos os seus jogadores em seu próprio campo, visando recuperar e sair com rápidas transições, sobretudo no jogo contra o Chile, onde gerou situações perigosas, mas não conseguiu marcar.

Na estratégia de bola parada a favor em campo contrário, sempre enviou seus cabeceadores mais fortes e, em geral, apareceram Messi e Paredes. Não foi contundente, mas Martínez conseguiu marcar contra a Venezuela, depois de um escanteio e em um tiro livre pela zona central, um golpe de cabeça de Agüero contra o Brasil bateu na trave; ambas jogadas com assistências de Messi. Defensivamente, em todos os escanteios contra, defendeu-se com dois jogadores livres em zona, dentro da pequena área. Utilizou seis jogadores marcando individualmente, um evitando o jogo curto e o outro na zona de rebote. Em tiros livres laterais, marcou em zona.

Seu jogador mais destacado foi Leandro Paredes, sempre participativo e regular em todos os jogos disputados, opção de passe e de saída para gerar jogo e arremates de média e longa distância. Também tiveram destaque Otamendi, Messi e L. Martínez que por seu desempenho e com sua juventude, demonstrou poder contribuir muito com a seleção argentina por longo tempo.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICA DAS PARTIDAS

Média de Posse de Bola da Equipe

Partidas: 6
Posse de bola: 52%
Gols
A favor: 7 Contra: 6
Total de jogadores utilizados
21
Média gols / Partida
A favor: 1,17 Contra: 1
Arremates
69
Cruzamentos na área
94
Bons 35%
Escanteios
27
Defesas
8
Faltas
Sofridas 96 Cometidas 102
Cartões
Amarelos: 19
Vermelhos: 1

Passes recebidos

2143
Passes
2462
Bons 87% 13%
Passes de primeira
352
Bons 76% 24%
Passes curtos até 7 m
1850
Bons 90% 10%
Passes Médios de 7 a 12 m
442
Bons 87% 13%
Passes Longos mais de 12 m
170
Bons 34% 66%
Bolas recuperadas
289
Bolas perdidas
302
Interceptações de Bola
792

Gols a favor

Gols de jogada	5
Gols de bola parada	2
Escanteio	1
Tiro livre	0
Pênalti	1
Saque lateral	0



Gols contra

Gols de bola parada	1
Gols de jogada	5

JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

A seleção boliviana chegou à Copa com uma pobre preparação e, por esse motivo, não teve o rendimento esperado. Apesar de ter mostrado alguns indícios e tentativas de manter uma ideia de jogo, desde o início teve a difícil tarefa de enfrentar, na partida de estreia, os donos da casa que, posteriormente, conquistaram o campeonato.

Para os três jogos disputados, seu treinador propôs praticamente o mesmo esquema de jogo, com duas linhas de quatro, um meia ponta e Martins como referente de ataque. Utilizou uma leve variação para o último jogo contra a Venezuela, onde os volantes externos tentaram jogar um pouco mais em cima para acompanhar o meia ponta e assim formar um trio mais ofensivo que pudesse acompanhar seu único atacante, que jogou isolado nas três partidas.

A estratégia para defesa foi a de marcar na zona em seu próprio campo, uma vez que as tímidas tentativas de pressionar a saída de seus adversários não deram frutos. Posicionou-se bem nas situações de recuo, mas quando a equipe atacou e deveria posicionar-se na metade do campo, apresentou algumas falhas. Um exemplo disso ocorreu no jogo contra o Peru no qual, perto do final do primeiro tempo, teve uma bola infiltrada pela zona central da defesa, o que significou o empate com o time peruano, complicando-lhe a situação da partida, depois de haver estado em vantagem. Tampouco foi muito eficiente nas jogadas individuais, nas quais em momentos chave a equipe foi dominada pelos habilidosos atacantes que teve de enfrentar.

Na parte ofensiva, teve poucas ideias e abusou dos chutes longos para um Martins que sempre lutou pelas bolas e, quando teve oportunidade, girou para seus companheiros que chegavam ao ataque. Contra o Peru, seu treinador, na metade do tempo, tentou melhorar o rendimento nas investidas com as alterações, colocando outro atacante para acompanhar M. Martins, mas não conseguiu o resultado desejado.

Não aproveitou algumas situações onde, uma vez recuperada a posse de bola, realizou rápidas transições para surpreender seu rival. Pouco a pouco foi se diluindo, já que foi difícil manter a dinâmica imposta por seus oponentes, e assim foi se desgastando devido a uma condição física que não era a adequada.

A Bolívia desejou, mas não pôde. Tentou posicionar-se no campo tentando jogar de igual para igual com seus adversários, mas não conseguiu ficar à altura. Não teve situações de bola parada a favor para destacar e sofreu nos chutes a sua área. Com todo esse panorama, não foi difícil entender por que a equipe não passou da fase de grupos.

Mesmo assim, mostrou jogadores com bom rendimento. Seu goleiro Lampe, que apesar dos gols recebidos, teve um destaque importante; Haquin, um jovem valor que certamente em breve será um pilar da defesa boliviana; e Martins, um líder que não mede esforços e que manteve um bom rendimento.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas:	3
Posse de bola:	45%
Gols	
A favor:	2
Contra:	9
Total jogadores utilizados	17
Média gols/Jogo	
A favor:	0,67
Contra:	3
Arremates	18
Cruzamentos na área	22
Bons	18%
Escanteios	4
Defesas	11
Faltas	
Sofridas	36
Cometidas	29
Cartões	
Amarelos:	6
Vermelhos:	0

Passes recebidos

Passes recebidos	851
Passes	1055
Bons	81%
	19%
Passes de primeira	180
Bons	68%
	32%
Passes curtos até 7 m	701
Bons	88%
	12%
Passes médios de 7 a 12	246
Bons	78%
	22%
Passes longos mais de 12 m	108
Bons	36%
	64%
Bolas recuperadas	147
Bolas perdidas	162
Interceptações de Bola	398

Gols a favor

Gols de jogada	1
Gols de bola parada	1
Escanteio	1
Tiro livre	0
Pênalti	1
Saque lateral	0

Gols contra

Gols de jogada	8
Gols de bola parada	1
Escanteio	0
Tiro livre	0
Pênalti	1
Saque lateral	0

JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

O Brasil conquistou o campeonato de maneira brilhante, com 6 partidas disputadas, 4 vitórias e 2 empates. Fez 13 gols e somente sofreu um, de pênalti.

Seu sistema de jogo principal foi 1-4-3-3. O ponto diferencial foi mostrado na distribuição de seus três meio-campistas. Casemiro foi mais defensivo, encarregado dos lances e coberturas; Arthur, um pouco mais solto, esteve encarregado de armar o jogo de equipe; e Coutinho, o criativo, juntando-se permanentemente aos seus três atacantes.

O plano de jogo imposto na maioria de suas partidas foi o de ataque, tentando sempre uma recuperação imediata depois de perder a posse de bola, para voltar a atacar.

Quando não conseguia impor sua ideia fundamental de realizar uma alta pressão e jogar no campo adversário, recuava à sua última zona defensiva em uma formação 1-4-1-4-1, onde mostrou uma grande segurança e solvência. Sofreu apenas um gol em todo o torneio, sendo este de pênalti.

Na parte ofensiva, desenvolveu um jogo com muitas variações para chegar com facilidade ao gol. Seus argumentos mais importantes no jogo ofensivo foram a armação no meio-campo de Arthur, as tentativas de

Coutinho na criação e, fundamentalmente, o jogo por fora. Mais precisamente pelas laterais, destacaram-se Everton e Gabriel Jesus, com seus dribles e subidas pelos lados, com variedade de recursos. Atacam por fora, mas também buscaram rupturas pelas faixas interiores.

Com bola parada na defesa, a equipe mostrou uma grande segurança. Em escanteios, nenhum adversário conseguiu gerar muito perigo em sua área. Em toda a competição, somente Agüero deu um golpe de cabeça na bola lançada por Messi, em um tiro livre pela zona central. Vários jogadores tiveram um desempenho muito bom, mas entre os destaques, Alisson teve uma extraordinária atuação. Tomou apenas um gol de pênalti. Mostrou sua enorme hierarquia em cada intervenção, e se tornou o melhor goleiro do torneio.

Dani Alves, que demonstrou hierarquia em toda sua dimensão, criou futebol a partir das zonas transversais e, no ataque, mostrou um novo caminho para os laterais com as rupturas por faixas interiores. Arthur, com uma grande atuação, ajudou a aliviar situações complexas na defesa, tendo inteligência para dar clareza ao jogo de seu time. Por último, Everton, que foi uma das aparições mais importantes do torneio, gerou desequilíbrios permanentes com velocidade, dribles, diagonais e gols. Deu soluções ofensivas que não apareciam nos primeiros jogos.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

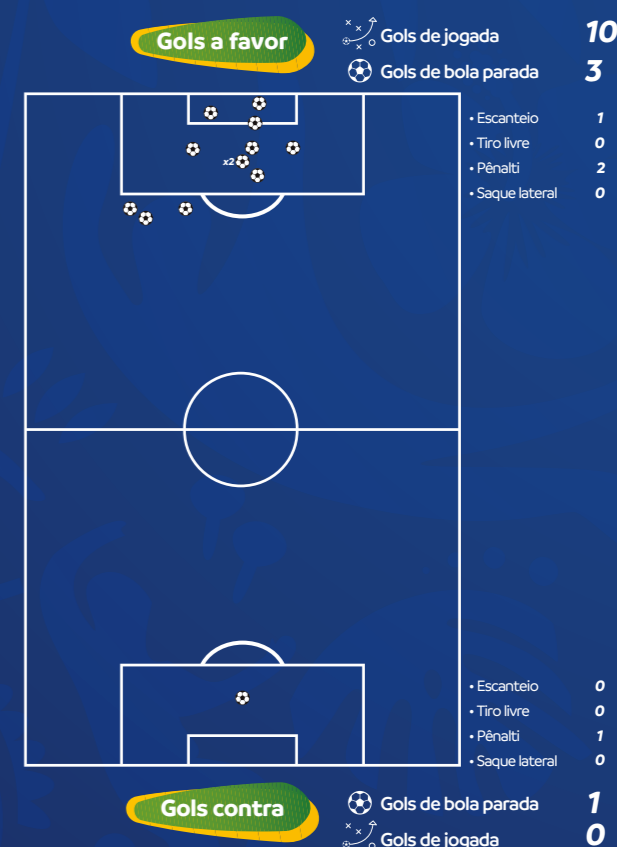
Média de posse de bola da equipe

Partidas: 6
Posse de bola: 61%
Gols
A favor: 13 Contra: 1
Total jogadores utilizados
20
Média gols/Jogo
A favor: 2,17 Contra: 0,17
Arremates
76
Cruzamentos na área
139
Bons 38%
Escanteios
38
Defesas
6
Faltas
Sofridas 101 Cometidas 101
Cartões
Amarelos: 13
Vermelhos: 1

Passes recebidos

2994
Passes
3227
Bons 93% 7%
Passes de primeira
528
Bons 84% 16%
Passes curtos até 7 m
2462
Bons 93% 7%
Passes médios de 7 a 12 m
623
Bons 92% 8%
Passes longos mais de 12 m
142
Bons 61% 39%
Bolas recuperadas
328
Bolas perdidas
287
Interceptações de Bola
849

Gols a favor



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

O Catar chegou a essa Copa com a ideia de competir, medir-se com poderosas seleções da América do Sul, e continuar armazenando experiências na sua preparação rumo ao Mundial de 2022, organizado por esse país.

Começou o torneio apresentando um sistema de jogo 1-4-2-3-1 contra o Paraguai, mas já nessa partida, quando conseguiu virar sobre os dois gols sofridos e chegar ao empate, imediatamente mudou o seu esquema a uma formação de 1-5-3-2 visando conservar o resultado e fechar o jogo.

No decorrer do campeonato, utilizou distintas formas de distribuir seus jogadores em campo. Geralmente fazia isso pensando nas características do adversário em questão, o que demonstra que sua participação foi um campo de provas para o futuro.

Na defesa, não foi possível passar uma sensação de segurança. Tentou sair jogando a partir da sua própria área de pênalti, mas sua inexperiência e fragilidade levaram a equipe a cometer erros muito importantes.

No ataque, mostrou algumas coisas interessantes. A ideia de elaborar o jogo a partir do seu bloco baixo, esmerado no meio-campo e com mobilidade em cima, foi uma tática observada em alguns momentos do campeonato, como no segundo tempo da partida

contra o Paraguai. Como resultado dessa estratégia, uma boa coordenação ofensiva com um movimento de ruptura por uma faixa interior de um de seus volantes centrais, Boualem Khoukhl (16), permitiu que o time chegasse de trás e fizesse o gol de empate.

No jogo aéreo defensivo, o time não ofereceu segurança. Nessa via foi onde perdeu o jogo contra a Colômbia, com um gol de Duvan Zapata de cabeça, nos últimos minutos da partida. No ataque, tampouco destacou-se no jogo aéreo sendo, portanto, incapaz de aproveitar essa variação.

No plano individual, mostrou alguns personagens que tiveram destaque. Seu lateral esquerdo, Abdelkarim (3), marcou uma presença importante em sua zona. No ataque, o jogador apareceu em várias oportunidades, com muito perigo, fazendo valer o seu poderoso arremate. O volante central, Madibo (23), também exibiu uma notável atuação. Mostrou-se um jogador dinâmico, com muito movimento, que esteve encarregado de realizar os dribles e coberturas em seu setor meio defensivo.

A seleção do Catar retirou-se da Copa mostrando uma intenção de jogo interessante. Encarou um grupo muito difícil, com adversários de tradição consolidada e, mesmo assim, teve uma participação encorajadora.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: **3**
Posse de Bola: **44%**

Gols
A favor: **2** Contra: **5**

Total jogadores utilizados
16

Média gols/Jogo
A favor: **0,67** Contra: **1,67**

Arremates
16

Cruzamentos na área
21
Bons **28%**

Escanteios
6

Defesas
12

Faltas
Sofridas **32** Cometidas **38**

Cartões
Amarelos: **11**
Vermelhos: **0**

Passes recebidos

943

Passes
1130
Bons **83%** **17%**

Passes de primeira
206
Bons **73%** **27%**

Passes curtos até 7 m
770
Bons **90%** **10%**

Passes médios de 7 a 12
227
Bons **85%** **15%**

Passes longos mais de 12 m
133
Bons **38%** **62%**

Bolas recuperadas
152

Bolas perdidas
157

Interceptações de Bola
387

Gols a favor



Gols contra



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

Com um sistema matriz de quatro defensores, três volantes e três atacantes, a seleção do Chile propôs defender-se com a posse de bola e insistir constantemente pelas faixas laterais, com extremos provocando muitos duelos individuais no ataque. Em algumas vezes, a equipe, também jogou com cinco defensores, em outras, com três, como na partida pelo terceiro lugar contra a Argentina, entretanto sempre manteve pelo menos dois atacantes. Nos jogos contra o Japão, Equador, Colômbia e Peru, iniciou com seu sistema principal, com o qual assumiu o protagonismo do jogo e, salvo no primeiro tempo contra a equipe peruana, mostrou-se superior ao restante dos times. Contra o Uruguai, jogou com linha de cinco, consolidando a ideia de manter a superioridade numérica na defesa, com os laterais marcando a subida dos volantes adversários e os três centrais com os referentes de área uruguaios. Utilizou praticamente o mesmo esquema contra a Argentina, mas foi superada e tornou-se incapaz de gerar o jogo de saída que a caracterizou em todo o campeonato. O desgaste das partidas fez com que o time perdesse efetividade no ataque.

A equipe chilena armou blocos defensivos com a colaboração dos extremos e, uma vez que conseguia encarar frente a frente o adversário, pressionava constantemente para recuperar a posse de bola com velocidade e, assim, iniciar o ataque ao rival em questão. Foi derrotada no jogo contra o Peru, já que este propôs um quadrado em zona de volantes, deixando o Chile em constante inferioridade numérica nas laterais do volante central, Pulgar, peça chave na engrenagem do time.

Ofensivamente, viu-se um conjunto com ideias claras. Conservou a amplitude de jogo com os laterais e encontrou as zonas opostas vazias, para começar a gerar duelos individuais ou triangulações com laterais extremos e interiores. Um time agressivo nas infiltrações à área adversária, lançando mão, para isso, de muitos jogadores.

A estratégia ofensiva nos escanteios foi determinante para abrir o placar nas duas primeiras partidas, contra o Japão e o Equador, onde Pulgar fez um gol de cabeça e Fuenzalida, depois de um rebote. Sánchez e Aránguiz, encarregados de executar, sempre chegavam à área tentando cabecear; Vidal, Maripán, Pulgar e Fuenzalida, com Sánchez, que aparecia por trás; e Vargas, que saía pela frente da zona do vértice na primeira baliza; Isla e Beausejour posicionados à espera de um rebote.

A estratégia defensiva em escanteios foi a de situar sempre dois ou três jogadores na zona da pequena área para atacar a bola. Cinco homens marcavam o jogador com Aránguiz, evitando o jogo curto e, Fuenzalida, na zona do rebote. Em tiros livres próximos à área, posicionou-se na zona.

Destacou-se nesse torneio o triângulo que jogou no meio campo. Erick Pulgar participou em cada saída limpa entre os centrais, para jogar curto ou executando passes longos à zona oposta, e com esse sistema, conseguiu fazer um gol de bola parada. Aránguiz e Vidal, dois interiores agressivos na hora de pressionar e armar o bloco defensivo, foram criadores de jogo e chegaram à área rival de maneira constante. Para além dos resultados, foi uma equipe com bom rendimento que soube respeitar o seu estilo.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: **6**
Posse de bola: **53%**

Gols
A favor: **7** Contra: **7**

Total jogadores utilizados
20

Média gols/Jogo
A favor: **1,17** Contra: **1,17**

Arremates
62

Cruzamentos na área
111
Bons **27%**

Escanteios
32

Defesas
9

Faltas
Sofridas **106** Cometidas **110**

Cartões
Amarelos: **12**
Vermelhos: **1**

Passes recebidos

2289
Passes

2658
Bons **86%** **14%**

Passes de primeira
945
Bons **77%** **23%**

Passes curtos até 7 m
1800
Bons **90%** **10%**

Passes médios de 7 a 12
573
Bons **87%** **13%**

Passes longos mais de 12 m
285
Bons **52%** **48%**

Bolas recuperadas
323

Bolas perdidas
314

Interceptações de Bola
953

Gols a favor



Gols contra



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

A equipe colombiana utilizou um sistema de jogo 1-4-3-3. A variação que mostrava essa distribuição no campo era dada por James Rodríguez, que começava aberto na ponta direita e a partir dessa posição buscava uma mobilidade permanente por toda a frente de ataque.

Defensivamente, trabalhou em zona, com um bloco muito compacto, pressionando no terço médio do campo e saindo rapidamente para o ataque. Sua defesa em primeira instância foi um trabalho de todo o time, muito solidário e taticamente aplicado. Quando não conseguiam sair rápido para o ataque, os jogadores recuavam a bola até o seu bloco baixo e a partir daí começavam a elaborar um jogo harmônico com boa posse de bola.

Para atacar, utilizou seus três atacantes, aos quais se juntavam os seus meio-campistas de ida e volta, Cuadrado e Uribe. Também acompanhava um de seus laterais alternadamente; sempre comprometidos no jogo ofensivo. Tentou atacar pelas laterais, com um bom manejo de bola. Efetou variações ofensivas associando-se de forma permanente em toda sua frente de ataque, que foi liderada por J. Rodríguez.

Quando houve situações de bola parada, a defesa realizou uma marcação mista. Esta mostrou-se sólida e segura, onde se sobressaíram Yerry Mina e Davinson Sánchez.

No ataque, a equipe optou por lançamentos diretos à área, contudo, sem conseguir obter bons resultados nesse setor.

O rendimento geral do time foi muito bom. Não sofreu nenhum gol em todo o torneio. Venceu as três partidas de seu grupo. Nas quartas de final, empatou em zero a zero com o Chile e foi eliminado na definição por pênaltis.

Os jogadores que tiveram destaque foram: David Ospina, que demonstrou segurança em cada uma de suas intervenções e deu confiança e tranquilidade à sua equipe; Wilmar Barrios, que jogou o campeonato com um grande nível, marcou, roubou a bola, entregou-a corretamente e foi o equilíbrio defensivo permanente de seu time; e Juan G. Cuadrado como volante interno, em uma posição que habitualmente não jogava em sua seleção. Jogou em muito boa forma, com sua clássica arrancada para correr no campo. James Rodríguez, outro jogador de destaque, ocupou uma posição inovadora. Começou como atacante pela direita e, a partir dessa posição, movimentava-se e ocupava os espaços requeridos pelo jogo. Realizou algumas assistências magistrais, mostrando novamente sua hierarquia.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: 4
Posse de Bola: 54%

Gols
A favor: 4 Contra: 0

Total jogadores utilizados
22

Média gols/Jogo
A favor: 1 Contra: 0

Arremates
33

Cruzamentos na área
84
Bons 33%

Escanteios
22

Defesas
11

Faltas
Sofridas 58 Cometidas 59

Cartões
Amarelos: 10
Vermelhos: 0

Passes recebidos

1390
Passes

1641
Bons 85% 15%

Passes de primeira
262
Bons 77% 23%

Passes curtos até 7 m
1086
Bons 88% 12%

Passes médios de 7 a 12
383
Bons 86% 14%

Passes longos mais de 12 m
172
Bons 47% 53%

Bolas recuperadas
218

Bolas perdidas
210

Interceptações de Bola
544

Gols a favor



Gols contra



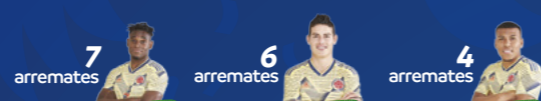
JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



Zapata

TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

A eliminação na primeira rodada, com um ponto em três partidas disputadas, depõe claramente sobre a fraca atuação da seleção equatoriana, mesmo que até o último jogo, a equipe ainda contasse com chances de passar para a próxima etapa.

Não conseguiu encontrar um estilo de jogo. Observou-se constantemente um time inseguro e frágil, com muita posse de bola e muito pouca profundidade.

Desde o início do campeonato, sua linha defensiva se mostrou vulnerável, como no primeiro jogo contra o Uruguai, no qual aos 30 minutos já perdia de 2 a 0 e tinha um jogador expulso. A partir de então, foram realizadas alterações de jogadores na busca de soluções sendo, contudo, impossível para o conjunto conquistar um nível importante de segurança e solvência.

Na segunda partida, Carlos Grueso entrou como titular, atuando como volante central, com a formação da equipe passando a ser 1-4-1-4-1. Com isso houve melhora na movimentação do time em campo, e esse jogador se tornou o mais importante do conjunto no restante do torneio.

No comportamento ofensivo, teve muitas dificuldades. Quando quis empregar um ataque elaborado com posse de bola, foi muito lento e sem surpresas. Quando tentou lançar mão do ataque rápido, Enner Valencia conduziu muito sozinho e sem acompanhamento.

Nos escanteios contra, o time realizou uma marcação mista. Três jogadores livres em distintos pontos da área, cinco ou seis marcavam um adversário e os demais esperavam o rebote. Nas faltas laterais, realizou defesas na borda da grande área, também efetuando uma marcação mista.

A bola parada talvez tenha sido sua maior falha defensiva. Sofreu três gols em jogadas de escanteios, e um gol na saída de um saque lateral. No ataque, não obteve resultando algum em nenhuma das situações de tática fixa, exceto de pênalti, quando fez um gol contra o Chile.

No plano individual, os jogadores de maior destaque foram Carlos Grueso e Jefferson Orejuel, que batalharam em todo o campo de jogo para organizar uma equipe que teve várias deficiências.

No ataque, Enner Valencia fez muitas tentativas, mas geralmente encontrava-se em inferioridade numérica. Movimentou-se em direção às laterais, buscou diagonais, sempre lutando nos lances longos de suas defesas. Uma menção especial à sua perseverança.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: 3
Posse de Bola: 55%
Gols
A favor: 2 Contra: 7
Total jogadores utilizados
19
Média gols/Jogo
A favor: 0,67 Contra: 2,33

Arremates
17

Cruzamentos na área
41
Bons 46%

Escanteios
8

Defesas
9

Faltas
Sofridas 49 Cometidas 48

Cartões
Amarelos: 8
Vermelhos: 2

Passes recebidos

922
Passes
1114
Bons 83% 17%

Passes de primeira
167
Bons 68% 32%

Passes curtos até 7 m
778
Bons 89% 11%

Passes médios de 7 a 12 m
191
Bons 81% 19%

Passes longos mais de 12 m
145
Bons 40% 60%

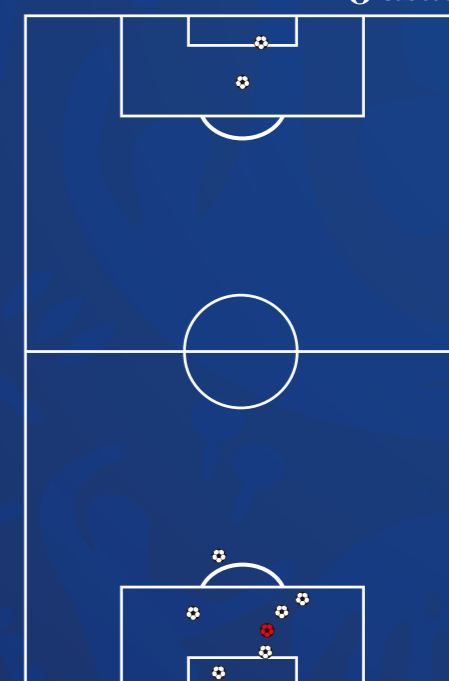
Bolas recuperadas
156

Bolas perdidas
167

Interceptações de Bola
470

Gols a favor

Gols de jogada	1
Gols de bola parada	1
• Escanteio	0
• Tiro livre	0
• Pênalti	1
• Saque lateral	0

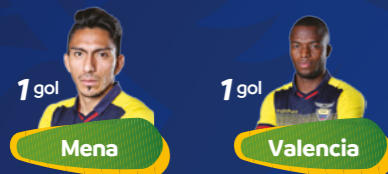


Gols contra

Gols de jogada	3
Gols de bola parada	4
• Escanteio	3
• Tiro livre	0
• Pênalti	0
• Saque lateral	1

JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

A equipe asiática, fiel a sua tradição, foi organizada com grande disciplina tática e uma formação inicial de 1-4-4-2.

O posicionamento defensivo ocorreu com duas linhas de quatro tradicionais, com o time adotando uma marcação em zona, e tomando como referência a posição onde se encontrava a bola. Seu esquema de jogo foi o de fechar espaços no terço médio do campo e realizar a pressão sobre o adversário nas suas laterais. Para isso, contou com um jogo dinâmico e de muita velocidade. Dessa maneira, surpreendeu o Uruguai em uma partida na qual pôde mostrar sua melhor versão.

Quando não conseguia pressionar longe de sua trave, a seleção japonesa realizava uma rápida transição ataque-defesa para estar com todos os jogadores atrás da linha da bola e começar a defender em sua última zona.

Quando ocupava o campo adversário, adotava preferentemente um ataque posicional, com mudanças rápidas de passes e uma circulação efetiva da bola. Quando os volantes extremos de ataque, Nakajima e Miyoshi, buscavam posições centrais para dar passagem aos seus laterais nos lances ofensivos, criavam situações incômodas para as defesas adversárias com quatro homens na frente de ataque.

Com relação à bola parada, na parte defensiva o time efetuou uma marcação mista. Em escanteios contra, colocava dois jogadores livres na altura da primeira baliza, marcações individuais sobre os rivais que chegavam à área, dois no rebote e um jogador na metade do campo para tentar chegar no contra-ataque.

Nas faltas laterais, marcou em zona na linha da área, no intuito de realizar defesas quando a bola chegasse.

O time não mostrou segurança nem solvência no jogo aéreo defensivo, sofrendo dois gols por essa via. Enquanto isso, no ataque não conseguiu resultados favoráveis com a bola parada.

Os jogadores de maior destaque foram Shibasaki (7), muito regular em seu rendimento com lances e coberturas na defesa, além de ser o responsável pelo início do jogo de ataque. Kubo (21), inteligente, meio-campista de organização e boa finalização, com grandes qualidades técnicas, e Nakajima (10), muito veloz, muito bom nas disputas individuais e inteligente para movimentar-se pelas costas dos defensores.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: **3**
Posse de Bola: **44%**

Gols
A favor: **3** Contra: **7**

Total jogadores utilizados
18

Média gols/Jogo
A favor: **1** Contra: **2,33**

Arremates
34

Cruzamentos na área
49
Bons **30%**

Escanteios
14

Defesas
7

Faltas
Sofridas **40** Cometidas **51**

Cartões
Amarelos: **5**
Vermelhos: **0**

Passes recebidos

963

Passes
1142
Bons **84%** **16%**

Passes de primeira
202
Bons **75%** **25%**

Passes curtos até 7 m
787
Bons **88%** **12%**

Passes médios de 7 a 12 m
253
Bons **85%** **15%**

Passes longos mais de 12 m
102
Bons **44%** **56%**

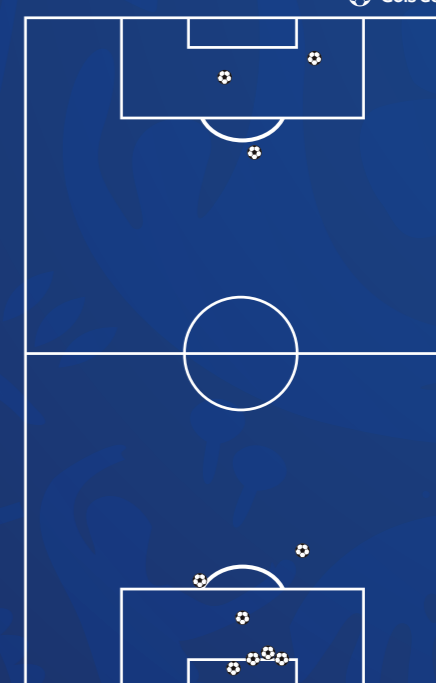
Bolas recuperadas
159

Bolas perdidas
168

Interceptações de Bola
515

Gols a favor

Gols de jogada **3**
Gols de bola parada **0**



• Escanteio **0**
• Tiro livre **0**
• Pênalti **0**
• Saque lateral **0**

Gols contra

Gols de bola parada **2**
Gols de jogada **5**

• Escanteio **1**
• Tiro livre **0**
• Pênalti **1**
• Saque lateral **0**

JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

O Paraguai utilizou um 1-4-4-1 como seu esquema de jogo principal e as variações realizadas envolveram jogadores de distintas características, especialmente no ataque. Começou com um atacante de ponta como Cardozo, jogador de área, grande e potente, para finalizar jogando com Derlis González, rápido e habilidoso, que se movimentou por toda a frente de ataque. Tentou surpreender com a chegada dos laterais e com um meia ponta como Almirón, que liderou a elaboração do jogo e chegava com perigo pelo centro e pela esquerda.

Defensivamente movimentou-se em bloco, tentando pressionar em seu meio-campo, recuperar a posse de bola nessa zona e sair com transições rápidas ao ataque.

Contra o Brasil, usou uma proposta que não se havia visto no torneio. Realizou uma marcação de emparelhamentos em todo o campo, onde Almirón encarou Allan, Sánchez foi sobre Coutinho e Celso Ortiz exercendo pressão sobre Arthur. Arzamendia bloqueava a subida de Dani Alves, enquanto Hernán Perez fazia o mesmo com Felipe Luis. Esta distribuição trouxe um bom resultado, porque não deixou o Brasil à vontade para jogar durante toda a partida. O plano de jogo foi muito interessante, até a expulsão de Balbuena, seu zagueiro central.

Nesse momento, passou a jogar com um 1-4-4-1 para defender-se ferreamente nos últimos minutos, e assim terminar com o empate e logo ser eliminado diante da equipe que seria a campeã do torneio.

Em escanteios contra, realizou marcação mista, na qual a equipe confirmou sua força no jogo aéreo, enquanto nos tiros livres das laterais, posicionou-se na linha da grande área. No ataque, os jogadores optaram pelos chutes diretos, entretanto, sem obter os resultados desejados.

Entre os jogadores que mais se destacaram estão o goleiro Roberto Fernández, que mostrou muita segurança sobretudo nos chutes realizados de fora da área; Gustavo Gómez, líder da equipe, confirmando suas grandes condições, boa posição, forte no jogo aéreo e invencível na marcação individual. Miguel Almirón, uma jovem figura em contínuo crescimento, jogou em várias posições e suas corridas pela lateral esquerda foram uma importante arma no jogo ofensivo do Paraguai. Outro jogador em destaque foi Derlis González, que iniciou jogando por fora e terminou movimentando-se no centro do ataque, mostrando assim sua habilidade, rapidez, além de sempre criar perigo na área adversária, dessa forma, demonstrou uma grande atuação em campo.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: 4
Posse de Bola: 43%

Gols
A favor: 3 Contra: 4

Total jogadores utilizados
20

Média gols/Jogo
A favor: 0,75 Contra: 1

Arremates
27

Cruzamentos na área
48
Bons 29%

Escanteios
9

Defesas
11

Faltas
Sofridas 64 Cometidas 67

Cartões
Amarelos: 9
Vermelhos: 1

Passes recebidos

1024
Passes

1288
Bons 80% 20%

Passes de primeira
168
Bons 68% 32%

Passes curtos até 7 m
803
Bons 88% 12%

Passes médios de 7 a 12 m
316
Bons 80% 20%

Passes longos mais de 12 m
169
Bons 34% 66%

Bolas recuperadas
221

Bolas perdidas
228

Interceptações de Bola
576

Gols a favor

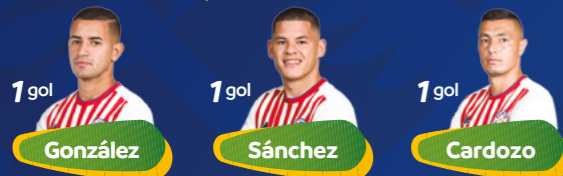


Gols contra



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



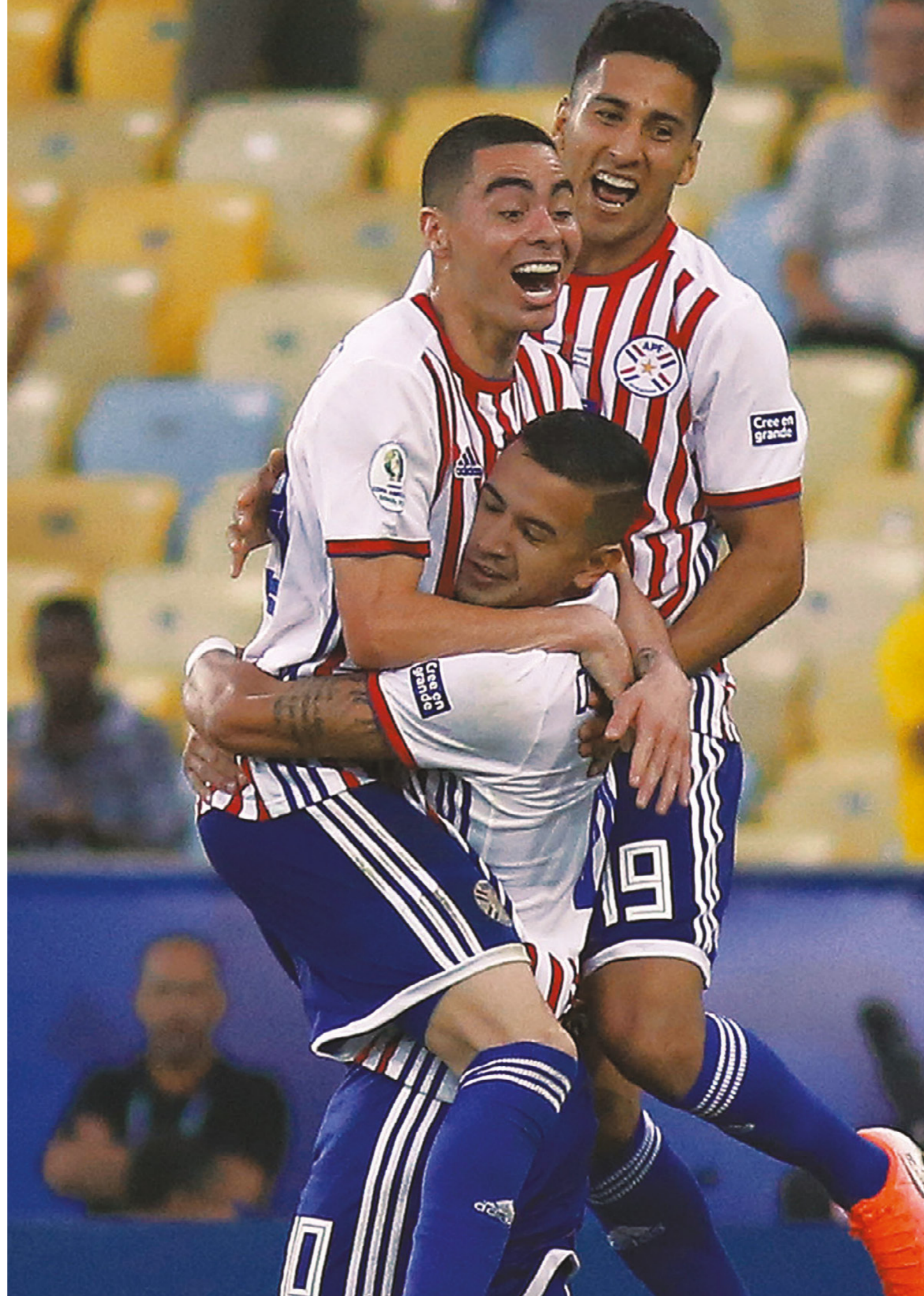
TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

A equipe peruana iniciou a maioria dos jogos com uma formação 1-4-1-4-1, variando ocasionalmente para jogar com duas linhas de quatro.

Alternou muito bem o lugar do campo onde realizou a pressão, diversificando sua posição com eficácia, de um bloco baixo a médio e, em seguida, pressionando alto.

Em várias partidas teve como estratégia pressionar o seu adversário na saída, a partir do fundo. Isso trouxe um ótimo resultado ao time, no jogo contra o Chile na semifinal, no qual tomou seu rival de surpresa, não lhe dando tempo para reagir e, já nos primeiros momentos da partida, mantinha o placar a seu favor em dois a zero. Nessa pressão alta, Guerrero e Cueva compunham a primeira linha de marcação. Logo em seguida, atrás deles, havia duas linhas de quatro, com determinação para anular o time contrário, provocando-lhe situações de insegurança que ocasionaram erros de seu oponente.

Na parte ofensiva, quando saíam com jogadas rápidas ou contra-ataques, buscavam Guerrero para sustentar a bola, esperando a chegada da segunda linha de ataque para aproveitar esse momento de desequilíbrio do adversário.

Quando as transições eram lentas e elaboradas, preferiam fazê-las pela lateral esquerda de seu ataque. Nessa zona, Trauco subia com a aproximação de Yotún, Cueva e Flores, realizando importantes infiltrações por esse setor nas defesas rivais.

Outra arma ofensiva importante foi o jogo pelas laterais. As diagonais de Farfán, em direção ao meio para a subida de Advíncula pela direita, e as movimentações de Cueva, para a subida de Trauco pela esquerda, foram variações muito efetivas no ataque.

Para a estratégia de bola parada em escanteios contra, a equipe realizou marcação mista. Três jogadores livres em distintos pontos da área, marcação individual sobre os cabeceadores e o restante no rebote defensivo.

No ataque, Yotún e Cuevas foram os encarregados de conduzir a situação de bola parada, no entanto, estes não conseguiram gerar maiores inconvenientes aos seus adversários.

O Peru foi uma seleção que esteve evoluindo no decorrer da competição. A capacidade de saber superar a adversidade foi um elemento muito importante para conseguir chegar à final do campeonato. Igualmente, a utilização das diferentes propostas efetuadas pelo seu treinador, dependendo do rival enfrentado, foi outro aspecto importante a ser ressaltado na seleção peruana.

Seus jogadores de maior destaque foram Carlos Zambrano, Renato Tapia, Yoshimar Yotún, Miguel Trauco e Paolo Guerrero, exibindo este último, um excelente rendimento em todo o torneio.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: **6**
Posse de Bola: **46%**

Gols
A favor: **7** Contra: **9**

Total jogadores utilizados
17

Média gols/Jogo
A favor: **1,17** Contra: **1,5**

Arremates
52

Cruzamentos na área
86
Bons **33%**

Escanteios
25

Defesas
19

Faltas
Sofridas **86** Cometidas **106**

Cartões
Amarelos: **12**
Vermelhos: **0**

Passes recebidos

1775

Passes
2125
Bons **84%** **16%**

Passes de primeira
367
Bons **74%** **26%**

Passes curtos até 7 m
1495
Bons **87%** **13%**

Passes médios de 7 a 12 m
407
Bons **87%** **13%**

Passes longos mais de 12 m
223
Bons **43%** **57%**

Bolas recuperadas
296

Bolas perdidas
286

Interceptações de Bola
87

Gols a favor



Gols contra



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

O Uruguai foi fiel à sua história. Seu modelo de jogo, totalmente sentimento, com uma estrutura 1-4-4-2, que se fortalece com as características e excelentes condições técnicas dos volantes centrais. Conta ainda, com a liderança, compromisso, conhecimento cultural e a autoridade do Mestre Tabárez, que lhe permite aproveitar o tempo em jogo para enriquecer o modelo, partida a partida. Sua fortaleza defensiva parte de um goleiro seguro no jogo aéreo, além disso, baseia-se numa estrutura que encara a defesa como uma questão de consciência coletiva, na qual somente Suárez, no primeiro jogo, dispôs, por alguns momentos, de licença para contribuir um pouco com a parte defensiva. A partir da segunda partida, o compromisso foi geral. Dois centrais liderando com conhecimento para promover a ordem, respeitando suas zonas, transmitindo segurança, bom jogo aéreo e fortaleza nas disputas individuais defensivas.

Mostrou jogo direto no momento de iniciar o ataque, ou na ausência desse, passes seguros para o início de um futebol elaborado. Volantes centrais que mostraram uma nova e boa tendência uruguaia, com habilidade técnica com a bola, capazes de realizar jogadas curtas e longas e atentos às coberturas e desdobramentos na hora da recuperação. Dois volantes externos com boa qualidade técnica, mostrando uma luta constante, prontos para formar a linha de quatro volantes em zona um ou zona dois, deixando pouco espaço entre linhas.

Na parte ofensiva, para chegar à área por fora, uma diagonal curta desses volantes se complementa no momento de atacar com o giro dos laterais. Seus dois atacantes, com mobilidade constante, com ou sem a posse de bola, um com mais participação no meio-campo, mas com presença na área adversária, e o outro forte nas jogadas individuais, da mesma forma que no jogo aéreo nas duas áreas.

No jogo contra o Japão, foram superados no início pela pressão exercida pelos rivais. A equipe uruguaia pressionou em zona um, mas as constantes mudanças de orientação apresentadas pelos japoneses não permitiam sua recuperação de bola. No entanto, tudo isso foi resolvido com o caráter, a luta e o temperamento na busca de encontrar sua identidade, que pouco a pouco ia aparecendo. Assim como algo também importante para superar a melhor condição técnica e a pressão exercida pelo Chile, quando foi sua vez de enfrentá-lo. Nessa partida, o Uruguai utilizou um recurso tático nos últimos minutos, colocando uma linha de cinco no fundo, para proteger-se do ataque aéreo chileno e garantir o resultado. Nas quartas de final contra o Peru, terminou sendo eliminado nos pênaltis. Foi um jogo onde houve poucos argumentos ofensivos, com a equipe uruguaia gerando mais situações perigosas de ataque ao seu rival, buscando variações inclusive com seu esquema de jogo, e ainda alterando seu modelo no final com um 1-4-3-1-2, contudo, o gol não chegou.

A tática fixa deu créditos ao Uruguai nesta Copa, já que quatro de seus sete gols foram feitos na saída de uma jogada de bola parada (um de pênalti). Nesse quesito mostrou-se muito sólido em defesa e não apresentou inconvenientes.

O Uruguai teve em Giménez seu melhor desempenho. Por baixo e no jogo aéreo foi invencível, enquanto o jogo e a qualidade de Bentancur brilharam na metade do campo. Cavani, com sua característica atuação, tanto na defesa como no ataque, mostrou um alto nível de jogo junto a Suárez, que representou uma permanente ameaça aos seus adversários.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICAS DAS PARTIDAS

Média de posse de bola da equipe

Partidas: 4
Posse de Bola: 56%

Gols
A favor: 7 Contra: 2

Total jogadores utilizados
19

Média gols/Jogo
A favor: 1,75 Contra: 0,5

Arremates
52

Cruzamentos na área
100
Bons 31%

Escanteios
25

Defesas
2

Faltas
Sofridas 66 Cometidas 57

Cartões
Amarelos: 5
Vermelhos: 0

Passes recebidos

1307
Passes

1567
Bons 83% 17%

Passes de primeira
290

Bons 74% 26%

Passes curtos até 7 m
1018

Bons 89% 11%

Passes médios de 7 a 12
353

Bons 81% 19%

Passes longos mais de 12 m
196

Bons 44% 56%

Bolas recuperadas
226

Bolas perdidas
194

Interceptações de Bola
645

Gols a favor

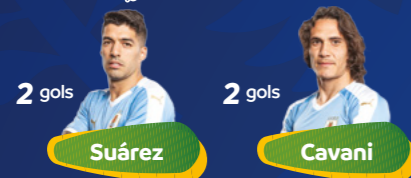


Gols contra



JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS





Análise

Com uma das melhores propostas defensivas da Copa, a Venezuela utilizou um sistema de jogo inicial com quatro defensores, um volante central, quatro volantes e um referente de área na hora de defender, que se transformava em um 1-4-3-3 em fase ofensiva, somando um de seus laterais ao ataque.

Mostrou um comportamento defensivo de marcação em zona como sua principal estratégia. A ideia principal foi a recuperação de bola através de uma pressão na zona do meio-campo, para sair rapidamente ao ataque. Sua melhor versão na esfera defensiva foi mostrada no jogo contra o Brasil, exibindo talvez, uma das melhores exposições de trabalho tático defensivo vistas no torneio.

Na movimentação ofensiva, tinha como propósito elaborar transições rápidas como primeira opção. Recuperar a bola no meio-campo para sair pelas laterais, com um atacante como Rondón, que sabe trabalhar na frente de ataque, satisfazendo sempre as necessidades da equipe. Entretanto, o conjunto não apresentou um trabalho muito convincente no campo ofensivo.

Nos escanteios contra, a seleção venezuelana posicionava um jogador livre no vértice da pequena área (Salomon Rondón), impondo também uma marcação individual sobre os cabeceadores do time adversário, dois jogadores no rebote e, quando a situação permitia, um ou dois jogadores na zona de ataque, para buscar uma transição rápida.

Nos tiros livres das laterais, o time tentou defender o mais longe possível de sua trave. Segundo a posição do jogador que executava o lance, posicionava-se 3 ou 4 metros fora da área com uma marcação mista. No ataque, não obteve resultados favoráveis com a bola parada.

Depois de se classificar para as quartas de final, jogou contra a Argentina, que poucos minutos depois do início do jogo, fez o seu primeiro gol. Isso condicionou o rendimento defensivo da equipe da Venezuela em um momento chave para o desenvolvimento da partida. O esforço realizado não foi suficiente e foi derrotada frente a um rival superior.

Cabe destacar a disciplina tática e o sentido coletivo mostrados por essa seleção. O trabalho que o seu treinador, Rafael Dudamel, vem desempenhando se vê plasmado em uma constante evolução de seu futebol.

Tiveram destaque Wuiker Fariñez, um goleiro jovem que está em muito boas condições, com um bom jogo aéreo e pernas rápidas para reagir. Tomás Rincón, líder e condutor da equipe, futebol e temperamento para jogar em todo o campo. Yeferson Soteldo causou desequilíbrios em suas entradas, quase sempre no segundo tempo, e Salomón Rondón, que foi o ponto de referência no ataque, um jogador muito potente e inteligente para se posicionar na área adversária e sustentar a bola de costas para a trave.

SISTEMA BÁSICO UTILIZADO



ESTATÍSTICA DAS PARTIDAS

Média de Posse de Bola da Equipe

Partidas: 4
Posse de bola: 45%
Gols
A favor: 3 Contra: 3
Total de jogadores utilizados
19
Média gols / Partida
A favor: 0,75 Contra: 0,75
Arremates
33
Cruzamentos na área
70
Bons 28%
Escanteios
19
Defesas
11
Faltas
Sofridas 47 Cometidas 60
Cartões
Amarelos: 9
Vermelhos: 1

Passes recebidos

1294
Passes
1519
Bons 85% 15%
Passes de primeira
235
Bons 74% 26%
Passes curtos até 7 m
1024
Bons 90% 10%
Passes Médios de 7 a 12 m
325
Bons 85% 15%
Passes Longos mais de 12 m
170
Bons 48% 52%
Bolas recuperadas
185
Bolas perdidas
165
Interceptações de Bola
536

Gols a favor

Gols de jogada	3
Gols de bola parada	0
Escanteio	0
Tiro livre	0
Pênalti	0
Saque lateral	0

Gols contra

Gols de bola parada	1
Gols de jogada	2
Escanteio	1
Tiro livre	0
Pênalti	0
Saque lateral	0

JOGADORES EM DESTAQUE

ARTILHEIRO



TOP 5 ARREMATADORES



PASSES



TOP 5 CRUZAMENTOS NA ÁREA



TOP 5 RECUPERADORES



JOGADORES COM MAIS MINUTOS JOGADOS



CONCLUSÕES



CONCLUSÕES

A Copa América 2019

Observamos nesta Copa, diferentes filosofias de jogo, produto da cultura futebolística de cada país, incluindo os convidados Catar e Japão (campeão e vice-campeão da Ásia, respectivamente). Ambos contribuíram com o seu próprio estilo de futebol, porém baseados nos princípios de jogo de algumas seleções europeias. Foi notória, por exemplo, a influência do futebol espanhol na seleção do Catar, embora esta deva trabalhar muito para alcançar um nível de excelência e apresentar-se com um jogo sólido no próximo Mundial que organizará em 2022. O Japão, que já possui uma identidade futebolística apoiada na velocidade de seus jogadores, teve que se conformar com os bons momentos fugazes de suas partidas, contudo insuficientes para seguir em frente no campeonato. Ambas equipes ficaram na fase de grupos.

O torneio teve um finalista que, de acordo com as análises prévias dos especialistas, não tinha muitas possibilidades de chegar à final. Um dos trunfos do grande desempenho do Peru foi o seu treinador. Ele soube adaptar sua equipe aos diferentes momentos da Copa, planejando cada encontro cuidadosamente e de acordo com as características do adversário em questão, levando em conta a instância em que atuava. Fundamental para ter chegado tão longe, foi o fato de também saber como motivar seu grupo de jogadores, depois de enfrentar um obstáculo muito importante na fase de grupos: o 0x5 contra o Brasil, seleção que terminaria como a campeã da Copa.

O Brasil, no entanto, manteve-se aferrado a uma estratégia de jogo bem estruturada, com regularidade no rendimento geral da equipe, que o levou a ser o melhor nesse aspecto. Seu técnico também alterou o rumo de algumas partidas com as substituições, com as quais geralmente potencializou o seu time, encontrando soluções para vencer a disputa. Um exemplo disso foi o primeiro jogo contra a Bolívia, com a entrada de Everton, que terminou sendo transcendental.

Junto à seleção brasileira, outras das melhores equipes do torneio até as quartas de final, também candidatas, foram a do Uruguai e da Colômbia. Ambas saíram invictas nos noventa minutos e, no caso da Colômbia, sem sofrer gols. Respeitando cada um o seu estilo de jogo, com excelentes desempenhos individuais nos dois times, mesmo com o ótimo rendimento geral, estas não puderam vencer seus adversários nas quartas de final, na rodada de pênaltis.

A Argentina e o Chile, que disputaram o terceiro lugar, geraram uma grande expectativa quanto ao seu

rendimento, nos momentos prévios ao torneio. Com diferentes visões com relação ao campeonato, a seleção chilena – defensora do título – manteve grande parte da geração de jogadores das duas Copas anteriores. A Argentina buscou seus objetivos com uma renovação parcial de sua seleção.

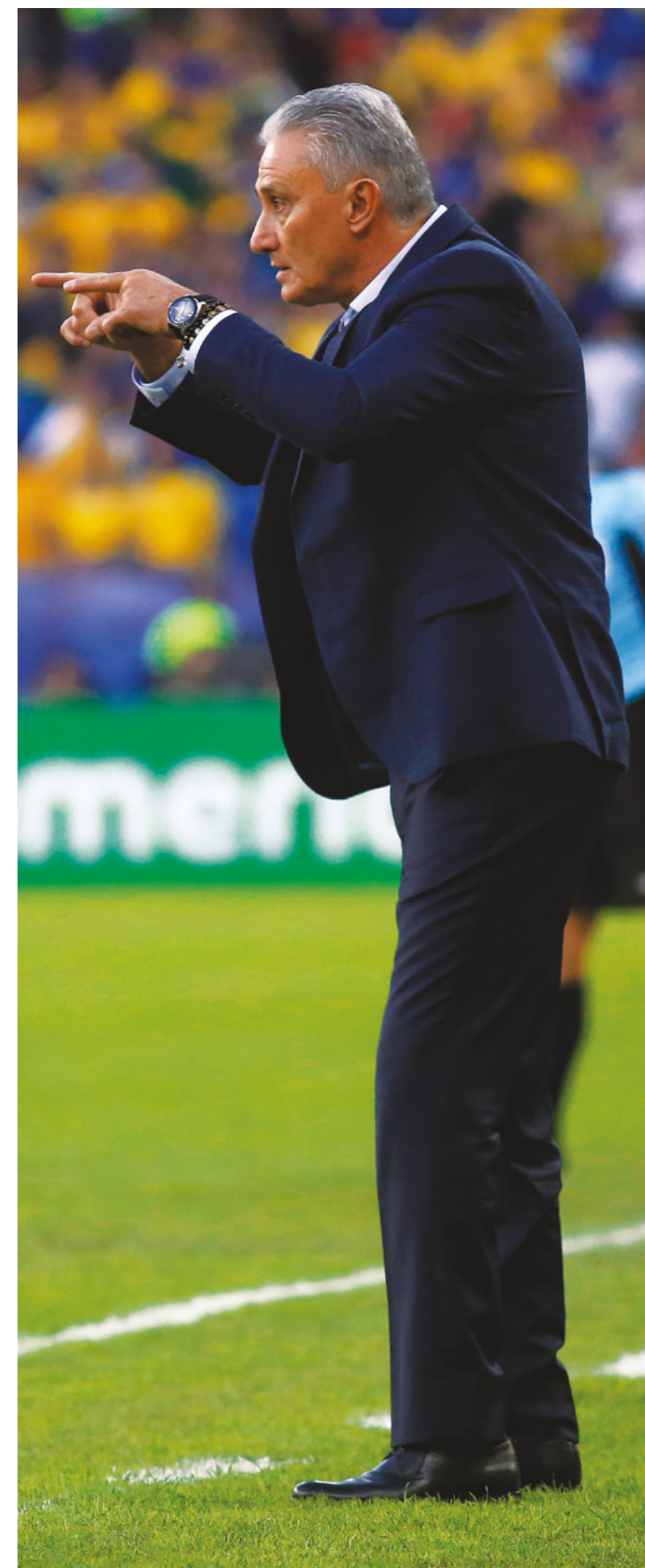
A Venezuela chegou à Copa com uma equipe que veio buscar mais do que conquistou. Mostrou uma excelente atitude, com um bom trabalho defensivo, mas ficou pelo caminho nas quartas de final, em uma partida na qual a Argentina apresentou um dos melhores rendimentos do campeonato.

O Paraguai não chegou a ter uma participação excelente, mas mostrou um desempenho equilibrado na competição. Não alcançou sua melhor expressão futebolística, entretanto dispôs de momentos chave que não soube aproveitar e, que talvez, pudessem ter lhe dado o impulso e a motivação necessários para chegar mais longe. As seleções da Bolívia e do Equador tiveram altos e baixos quanto ao seu rendimento. A seleção boliviana estreou jogando contra o time local, com um início de partida no qual se defendeu muito bem, mas não conseguiu sustentar o resultado. Começou ganhando contra o Peru, mas tampouco pôde impor-se e assim, não somou pontos. Muitas vantagens para um campeonato onde, nas primeiras partidas é primordial conquistar alguma unidade. O Equador não teve um bom início, sendo derrotado no jogo contra o Uruguai por uma diferença de quatro gols. Esteve perto de passar às quartas de final até o último minuto da terceira partida, já que se ganhasse do Japão se classificaria, contudo, despediu-se com um sabor amargo, levando apenas um empate.



Os treinadores

Um detalhe importante deixado por esta Copa, e que é digno de destaque, foi a atuação dos treinadores. Tite e Gareca travaram um “enfrentamento tático” na final do torneio, algo sumamente interessante. Entretanto, houve várias partidas nas quais se pôde observar a versatilidade dos sistemas para propor a estratégia de jogo de uma equipe, com o fim de minimizar o potencial do adversário da vez. Pelo exposto, vale ressaltar que este campeonato nos mostrou claramente que cada vez mais se aplica a análise de vídeo, através da qual os estrategistas estudam seus oponentes e planejam suas partidas com um conhecimento importante do potencial adversário. Neste sentido, ficou demonstrado nessa Copa que a criatividade dos treinadores é tão necessária como crucial, no momento da planificação dos jogos. E não somente é chave para a orientação inicial, mas também para as diferentes variações que um time deve usar para resistir ao ataque e fragilizar a defesa rival. O substancial pode ser conhecido, mas muitas vezes, os grandes detalhes dos grandes técnicos são aqueles que definem as partidas.

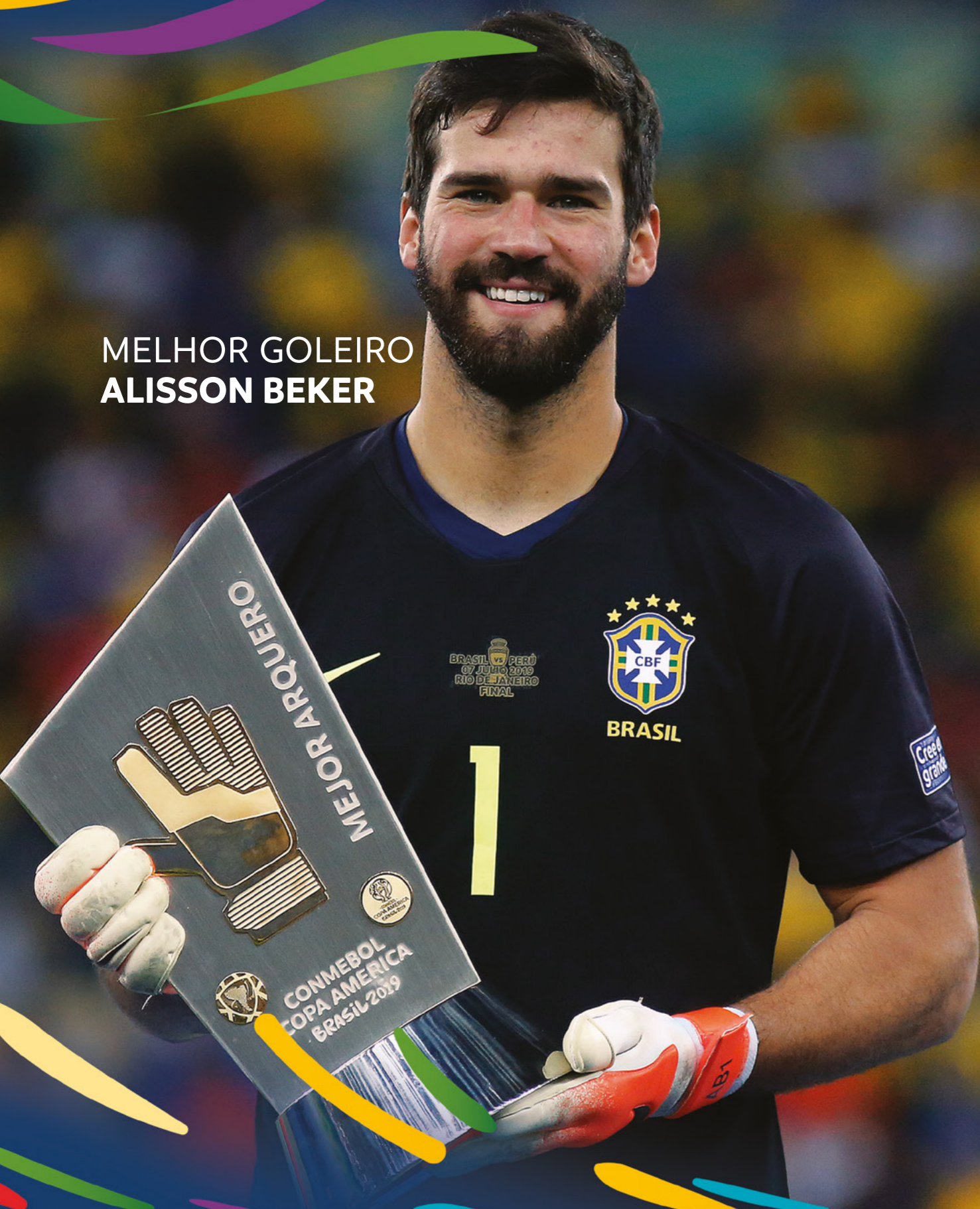


- CONMEBOL -
COPA AMERICA
BRASIL 2019

RECONHECIMENTOS



MELHOR GOLEIRO
ALISSON BEKER



MELHOR JOGADOR
DANI ALVES



ARTILHEIRO
EVERTON



SELEÇÃO IDEAL DO CAMPEONATO



JOVENS TALENTOS

Historicamente, o nosso continente tem sido berço dos melhores jogadores de futebol do mundo. A CONMEBOL Copa América Brasil 2019 teve e tem o brilho não somente das grandes seleções, senão que dos grandes talentos em âmbito mundial, que desfilam sua qualidade e hierarquia pelos estádios da América. Na CONMEBOL Copa América Brasil 2019, destacaram-se jogadores jovens que mantêm intacta a tradição desta rica história e merecem ser reconhecidos.



22 años

Fariñez



22 años

Arzamendia



23 años

Sánchez



21 años

Foyth



21 años

Haquin



23 años

Abram



21 años

Valverde



23 años

Arthur



22 años

Betancur



22 años

Martínez



22 años

Gabriel Jesus



23 años

Everton



RELATÓRIO DA ARBITRAGEM

RELATÓRIO DA ARBITRAGEM

1. Seminário prévio à CONMEBOL Copa América – 4ª capacitação VAR

Tendo como objetivo primordial a melhor preparação, com o mais alto grau de treinamento dos Árbitros Assistentes, foi idealizada a realização da IV Jornada de Capacitação no Protocolo VAR, na cidade do Rio de Janeiro, de 06 a 12 de junho. O evento de 7 dias de duração contemplou na sua programação, instruções teóricas, sessões práticas em simuladores, e a arbitragem de partidas de um torneio amistoso como final de uma extensa jornada. Participaram desse treinamento 54 Árbitros e Árbitros Assistentes, representando as 10 Associações Membros da CONMEBOL, 46 convocados para a Copa América e 8 convidados. Tudo isso foi organizado com o objetivo de reforçar o treinamento com o VAR, que a CONMEBOL emprega desde 2017, nas competições de clubes como a Copa Libertadores, a Sul-americana e a Recopa.



2. Objetivos

Apesar de o evento ter um especial enfoque à implementação do VAR, segundo o Protocolo da IFAB, também foram contemplados outros objetivos que compõem a preparação integral dos Árbitros para a participação numa alta competição, como a área técnica e física.



3. Participantes

ÁRBITROS E ÁRBITROS ASSISTENTES			
Nº	País	Nome completo	Função
1	Argentina	Néstor Pitana	Árbitro
2	Argentina	Fernando Rapallini	Árbitro
3	Argentina	Patricio Loustau	Árbitro
4	Bolívia	Gery Vargas	Árbitro
5	Brasil	Wilton Sampaio	Árbitro
6	Brasil	Raphael Claus	Árbitro
7	Brasil	Anderson Daronco	Árbitro
8	Chile	Roberto Tobar	Árbitro
9	Chile	Julio Bascuñán	Árbitro
10	Chile	Piero Maza	Árbitro
11	Colômbia	Wilmar Roldán	Árbitro
12	Colômbia	Andrés Rojas	Árbitro
13	Colômbia	Nicolas Gallo	Árbitro
14	Equador	Roddy Zambrano	Árbitro
15	Equador	Carlos Orbe	Árbitro
16	Paraguai	Mario Díaz De Vivar	Árbitro
17	Paraguai	Arnaldo Samaniego	Árbitro
18	Peru	Diego Haro	Árbitro
19	Peru	Victor H. Carrillo	Árbitro
20	Uruguai	Esteban Ostojich	Árbitro
21	Uruguai	Leodan González	Árbitro
22	Venezuela	Alexis Herrera	Árbitro
23	Venezuela	Jesus Valenzuela	Árbitro
24	Argentina	Hernan Maidana	Árbitro Assistente
25	Argentina	Juan Pablo Belatti	Árbitro Assistente
26	Argentina	Ezequiel Brailosky	Árbitro Assistente
27	Bolívia	José Antelo	Árbitro Assistente
28	Bolívia	Edwar Saavedra	Árbitro Assistente
29	Brasil	Rodrigo Correa	Árbitro Assistente
30	Brasil	Marcelo Van Gasse	Árbitro Assistente
31	Brasil	Kleber Lucio Gil	Árbitro Assistente
32	Chile	Cristhian Shiemann	Árbitro Assistente
33	Chile	Claudio Ríos	Árbitro Assistente
34	Colômbia	Alexander Guzmán	Árbitro Assistente
35	Colômbia	Wilmar Navarro	Árbitro Assistente
36	Colômbia	John Alexander Leon	Árbitro Assistente
37	Equador	Christian Lescano	Árbitro Assistente
38	Equador	Byron Romero	Árbitro Assistente
39	Paraguai	Eduardo Cardozo	Árbitro Assistente
40	Paraguai	Dario Gaona	Árbitro Assistente
41	Peru	Jonny Bossio	Árbitro Assistente
42	Peru	Victor Ruez	Árbitro Assistente
43	Uruguai	Nicolas Tarán	Árbitro Assistente
44	Uruguai	Richard Trinidad	Árbitro Assistente
45	Venezuela	Carlos López	Árbitro Assistente
46	Venezuela	Luis Murillo	Árbitro Assistente

EQUIPE DE TRABALHO CONMEBOL			
Nº	AM	Nome	Função
1	CONMEBOL	Wilson Seneme	Presidente Comissão de Árbitros
2	CONMEBOL	Héctor Baldassi	Membro Comissão de Árbitros
3	CONMEBOL	Jorge Larrionda	Membro Comissão de Árbitros
4	CONMEBOL	Oscar Julián Ruiz	Membro Comissão de Árbitros
5	CONMEBOL	Carlos Astroza	Gerente de Arbitragem CONMEBOL
6	CONMEBOL	Ubaldo Aquino	Membro Comissão Desenvolvimento de Arbitragem
7	AFA	Pablo Silva	Instrutor/assessor de Árbitros
8	FIFA	Rodolfo Otero	Instrutor/assessor de Árbitros
9	CBF	Sergio Correa	Instrutor/assessor de Árbitros
10	CBF	Alicio Pena Jr.	Instrutor/assessor de Árbitros
11	FFCH	Claudio Puga	Instrutor/assessor de Árbitros
12	FIFA	Carlos Torres	Instrutor/assessor de Árbitros
13	FIFA	Enrique Cáceres	Instrutor/assessor de Árbitros
14	CONMEBOL	Henry Gambeta	Instrutor/assessor de Árbitros
15	FIFA	Martín Vázquez	Instrutor/assessor de Árbitros
16	CONMEBOL	Mauricio Espinoza	Instrutor/assessor de Árbitros
17	FIFA	Silvio Aguinaga	Instrutor Físico
18	FIFA	Cristian Rosen	Instrutor Físico
19	FIFA	Paulo Camello	Instrutor Físico
20	FIFA	Roberto Maraglano	Fisioterapeuta
21	CHILE	Carlo Maturana	Fisioterapeuta
22	BRASIL	Danilo Sperb	Fisioterapeuta
23	CONMEBOL	Fabiola Domínguez	Responsável VAR
24	CONMEBOL	Sabrina Cartasso	Departamento Arbitragem
25	CONMEBOL	Violeta Agüero	Departamento Arbitragem
26	CONMEBOL	Ruth Pedrozo	Departamento Arbitragem
27	CONMEBOL	Gabriel Batipstella	Suporte IT

4. Atividades durante a capacitação VAR

O programa de atividades a partir do segundo dia, foi desenvolvido de maneira simultânea em três cenários. Para esse fim, os participantes foram divididos em 3 grupos. Assim, enquanto um grupo permanecia no hotel para a instrução teórica e prática em simuladores, os outros dois grupos se trasladavam ao centro de treinamento no CAER para as tarefas físicas e os treinamentos com jogadores.

A. Instruções em aula

Tópicos de relevância abordados:

- Modificações das Regras de Jogo 2018/2019
- Protocolo VAR
- IAP Incidentes na Área de Pênalti
- Fora de Jogo
- Faltas Táticas
- Entradas ou Disputas pela bola: Considerações para a Tomada de Decisões
- Procedimento e Controle do Jogo nas Retomadas
- Trabalho em Equipe
- Vídeo-teste Mãos – Devolução
- Condução da Partida – Uso Indevido dos Braços
- Regulamento de Competição



B. Práticas em simulador

As práticas em simuladores foram realizadas em salas especialmente equipadas com os dispositivos próprios do VOR, em uma situação de jogo. Essas práticas foram feitas em pequenos grupos, e de maneira simultânea às instruções de campo de outros grupos. Consistiram em ensaiar o VAR em segmentos de vídeo de uma partida de outra confederação para que a jogada em questão fosse desconhecida dos árbitros.



C. Treinamento com jogadores

Foram realizados treinamentos consistentes em breves sequências de jogo, com a participação de jogadores juvenis, previamente selecionados para a atividade. No local, foram criadas situações próprias de uma partida. Em um campo, contou-se com monitores para um *Instant Feedback* de árbitros e assistentes; e no outro, onde foram montadas câmeras de acordo com o VAR, houve ensaios seguindo esse protocolo.



D. Partidas de torneio – implementação do VAR

A fim de levar a capacitação dos Árbitros a atingir o seu maior potencial, os 3 últimos dias do seminário se destinaram à condução das partidas com maior formalidade. Para isso, a Comissão de Árbitros da CONMEBOL, com a cooperação dos responsáveis do Departamento de Arbitragem da CBF, organizou um pequeno torneio, a Copa VAR, do qual participaram jogadores juvenis de clubes do Rio de Janeiro. Esses jogos foram disputados sob o protocolo VAR, e neles foram aplicadas novas regras de jogo da IFAB.



5. Team Arrival Meeting Com As Seleções

A Comissão de Árbitros programou a realização dos TAM (Team Arrival Meeting), uma reunião informativa de índole didática com as equipes, na sua chegada às sedes. Para esse fim, foi elaborado um material audiovisual, que os Assessores e Observadores VAR designados a essas sedes expuseram em uma palestra com os jogadores e corpo técnico, fornecendo as orientações sobre as modificações nas Regras de Jogo e os aspectos mais preponderantes do protocolo VAR a serem implementados em todas as partidas.



6. Planejamento e retorno da equipe de arbitragem nas partidas

Na véspera de cada partida, foi marcada como rotina a realização da Reunião de Planejamento da Partida. Esse evento foi realizado nos hotéis de alojamento e, para isso, o *Quality Manager* fez as diligências necessárias. Nessa oportunidade, o Árbitro de Campo, como líder da equipe, conduziu a palestra; o Assessor de Árbitros e o Observador VAR estavam presentes para as observações.

A Comissão de Árbitros considerou de grande relevância a atividade de retorno pós-partida. Essa análise de retroalimentação ocorria tanto com os Árbitros de Campo como com o Assessor de Árbitros, e ainda com a Equipe VAR a cargo do Observador VAR. Posteriormente ao regresso desses Árbitros à sede do Rio de Janeiro, os mesmos participaram das sessões de *debriefing*.



7. Arbitragem

A CONMEBOL dispôs a implementação do VAR em todas as partidas da CONMEBOL Copa América. Para essa finalidade, foram designados, para cada jogo, uma equipe de arbitragem de campo, uma equipe de arbitragem VAR, um *Quality Manager*, um Observador VAR e um Assessor de Árbitros. Os dados estatísticos relacionados a verificações e revisões durante o campeonato estão anexos a este documento.



A. Dados estatísticos

Nesta seção são descritos de maneira resumida, os dados estatísticos de relevância do ponto de vista da arbitragem. Atribui-se particular relevância às decisões de arbitragem de maior impacto no jogo, como é o caso dos pênaltis sancionados e as expulsões. Um fato significativo nesta edição da CONMEBOL Copa América foi a implantação da Tecnologia VAR para auxiliar os Árbitros em situações estabelecidas no Protocolo e, desta maneira, "Fazer justiça" em campo.

• PÊNALTIS SANCIONADOS

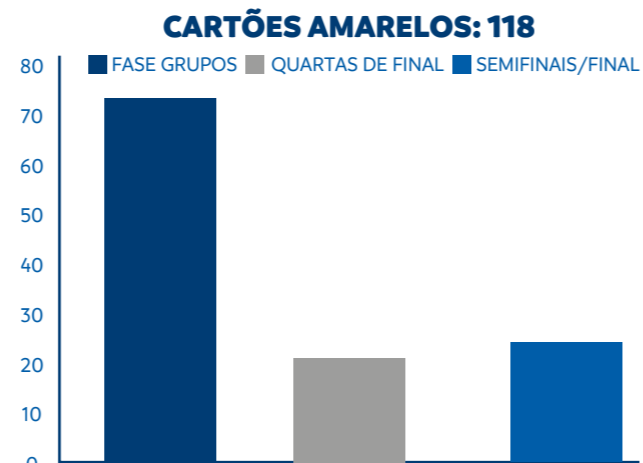
Em um total de 26 partidas, foram sancionados 11, dos quais foram marcados 9. Na partida final, foram marcados 2 pênaltis.

• CARTÕES AMARELOS

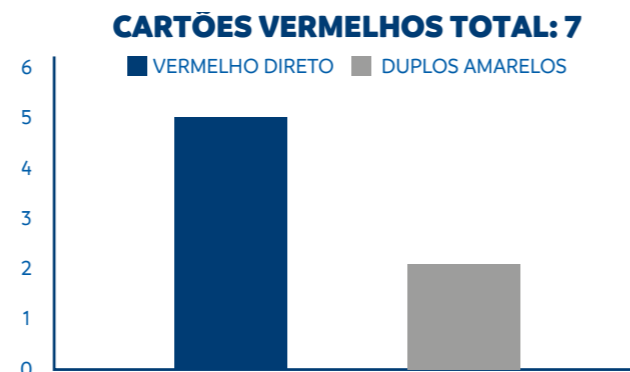
A quantidade de cartões amarelos foi de 118, em um total de 26 partidas, estabelecendo-se assim, uma média de 4.5 advertências por jogo. Do total de cartões amarelos mostrados, 73 correspondem à Fase de Grupos; 21 às Quartas de Final, e 24 às Semifinais e Finais.

• EXPULSÕES

Um total de 7 jogadores foram expulsos no torneio, representando uma média de 0.28 cartões vermelhos por partida. Desta quantidade, 2 foram por duplos amarelos.



QUADRO DESCRITIVO DE ADVERTÊNCIAS



QUADRO DESCRITIVO DE EXPULSÕES

B. Dados estatísticos do VAR

A implantação do Protocolo VAR (*Video Assistant Referee*) nesta edição da CONMEBOL Copa América significou um fato inédito. Neste sentido, a CONMEBOL, por sugestão da Comissão de Árbitros, decidiu aplicá-lo nas 26 partidas. A seguir, os detalhes:

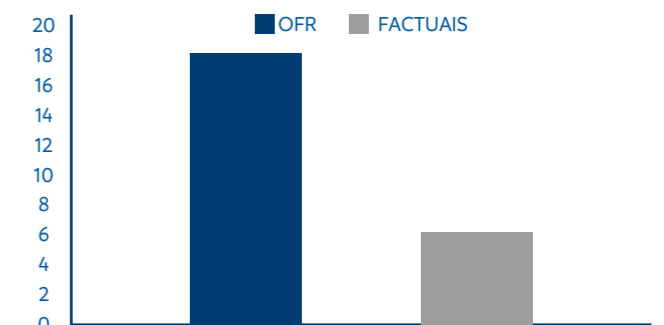
• Total 24 Revisões:

18 em OFR (*On Field Review*) e 6 em VAR por serem factuais. Destas, houve conclusão com 20 mudanças de decisões, enquanto em 4 revisões foi mantida a decisão inicial do Árbitro.

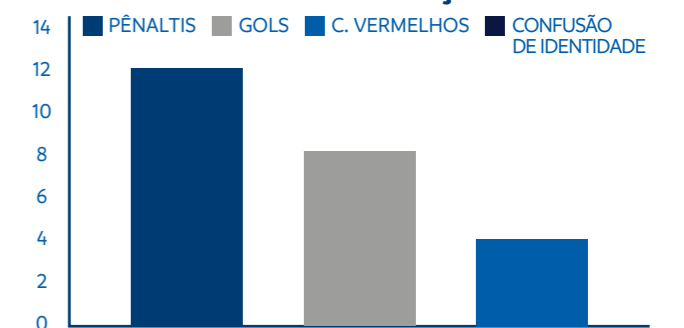
• Das 24 intervenções VAR:

12 em situações de pênaltis, 8 gols, 4 cartões vermelhos diretos e 0 por confusão de identidade.

TOTAL DE REVISÕES: 24



TOTAL DE INTERVENÇÕES VAR



TOTAL REVISÕES VAR: 24





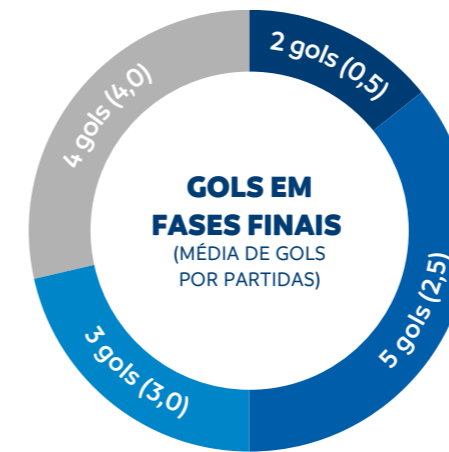
DADOS

POSE DE BOLA POR PARTIDA					
Nº	Seleção	% Posse de Bola		Seleção	
1	BRASIL	3	64% 36%	BOLÍVIA	0
2	VENEZUELA	0	48% 52%	PERU	0
3	ARGENTINA	0	56% 44%	COLÔMBIA	2
4	PARAGUAI	2	46% 54%	CATAR	2
5	URUGUAI	2	60% 40%	EQUADOR	2
6	JAPÃO	0	46% 54%	CHILE	4
7	BOLÍVIA	1	49% 51%	PERU	3
8	BRASIL	0	69% 31%	VENEZUELA	0
9	COLÔMBIA	1	66% 34%	CATAR	0
10	ARGENTINA	1	57% 43%	PARAGUAI	1
11	URUGUAI	2	61% 39%	JAPÃO	2
12	EQUADOR	1	56% 44%	CHILE	2
13	BOLÍVIA	1	50% 50%	VENEZUELA	3
14	PERU	0	35% 65%	BRASIL	5
15	CATAR	0	44% 56%	ARGENTINA	4
16	COLÔMBIA	1	54% 46%	PARAGUAI	0
17	EQUADOR	1	54% 46%	JAPÃO	1
18	CHILE	0	54% 46%	URUGUAI	1
19	BRASIL	0	64% 36%	PARAGUAI	0
20	VENEZUELA	0	51% 49%	ARGENTINA	2
21	COLÔMBIA	0	50% 50%	CHILE	0
22	URUGUAI	0	55% 45%	PERU	0
23	BRASIL	2	50% 50%	ARGENTINA	0
24	CHILE	0	58% 42%	PERU	3
25	ARGENTINA	2	44% 56%	CHILE	1
26	BRASIL	0	52% 48%	PERU	0

POSIÇÃO NO TORNEIO	
Posição	Seleção
1	BRASIL
2	PERU
3	ARGENTINA
4	CHILE
5	COLÔMBIA
6	URUGUAI
7	VENEZUELA
8	PARAGUAI
9	JAPÃO
10	CATAR
11	EQUADOR
12	BOLÍVIA



■ Grupo A 6 partidas ■ Grupo B 6 partidas ■ Grupo C 6 partidas



■ Quartas de final 4 partidas ■ Semifinais 2 partidas ■ 3º e 4º lugar 1 partidas ■ Final 1 partidas

GOLS DENTRO E FORA DA ÁREA		
Seleção	Gols	
ARGENTINA	0	7
BOLÍVIA	1	1
BRASIL	3	10
CATAR	1	1
CHILE	2	5
COLÔMBIA	0	4
EQUADOR	0	2
JAPÃO	1	2
PARAGUAI	1	2
PERU	1	6
URUGUAI	0	7
VENEZUELA	0	3

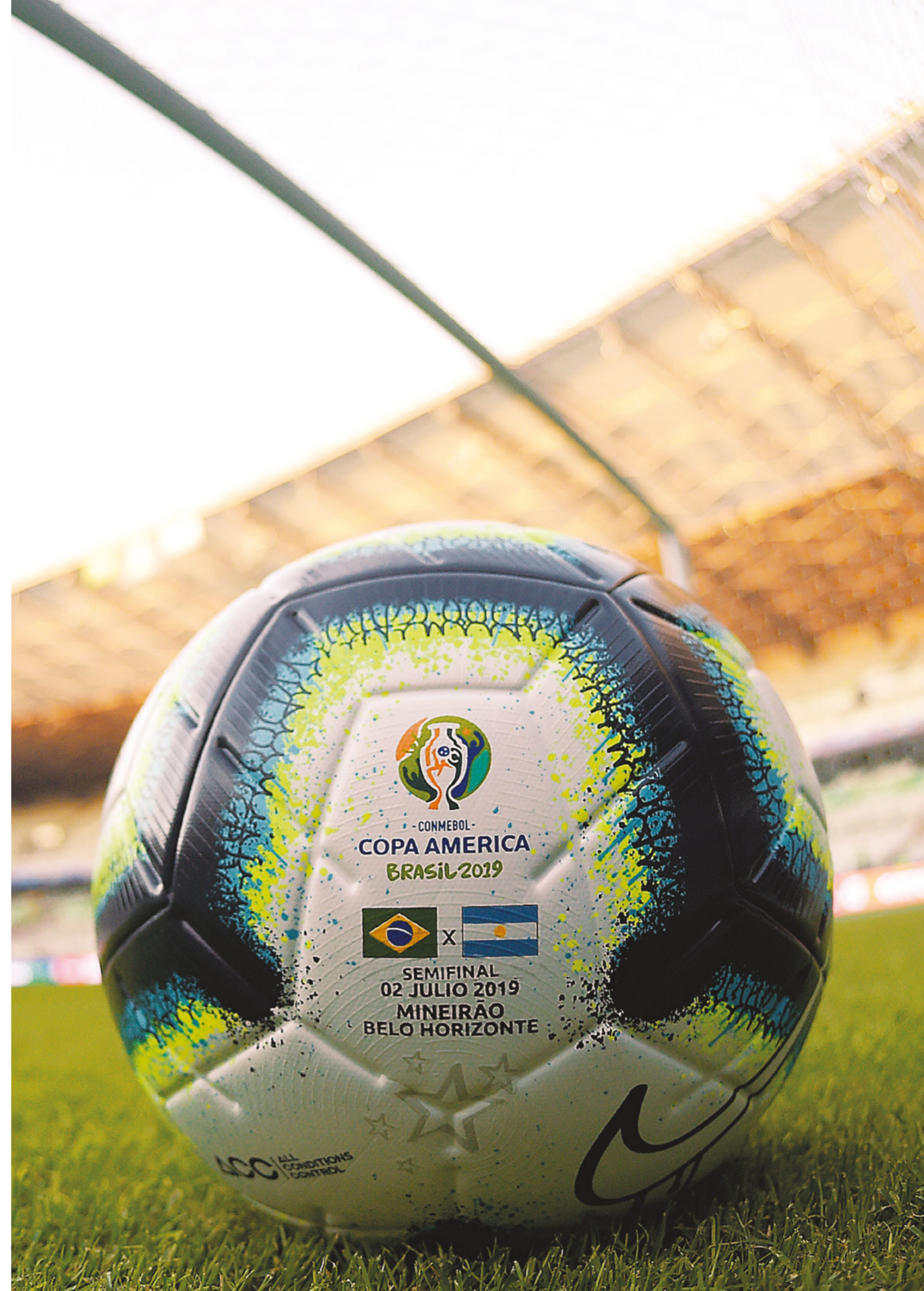
■ Fora da área ■ Dentro da área

GOLS POR MINUTO	
Minutos	Gols
1 - 15	10
16 - 30	8
31 - 45	10
45+	1
46 - 60	11
61 - 75	5
76 - 90	13
90+	2

MÉDIA DE ARREMATES POR GOL	
Seleção	Arremates
ARGENTINA	10
BOLÍVIA	9
BRASIL	6
CATAR	8
CHILE	9
COLÔMBIA	8
EQUADOR	9
JAPÃO	11
PARAGUAI	9
PERU	7
URUGUAI	7
VENEZUELA	11

FALTAS	
Seleção	Faltas
 ARGENTINA	17
 BOLÍVIA	10
 BRASIL	17
 CATAR	13
 CHILE	18
 COLÔMBIA	15
 EQUADOR	16
 JAPÃO	17
 PARAGUAI	17
 PERU	18
 URUGUAI	14
 VENEZUELA	15

CARTÕES		
Seleção	Amarelos	Vermelhos
 ARGENTINA	19	1
 BOLÍVIA	6	0
 BRASIL	13	1
 CATAR	11	0
 CHILE	12	1
 COLÔMBIA	10	0
 EQUADOR	8	2
 JAPÃO	5	0
 PARAGUAI	9	1
 PERU	12	0
 URUGUAI	5	0
 VENEZUELA	9	1





LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Franco	Armani	16/10/86	Argentina	Goleiro	River Plate (Argentina)
2	Juan Marcos	Foyth	12/01/98	Argentina	Atacante	Tottenham Hotspur Fc (Inglaterra)
3	Nicolás Alejandro	Tagliafico	31/08/92	Argentina	Defesa	Afc Ajax (Holanda)
4	Renzo	Saravia	16/06/93	Argentina	Lateral	Racing Club (Argentina)
5	Leandro Daniel	Paredes	29/06/94	Argentina	Atacante	Paris Saint-Germain FC (França)
6	Germán Alejo	Pezzella	27/06/91	Argentina	Defesa	Acf Fiorentina (Itália)
7	Roberto Maximiliano	Pereyra	07/01/91	Argentina	Meia	Watford Fc (Inglaterra)
8	Marcos Javier	Acuña	28/10/91	Argentina	Meia	Sporting Clube De Portugal (Portugal)
9	Sergio Leonel	Agüero	02/06/88	Argentina	Atacante	Manchester City Fc (Inglaterra)
10	Lionel Andrés	Messi	24/06/87	Argentina	Atacante	Fc Barcelona (Espanha)
11	Ángel Fabián	Di María	14/02/88	Argentina	Atacante	Paris Saint-germain Fc (França)
12	Agustín Federico	Marchesín	16/03/88	Argentina	Goleiro	Cf América (México)
13	José Ramiro	Funes Mori	05/03/91	Argentina	Defesa	Villarreal Fc (Espanha)
14	Milton	Casco	11/04/88	Argentina	Lateral	River Plate (Argentina)
15	Guido Hernán	Pizarro Demestri	26/02/90	Argentina	Meia	Tigres Uanl (México)
16	Rodrigo Javier	De Paul	24/05/94	Argentina	Meia	Udinese Calcio (Itália)
17	Nicolás Hernán Gonzalo	Otamendi	12/02/88	Argentina	Lateral	Manchester City Fc (Inglaterra)
18	Guido	Rodríguez	12/04/94	Argentina	Meia	Cf América (México)
19	Matías Ezequiel	Suárez	09/05/88	Argentina	Atacante	River Plate (Argentina)
20	Giovani	Lo Celso	09/04/96	Argentina	Meia	Real Betis Balompié Sad (Espanha)
21	Paulo Exequiel	Dybala	15/11/93	Argentina	Atacante	Juventus Fc (Itália)
22	Lautaro Javier	Martínez	22/08/97	Argentina	Atacante	Fc Inter Milan (Itália)
23	Juan Agustín	Musso	06/05/94	Argentina	Goleiro	Udinese Calcio (Itália)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Lionel	Scaloni	16/05/78	Argentina	Diretor Técnico
2	Walter Adrián	Samuel	23/03/78	Argentina	Treinador Assistente
3	Luís	Martin	02/05/67	Argentina	Preparador Físico



LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Carlos Emilio	Lampe Porras	17/03/87	Bolívia	Goleiro	San José (Bolívia)
2	Saúl	Torres Rojas	22/03/90	Bolívia	Defesa	Nacional Potosí (Bolívia)
3	Alejandro Saúl	Chumacero Bracamonte	22/04/91	Bolívia	Meia	Puebla FC (México)
4	Luís Fernando	Haquín López	15/11/97	Bolívia	Defesa	Puebla FC (México)
5	Mario Alberto	Cuéllar Saavedra	05/04/89	Bolívia	Defesa	Oriente Petrolero (Bolívia)
6	Erwin Mario	Saavedra Flores	22/02/96	Bolívia	Meia	Bolívar (Bolívia)
7	Leonel	Justiniano Aráuz	02/07/92	Bolívia	Meia	Bolívar (Bolívia)
8	Diego	Bejarano Ibáñez	24/08/91	Bolívia	Defesa	Bolívar (Bolívia)
9	Marcelo	Martins Moreno	18/06/87	Bolívia	Atacante	Shijiazhuang Ever Bright (China)
10	Samuel	Galindo Suheiro	18/04/92	Bolívia	Meia	Always Ready (Bolívia)
11	Leonardo	Vaca Gutiérrez	24/11/95	Bolívia	Atacante	Blooming (Bolívia)
12	Rubén	Cordano Justiniano	16/10/98	Bolívia	Goleiro	Blooming (Bolívia)
13	José María	Carrasco Sanguino	16/08/97	Bolívia	Defesa	Blooming (Bolívia)
14	Raúl	Castro Peñaloza	19/08/89	Bolívia	Meia	The Strongest (Bolívia)
15	Cristian Paul	Arano Ruíz	23/02/95	Bolívia	Meia	Blooming (Bolívia)
16	Diego Horacio	Wayar Cruz	15/10/93	Bolívia	Meia	The Strongest (Bolívia)
17	Marvin Orlando	Bejarano Jiménez	06/03/88	Bolívia	Defesa	The Strongest (Bolívia)
18	Gilbert	Álvarez Vargas	07/04/92	Bolívia	Atacante	Jorge Wilstermann (Bolívia)
19	Ramiro	Vaca Ponce	01/07/99	Bolívia	Meia	The Strongest (Bolívia)
20	Fernando Javier	Saucedo Pereyra	07/10/84	Bolívia	Meia	Jorge Wilstermann (Bolívia)
21	Roberto Carlos	Fernández Toro	12/07/99	Bolívia	Lateral	Blooming (Bolívia)
22	Adrián Jhonny	Jusino Cerruto	09/07/92	Bolívia	Defesa	Bolívar (Bolívia)
23	Javier	Rojas Iguaro	14/01/96	Bolívia	Goleiro	Nacional Potosí (Bolívia)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Eduardo Andrés	Villegas Cámara	29/03/64	Bolívia	Diretor Técnico
2	Óscar Adolfo	Villegas Cámara	15/04/70	Bolívia	Treinador Assistente
3	Jaime	Jiménez Guzmán	18/03/57	Bolívia	Preparador Físico

**BRASIL****CATAR**

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Alisson Ramses	Becker	02/10/92	Brasil	Goleiro	Liverpool FC (Inglaterra)
2	Thiago	Emiliano Da Silva	22/09/84	Brasil	Defesa	Paris Saint-Germain FC (França)
3	João	Miranda De Souza Filho	07/09/84	Brasil	Defesa	FC Inter Milan (Itália)
4	Marcos	Aoas Correa	14/05/94	Brasil	Defesa	Paris Saint-Germain FC (França)
5	Carlos Henrique	Casimiro	23/02/92	Brasil	Meia	Real Madrid CF (Espanha)
6	Filipe Luís	Kasmirski	09/08/85	Brasil	Defesa	Atlético Madrid (Espanha)
7	David	Neres Campos	03/03/97	Brasil	Atacante	AFC Ajax (Holanda)
8	Arthur Henrique	Ramos De Oliveira Melo	12/08/96	Brasil	Meia	FC Barcelona (Espanha)
9	Gabriel Fernando	De Jesus	03/04/97	Brasil	Atacante	Manchester City FC (Inglaterra)
10	Willian	Borges Da Silva	09/08/88	Brasil	Atacante	Chelsea FC (Inglaterra)
11	Philippe	Coutinho Correia	12/06/92	Brasil	Meia	FC Barcelona (Espanha)
12	Alex Sandro	Lobo Silva	26/01/91	Brasil	Lateral	Juventus FC (Itália)
13	Daniel	Alves Da Silva	06/05/83	Brasil	Defesa	Paris Saint-Germain FC (França)
14	Éder Gabriel	Militão	18/01/98	Brasil	Defesa	SSC Napoli (Itália)
15	Marques Loureiro	Allan	08/01/91	Brasil	Lateral	SC Corinthians (Brasil)
16	Cassio	Ramos	06/06/87	Brasil	Goleiro	Manchester City FC (Inglaterra)
17	Fernando Luiz	Roza	04/05/85	Brasil	Meia	AC Milan (Itália)
18	Lucas	Tolentino Coelho De Lima	27/08/97	Brasil	Meia	Jorge Wilstermann (Bolívia)
19	Everton	Sousa Soares	22/03/96	Brasil	Atacante	Grêmio (Brasil)
20	Roberto Firmino	Barbosa De Oliveira	02/10/91	Brasil	Atacante	Liverpool FC (Inglaterra)
21	Richarlison	De Andrade	10/05/97	Brasil	Atacante	Everton FC (Inglaterra)
22	Fagner	Conserva Lemos	11/06/89	Brasil	Defesa	SC Corinthians (Brasil)
23	Ederson	Santana De Moraes	17/08/93	Brasil	Goleiro	Manchester City FC (Inglaterra)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Adenor	Bachi Leonardo	25/05/61	Brasil	Diretor Técnico
2	Cleber	Marcio Serpa Xavier	29/03/64	Brasil	Assistente Técnico
3	Fabio	Mahseredjian	06/12/66	Brasil	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Saad	Al Sheeb	19/02/90	Catar	Goleiro	Al-Sadd SC (Catar)
2	Pedro Miguel	Carvalho Deus Correia	08/06/90	Catar	Defesa	Al-Sadd SC (Catar)
3	Abdelkarim Hassan	Al Haj Fadlalla	28/08/93	Catar	Defesa	Al-Sadd SC (Catar)
4	Al-mahdi Ali	Mukhtar	03/02/92	Catar	Defesa	Al-Gharafa SC (Catar)
5	Tarek	Salman	12/05/97	Catar	Defesa	Al-Sadd SC (Catar)
6	Abdulaziz Hatem	Mohammed Abdullah	01/01/90	Catar	Meia	Al-Gharafa SC (Catar)
7	Ahmed	Alaeldin Abelmotaal	31/01/93	Catar	Atacante	Al-Gharafa SC (Catar)
8	Hamid Ismail Hassan	Khalifa Hamid	16/06/86	Catar	Defesa	Al-Sadd SC (Catar)
9	Abdullah	Al-ahrak	05/10/97	Catar	Meia	Al-Duhail SC (Catar)
10	Hasan Khalid	Al-haydos	12/11/90	Catar	Atacante	Al-Sadd SC (Catar)
11	Akram Hassan	Afif Yahia	18/11/96	Catar	Atacante	Al-Sadd SC (Catar)
12	Karim	Boudiaf	16/09/90	Catar	Meia	Al-Duhail SC (Catar)
13	Tameem	Al-muhaza	21/07/96	Catar	Defesa	Al-Gharafa SC (Catar)
14	Salem Ali Salem	Al-hajri	04/10/96	Catar	Meia	Al-Sadd SC (Catar)
15	Bassam Hisham Ali	Al-rawi	16/12/97	Catar	Atacante	Al-Duhail SC (Catar)
16	Boualem	Khokhi	07/09/90	Catar	Meia	Al-Sadd SC (Catar)
17	Ahmad Moein	Doozandeh	20/10/95	Catar	Meia	Qatar SC (Catar)
18	Ahmed Fathi	Abdoulla	25/01/93	Catar	Meia	Al-Arabi SC (Catar)
19	Almoez Ali Zainelabdeen	Abdulla	19/08/96	Catar	Atacante	Al-Duhail SC (Catar)
20	Ali Hassan Afif	Yahya	20/01/88	Catar	Meia	Al-Duhail SC (Catar)
21	Yousef Hassan Mohamed	Ali	24/05/96	Catar	Goleiro	Al-Gharafa SC (Catar)
22	Mohammed	Al-bakri	28/03/97	Catar	Goleiro	Al-Khor SC (Catar)
23	Assim Omer Al Haj	Madibo	22/10/96	Catar	Defesa	Al-Duhail SC (Catar)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Félix	Sánchez Bas	13/12/75	Espanha	Diretor Técnico
2	Francesc	Sánchez Bas	27/10/77	Espanha	Assistente Técnico
3	Carlos	Domenech Monforte	14/06/84	Espanha	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Gabriel	Arias Arroyo	13/09/87	Chile	Goleiro	Racing Club (Argentina)
2	Igor	Lichnovsky Osorio	07/03/94	Chile	Defesa	Cruz Azul (México)
3	Guillermo Alfonso	Maripan Loayza	06/05/94	Chile	Defesa	Deportivo Alavés SAD (Espanha)
4	Mauricio Anibal	Isla Isla	12/06/88	Chile	Defesa	Fenerbahce SK (Turquia)
5	Paulo César	Díaz Huincales	25/08/94	Chile	Defesa	Al Ahli (Arábia Saudita)
6	José Pedro	Fuenzalida Gana	22/02/85	Chile	Meia	Universidad Católica (Chile)
7	Alexis Alejandro	Sánchez Sánchez	19/12/88	Chile	Atacante	Manchester United FC (Inglaterra)
8	Arturo Erasmo	Vidal Pardo	22/05/87	Chile	Meia	FC Barcelona (Espanha)
9	Nicolás Ignacio	Castillo Mora	14/02/93	Chile	Atacante	CF América (México)
10	Diego Alfonso	Valdés Contreras	30/01/94	Chile	Meia	Santos Laguna (México)
11	Eduardo Jesús	Vargas Rojas	20/11/89	Chile	Atacante	Tigres UANL (México)
12	Brayan Josué	Cortés Fernández	11/03/95	Chile	Goleiro	Colo Colo (Chile)
13	Erick Antonio	Pulgar Farfán	15/01/94	Chile	Meia	Bologna FC (Itália)
14	Esteban Andrés	Pavez Suazo	01/05/90	Chile	Meia	Colo Colo (Chile)
15	Jean André Emanuel	Beausejour Coliqueo	01/06/84	Chile	Defesa	Universidad de Chile (Chile)
16	Pedro Pablo	Hernández	24/10/86	Chile	Meia	Independiente (Argentina)
17	Gary Alexis	Medel Soto	03/08/87	Chile	Meia	Besiktas JK (Turquia)
18	Gonzalo Alejandro	Jara Reyes	29/08/85	Chile	Defesa	Estudiantes de L. P. (Argentina)
19	Antenor Júnior	Fernandes da Silva Vitoria	10/04/88	Chile	Atacante	Alanyaspor (Turquia)
20	Charles Mariano	Aránguiz Sandoval	17/04/89	Chile	Meia	Bayer 04 Leverkusen (Alemanha)
21	Óscar Mauricio	Opazo Lara	18/10/90	Chile	Defesa	Colo Colo (Chile)
22	Ángelo Nicolás	Sagal Tapia	18/04/93	Chile	Atacante	Pachuca (México)
23	Yerko Andrés	Urta Cortés	09/07/96	Chile	Goleiro	Huachipato (Chile)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Reinaldo	Rueda Rivera	16/04/57	Colômbia	Diretor Técnico
2	Bernardo	Redín	26/02/63	Colômbia	Assistente Técnico
3	Carlos Eduardo	Velasco Toro	05/10/66	Colômbia	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	David	Ospina Ramírez	31/08/88	Colômbia	Goleiro	SSC Napoli (Itália)
2	Cristian Eduardo	Zapata Valencia	30/09/86	Colômbia	Defesa	AC Milan (Itália)
3	John Stefan	Medina Ramírez	14/06/92	Colômbia	Defesa	CF Monterrey (México)
4	Santiago	Arias Naranjo	13/01/92	Colômbia	Defesa	Atlético Madrid (Espanha)
5	Wilmar Enrique	Barrios Terán	16/10/93	Colômbia	Meia	FC Zenit St. Petersburg (Rússia)
6	William José	Tesillo Gutiérrez	02/02/90	Colômbia	Defesa	Club León (México)
7	Duván Esteban	Zapata Banguero	01/04/91	Colômbia	Atacante	Atalanta BC (Itália)
8	Edwin Andrés	Cardona Bedoya	08/12/92	Colômbia	Meia	CF Pachuca (México)
9	Radamel Falcao	García Zárate	10/02/86	Colômbia	Atacante	AS Monaco FC (França)
10	James David	Rodríguez Rubio	12/07/91	Colômbia	Meia	FC Bayern Munchen (Alemanha)
11	Juan Guillermo	Cuadrado Bello	26/05/88	Colômbia	Meia	Juventus FC (Itália)
12	Camilo Andrés	Vargas Gil	09/03/89	Colômbia	Goleiro	A Deportivo Cali (Colômbia)
13	Yerry Fernando	Mina González	23/09/94	Colômbia	Defesa	Everton FC (Inglaterra)
14	Luis Fernando	Díaz Marulanda	13/01/97	Colômbia	Meia	CDP Junior FC (Colômbia)
15	Andrés Mateus	Uribe Villa	21/03/91	Colômbia	Meia	CF América (México)
16	Jefferson Andrés	Lerma Solís	25/10/94	Colômbia	Meia	AFC Bournemouth (Inglaterra)
17	Cristian Alexis	Borja González	18/02/93	Colômbia	Defesa	Sporting Clube de Portugal (Portugal)
18	Gustavo Leonardo	Cuéllar Gallego	14/10/92	Colômbia	Meia	Clube de Regatas do Flamengo (Brasil)
19	Luis Fernando	Muriel Fruto	16/04/91	Colômbia	Atacante	ACF Fiorentina (Itália)
20	Roger Beyker	Martínez Tobinson	23/06/94	Colômbia	Meia	CF América (México)
21	Jhon Janer	Lucumí Bonilla	26/06/98	Colômbia	Meia	KRC Genk (Bélgica)
22	Álvaro David	Montero Perales	29/03/95	Colômbia	Goleiro	Deportes Tolima (Colômbia)
23	Davinson	Sánchez Mina	12/06/96	Colômbia	Meia	Tottenham Hotspur FC (Inglaterra)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Carlos Manuel	Brito Leal De Queiroz	01/03/53	Portugal	Diretor Técnico
2	Oceano	Andrade Da Cruz	29/07/62	Portugal	Assistente Técnico
3	Diego Eugenio	Giacchino	28/03/73	Argentina	Preparador Físico



LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Máximo Orlando	Banguera Valdivieso	16/12/85	Equador	Goleiro	Barcelona SC (Equador)
2	Arturo Rafael	Mina Meza	08/10/90	Equador	Defesa	Yeni Malatyaspor (Turquia)
3	Robert Abel	Arboleda Escobar	22/10/91	Equador	Defesa	São Paulo FC (Brasil)
4	Pedro Pablo	Velasco Arboleda	29/06/93	Equador	Defesa	Barcelona SC (Equador)
5	Alex Renato	Ibarra Mina	20/01/91	Equador	Meia	CF América (México)
6	Cristian Leonel	Ramírez Zambrano	12/08/94	Equador	Defesa	FC Krasnodar (Rússia)
7	Romario Andrés	Ibarra Mina	24/09/94	Equador	Meia	Minnesota United FC (EUA)
8	Carlos Armando	Gruezo Arboleda	19/04/95	Equador	Meia	FC Dallas (EUA)
9	Carlos Jhon	Garcés Acosta	01/03/90	Equador	Atacante	Delfin SC (Equador)
10	Ángel Israel	Mena Delgado	21/01/88	Equador	Atacante	Club León (México)
11	Eduar Ayrton	Preciado García	17/07/94	Equador	Meia	Santos Laguna (México)
12	Pedro Alfredo	Ortiz Angulo	19/02/90	Equador	Goleiro	Delfin SC (Equador)
13	Enner Remberto	Valencia Lastra	04/11/89	Equador	Atacante	Tigres UANL (México)
14	Xavier Ricardo	Arreaga Bermello	28/09/94	Equador	Defesa	Seattle Sounders FC (EUA)
15	Jefferson Alfredo	Intriago Mendoza	04/06/96	Equador	Meia	LDU Quito (Equador)
16	Luís Antonio	Valencia Mosquera	04/08/85	Equador	Meia	Manchester United FC (Inglaterra)
17	José Alfredo	Quintero Ordoñez	20/06/90	Equador	Defesa	LDU Quito (Equador)
18	Jefferson Gabriel	Orejuela Izquierdo	14/02/93	Equador	Meia	LDU Quito (Equador)
19	Beder Julio	Caicedo Lastra	13/05/92	Equador	Defesa	Barcelona SC (Equador)
20	Luís Andrés	Chicaiza Morales	03/04/92	Equador	Meia	LDU Quito (Equador)
21	Gabriel Eduardo	Achilier Zurita	24/03/85	Equador	Defesa	Monarcas Morelia (México)
22	Alexander	Domínguez Carabali	05/06/87	Equador	Goleiro	CA Vélez Sarsfield (Argentina)
23	Jhegson Sebastián	Méndez Carabali	26/04/97	Equador	Meia	Orlando City SC (EUA)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Hernán Darío	Gómez Jaramillo	03/02/56	Colômbia	Diretor Técnico
2	Edgar	Carvajal Villa	29/09/69	Colômbia	Assistente Técnico
3	Elkín Javier	Sánchez Vásquez	30/05/59	Colômbia	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Eiji	Kawashima	20/03/83	Japão	Goleiro	Racing Club de Strasbourg (França)
2	Daiki	Sugjoka	08/09/98	Japão	Defesa	Shonan Bellmare (Japão)
3	Yuta	Nakayama	16/02/97	Japão	Defesa	Pec Zwolle (Holanda)
4	Ko	Itakura	27/01/97	Japão	Meia	FC Groningen (Holanda)
5	Naomichi	Ueda	24/10/94	Japão	Defesa	Cercle Brugge KS (Bélgica)
6	Kota	Watanabe	18/10/98	Japão	Meia	Tokyo Verdy (Japão)
7	Gaku	Shibasaki	28/05/92	Japão	Meia	Getafe CF (Espanha)
8	Tatsuya	Ito	26/06/97	Japão	Meia	Hamburger SV E V (Alemanha)
9	Daizen	Maeda	20/10/97	Japão	Atacante	Matsumoto Yamaga FC (Japão)
10	Shoya	Nakajima	23/08/94	Japão	Meia	Al-Duhail SC (Catar)
11	Koji	Miyoshi	26/03/97	Japão	Meia	Yokohama F. Marinos (Japão)
12	Ryosuke	Kojima	30/01/97	Japão	Goleiro	Oita Trinita (Japão)
13	Ayase	Ueda	28/08/98	Japão	Atacante	Hosei University FC (Japão)
14	Teruki	Hara	30/07/98	Japão	Defesa	Sagan Tosu (Japão)
15	Daiki	Suga	10/09/98	Japão	Defesa	Hokkaido Consadole Sapporo (Japão)
16	Takehiro	Tomiyasu	05/11/98	Japão	Meia	Sint-Truidense (Bélgica)
17	Taishi	Matsumoto	22/08/98	Japão	Meia	Sanfrecce Hiroshima (Japão)
18	Shinji	Okazaki	16/04/86	Japão	Meia	Leicester City FC (Inglaterra)
19	Tomoki	Iwata	07/04/97	Japão	Defesa	Oita Trinita (Japão)
20	Hiroki	Abe	28/01/99	Japão	Meia	Kashima Antlers FC (Japão)
21	Takefusa	Kubo	04/06/01	Japão	Meia	FC Tokyo (Japão)
22	Yugo	Tatsuta	21/06/98	Japão	Defesa	Shimizu S-Pulse (Japão)
23	Keisuke	Osako	28/07/99	Japão	Goleiro	Sanfrecce Hiroshima (Japão)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Hajime	Moriyasu	23/08/68	Japão	Diretor Técnico
2	Akinobu	Yokouchi	10/11/67	Japão	Assistente Técnico
3	Takashi	Sekizuka	16/10/60	Japão	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Antony Domingo	Silva Cano	27/02/84	Paraguai	Goleiro	CA Huracán (Argentina)
2	Iván Rodrigo	Piris Leguizamón	10/03/89	Paraguai	Defesa	Libertad (Paraguai)
3	Juan Marcelo	Escobar Chena	03/07/95	Paraguai	Defesa	Cerro Porteño (Paraguai)
4	Fabián Cornelio	Balbuena González	23/08/91	Paraguai	Defesa	West Ham United FC (Inglaterra)
5	Bruno Amilcar	Valdéz Rojas	06/10/92	Paraguai	Defesa	CF América (México)
6	Richard Rafael	Sánchez Guerrero	29/03/96	Paraguai	Meia	Olimpia (Paraguai)
7	Óscar René	Cardozo Marín	20/05/83	Paraguai	Atacante	Libertad (Paraguai)
8	Juan Rodrigo	Rojas Ovelar	09/04/88	Paraguai	Meia	Olimpia (Paraguai)
9	Federico Javier	Santander Mereles	04/06/91	Paraguai	Atacante	FC Bologna (Itália)
10	Derlis Alberto	González Galeano	20/03/94	Paraguai	Atacante	Santos FC (Brasil)
11	Juan Manuel	Iturbe Arévalos	04/06/93	Paraguai	Atacante	Pumas UNAM (México)
12	Roberto Junior	Fernández Torres	29/03/88	Paraguai	Goleiro	Botafogo de Futebol e Regatas (Brasil)
13	Junior Osmar Ignacio	Alonso Mujica	09/02/93	Paraguai	Defesa	CA Boca Juniors (Argentina)
14	Iván Arturo	Torres Riveros	27/02/91	Paraguai	Meia	Olimpia (Paraguai)
15	Gustavo Raúl	Gómez Portillo	06/05/93	Paraguai	Defesa	SE Palmeiras (Brasil)
16	Celso Fabián	Ortiz Gamarra	26/01/89	Paraguai	Meia	CF Monterrey (México)
17	Hernán Arsenio	Pérez González	25/02/89	Paraguai	Atacante	RCD Español (Espanha)
18	Santiago	Arzamendia Duarte	05/05/98	Paraguai	Defesa	Cerro Porteño (Paraguai)
19	Cecilio Andrés	Domínguez Ruiz	11/08/94	Paraguai	Atacante	CA Independiente (Argentina)
20	Matías Nicolás	Rojas Romero	03/11/95	Paraguai	Meia	CSD Defensa y Justicia (Argentina)
21	Óscar David	Romero Villamayor	04/07/92	Paraguai	Atacante	Shanghai Shenhua Fc (China)
22	Alfredo Ariel	Aguilar	18/07/88	Paraguai	Goleiro	Olimpia (Paraguai)
23	Miguel Ángel	Almirón Rejala	10/02/94	Paraguai	Meia	Newcastle United FC (Inglaterra)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Manuel Eduardo	Berizzo	13/11/69	Argentina	Diretor Técnico
2	Ernesto	Marcucci	01/01/70	Argentina	Assistente Técnico
3	Fernando Daniel	Morelli	30/01/17	Argentina	Preparador Físico

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Pedro David	Gallese Quiroz	23/02/90	Peru	Goleiro	Alianza Lima (Peru)
2	Luis Alfonso	Abram Ugarelli	27/02/96	Peru	Defesa	CA Vélez Sarsfield (Argentina)
3	Aldo Sebastián	Corzo Chávez	20/05/89	Peru	Defesa	Universitario de Deportes (Peru)
4	Anderson	Santamaría Bardales	10/01/92	Peru	Defesa	Atlas FC (México)
5	Miguel Gianpierre	Araujo Blanco	24/10/94	Peru	Defesa	CA Talleres (Argentina)
6	Miguel Ángel	Trauco Saavedra	25/08/92	Peru	Defesa	Clube de Regatas do Flamengo (Brasil)
7	Josepmir Aarón	Ballón Villacorta	21/03/88	Peru	Meia	CD Universidad de Concepción (Chile)
8	Christian Alberto	Cueva Bravo	23/11/91	Peru	Meia	Santos FC (Brasil)
9	José Paolo	Guerrero Gonzales	01/01/84	Peru	Atacante	SC Internacional (Brasil)
10	Jefferson Agustín	Farfán Guadalupe	26/10/84	Peru	Atacante	FC Lokomotiv Moscú (Rússia)
11	Raúl Mario	Ruidíaz Misitich	25/07/90	Peru	Atacante	Seattle Sounders FC (EUA)
12	Carlos Alberto	Cáceda Olláquez	27/09/91	Peru	Goleiro	FBC Melgar (Peru)
13	Renato Fabrizio	Tapia Cortijo	28/07/95	Peru	Meia	Willem II Tilburg (Holanda)
14	Andy Jorman	Polo Andrade	29/09/94	Peru	Atacante	Portland Timbers (EUA)
15	Carlos Augusto	Zambrano Ochandarte	10/07/89	Peru	Defesa	FC Basilea (Suíça)
16	Jesús Emanuel	Pretell Panta	26/03/99	Peru	Meia	Sporting Cristal (Peru)
17	Luis Jan Piers	Advíncula Castrillón	02/03/90	Peru	Lateral	Rayo Vallecano SAD (Espanha)
18	André Martín	Carrillo Díaz	14/06/91	Peru	Atacante	Al-Hilal Saudí FC (Arábia Saudita)
19	Víctor Yoshimar	Yotún Flores	07/04/90	Peru	Meia	CD Cruz Azul (México)
20	Edison Michael	Flores Peralta	14/05/94	Peru	Meia	Monarcas Morelia (México)
21	Patricio Leonel	Álvarez Noguera	24/01/94	Peru	Goleiro	Sporting Cristal (Peru)
22	Alexander Martín	Callens Asín	04/05/92	Peru	Defesa	New York City FC (EUA)
23	Christofer	Gonzales Crespo	12/10/92	Peru	Meia	Sporting Cristal (Peru)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Ricardo Alberto	Gareca Nardi	10/02/58	Argentina	Diretor Técnico
2	Sergio Rodolfo	Santín Spinelli	06/08/56	Uruguai	Assistente Técnico
3	Néstor Juan	Bonillo Romero	26/01/59	Argentina	Preparador Físico



URUGUAI

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Néstor Fernando	Muslera Micol	16/06/86	Uruguai	Goleiro	Galatasaray SK (Turquia)
2	José María	Giménez De Vargas	20/01/95	Uruguai	Defesa	Atlético Madrid (Espanha)
3	Diego Roberto	Godín Leal	16/02/86	Uruguai	Defesa	Atlético Madrid (Espanha)
4	Giovanni Alessandro	González Apud	20/09/94	Uruguai	Lateral	CA Peñarol (Uruguai)
5	Matías	Vecino Falero	24/08/91	Uruguai	Meia	FC Inter Milan (Itália)
6	Rodrigo	Bentancur Colmán	25/06/97	Uruguai	Meia	Juventus FC (Itália)
7	Marcelo Nicolás	Lodeiro Benítez	21/03/89	Uruguai	Meia	Seattle Sounders FC (EUA)
8	Nahitan Michel	Nández Acosta	28/12/95	Uruguai	Meia	CA Boca Juniors (Argentina)
9	Luis Alberto	Suárez Díaz	24/01/87	Uruguai	Atacante	FC Barcelona (Espanha)
10	Giorgian Daniel	De Arrascaeta Benedetti	01/06/94	Uruguai	Meia	Clube de Regatas do Flamengo (Brasil)
11	Cristhian Ricardo	Stuani Curbelo	12/10/86	Uruguai	Atacante	Girona FC (Espanha)
12	Martín Nicolás	Campaña Delgado	29/05/89	Uruguai	Goleiro	CA Independiente (Argentina)
13	Marcelo Josemir	Saracchi Pintos	23/04/98	Uruguai	Defesa	RB Leipzig (Alemanha)
14	Lucas Sebastián	Torreira Di Pascua	11/02/96	Uruguai	Meia	Arsenal FC (Inglaterra)
15	Federico Santiago	Valverde Dipetta	22/07/98	Uruguai	Meia	Real Madrid CF (Espanha)
16	Gastón Rodrigo	Pereiro López	11/06/95	Uruguai	Meia	PSV Eindhoven (Holanda)
17	Diego Sebastián	Laxalt Suárez	07/02/93	Uruguai	Meia	AC Milan (Itália)
18	Maximiliano	Gómez González	14/08/96	Uruguai	Atacante	RC Celta de Vigo SAD (Espanha)
19	Sebastián	Coates Nion	07/10/90	Uruguai	Defesa	Sporting Clube de Portugal (Portugal)
20	Jonathan Javier	Rodríguez Portillo	06/07/93	Uruguai	Atacante	CD Cruz Azul (México)
21	Edinson Roberto	Cavani Gómez	14/02/87	Uruguai	Atacante	Paris Saint-Germain FC (França)
22	José Martín	Cáceres Silva	07/04/87	Uruguai	Defesa	Juventus FC (Itália)
23	Martín Andrés	Silva Leites	25/03/83	Uruguai	Goleiro	Libertad (Paraguai)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Óscar Washington	Tabárez Sclavo	03/03/47	Uruguai	Diretor Técnico
2	Mario Alberto	Rebollo Bergero	08/12/64	Uruguai	Assistente Técnico
3	José Eduardo	Herrera Goicoechea	28/09/55	Uruguai	Preparador Físico



VENEZUELA

LISTA DE JOGADORES						
Nº Camisa	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Posição	Clube
1	Wuilker	Faríñez Aray	18/07/98	Venezuela	Goleiro	Millonarios FC (Colômbia)
2	Mikel	Villanueva Álvarez	14/04/93	Venezuela	Defesa	Gimnásic de Tarragona SAD (Espanha)
3	Yordan Hernando	Osorio Paredes	10/05/94	Venezuela	Defesa	Vitória SC (Portugal)
4	Jhon Carlos	Chancellor Cedeño	02/01/92	Venezuela	Defesa	Al-Ahli SC (Catar)
5	Júnior Leonardo	Moreno Borrero	20/07/93	Venezuela	Meia	DC United (EUA)
6	Yangel Clemente	Herrera Ravelo	07/01/98	Venezuela	Meia	SD Huesca (Espanha)
7	Darwin Daniel	Machís Marcano	07/02/93	Venezuela	Meia	Cádiz CF (Espanha)
8	Tomás Eduardo	Rincón Hernández	13/01/88	Venezuela	Meia	Torino FC (Itália)
9	Fernando Luis	Aristeguieta De Luca	09/04/92	Venezuela	Atacante	América de Cali (Colômbia)
10	Jefferson David	Savarino Quintero	11/11/96	Venezuela	Meia	Real Salt Lake (EUA)
11	Juan Pablo	Añor Acosta	24/01/94	Venezuela	Meia	SD Huesca (Espanha)
12	Joel David	Graterol Nader	13/02/97	Venezuela	Goleiro	Zamora FC (Venezuela)
13	Luis Manuel	Seijas Gunther	23/06/86	Venezuela	Meia	Independiente Santa Fé (Colômbia)
14	Luis Enrique	Del Pino Mago	15/09/94	Venezuela	Lateral	CD Palestino (Chile)
15	Jhon Eduard	Murillo Romaña	21/11/95	Venezuela	Meia	CD Tondela (Portugal)
16	Roberto José	Rosales Altuve	20/11/88	Venezuela	Lateral	RCD Español (Espanha)
17	Josef Alexander	Martínez Mencia	19/05/93	Venezuela	Atacante	Atlanta United FC (EUA)
18	Yéferson Alberto	Soteldo Martínez	03/06/97	Venezuela	Meia	Santos FC (Brasil)
19	Arquímedes José	Figuera Salazar	06/10/89	Venezuela	Meia	Deportivo La Guaira FC (Venezuela)
20	Ronald José	Hernández Pimentel	21/09/97	Venezuela	Defesa	Stabæk IF (Noruega)
21	Rolf Günther	Feltscher Martínez	06/10/90	Venezuela	Defesa	LA Galaxy (EUA)
22	Rafael Enrique	Romo Pérez	25/02/90	Venezuela	Goleiro	Apoel Nicosia (Chipre)
23	José Salomón	Rondón Giménez	16/09/89	Venezuela	Atacante	West Bromwich Albion FC (Inglaterra)

CORPO TÉCNICO					
Nº	Nome	Sobrenome	Data de Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Rafael Edgar	Dudamel Ochoa	07/01/73	Venezuela	Diretor Técnico
2	Marcos Elías	Mathias Silva	12/05/70	Venezuela	Assistente Técnico
3	Joseph Ali	Cañas Chavarro	26/11/81	Venezuela	Preparador Físico

DELEGAÇÃO DE AUTORIDADES



DELEGAÇÃO DA CONMEBOL

Conselho

Alejandro Domínguez
Presidente da CONMEBOL

Laureano González
Primeiro Vice-presidente da CONMEBOL - Presidente da Federação Venezuelana de Futebol

Claudio Tapia
Segundo Vice-presidente da CONMEBOL – Presidente da Associação Argentina de Futebol

Ramón Jesurún
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Federação Colombiana de Futebol

Robert Harrison
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Associação Paraguuaia de Futebol

César Salinas
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Federação Boliviana de Futebol

Sebastián Moreno
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Federação Chilena de Futebol

Francisco Egas
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Federação Equatoriana de Futebol

Ignacio Alonso
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Associação Uruguaia de Futebol

Rogério Caboclo
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Confederação Brasileira de Futebol

Agustín Lozano
Diretor da CONMEBOL – Presidente da Federação Peruana de Futebol

Fernando Sarney
Representante da CONMEBOL no Conselho da FIFA – Confederação Brasileira de Futebol

María Sol Muñoz
Representante da CONMEBOL no Conselho da FIFA – Federação Equatoriana de Futebol

Secretário Geral
José Astigarraga

Secretária Geral Adjunta
Montserrat Jiménez
Diretora de Assuntos Legais

Secretário Geral Adjunto
Gonzalo Belloso
Diretor de Desenvolvimento

Diretor de Competições de Seleções
Hugo Figueredo

Departamento de Desenvolvimento
Rodrigo Pérez
Coordenador de Competições

Fabimar Franchi
Responsável pela Área Feminina, de Capacitações e de Sustentabilidade

Lilian Pico
Responsável Área Finanças

Ruth Van Strate
Responsável por Gestão Operativa

Juan José Díaz
Coordenador de Desenvolvimento

Oscar Carísimo
Responsável por Futebol de Areia e Futsal

Rosana Gómez
Assessora de Futebol Feminino

COMITÊ ORGANIZADOR LOCAL (C.O.L.)

Integrantes

Fernando Sarney
Presidente do Conselho Administrativo do C.O.L.

Rogério Caboclo
C.E.O. do C.O.L.

Cafu
Conselheiro Atleta / Embaixador

Branco
Conselheiro Atleta / Embaixador

Luiz Paulo Meira
Gerente Geral Administrativo Financeiro

Sandro Cabete
Gerente Geral de Capital Humano

Agberto Guimarães
Diretor de Operações

Roberto Siviero
Gerente Geral de Operações

Thiago Jannuzzi
Gerente Geral de Competições

Hilário Medeiros
Gerente de Segurança

Ricardo Bancovsky
Gerente de Tecnologia

Paulo Cavalcanti
Gerente de Transporte

Renata Simões
Gerente de Alojamento

Luiz Brum
Gerente de Operação de Estádios e Instalações

Sonia Almeida
Gerente de Planejamento



GRUPO DE ESTUDO TÉCNICO

GRUPO DE ESTUDO TÉCNICO

Integrantes

Gonzalo Belloso

Diretor Geral do G.E.T.

Francisco Maturana

Treinador Integrante de G.E.T.

Nery Pumpido

Treinador Integrante de G.E.T.

Gerardo Pelusso

Treinador Integrante de G.E.T.

César Farías

Treinador Integrante de G.E.T.

Ever Almeida

Treinador Integrante de G.E.T.

Dorival Silvestre

Treinador Integrante de G.E.T.

Julio Baldivieso

Treinador Integrante de G.E.T.

Daniel Bañales

Coordenador CONMEBOL do G.E.T.

Rodrigo Pérez

Coordenador CONMEBOL do G.E.T.

Krikor Attarian

Tecnologia, vídeos e estatísticas do G.E.T.



- CONMEBOL -
FUTEBOL DESDE 1916

Publicação Oficial da Confederação Sul-americana de Futebol

Edição

Confederação Sul-americana de Futebol

Presidente

Alejandro Domínguez W-S

Secretário Geral

José Astigarraga

Secretária Geral Adjunta

Montserrat Jiménez

Secretário Geral Adjunto – Futebol

Gonzalo Belloso

Confederação Sul-americana de Futebol - Av. Sudamericana y Valois Rivarola
Luque - Paraguai
Tel: +595-21/645-781 RA - Fax: +595-21/645-792
www.conmebol.com - email: conmebol@conmebol.com.py

Fotografia

Fotografia – Staff Images Assessoria de Comunicação/VB Imagens Eireli –
Imprensa da CONMEBOL

Desenho e Diagramação

Garabato MullenLowe

Tradução

Garabato MullenLowe

Impressão

Novel S. A.

 @CONMEBOL_CSF

 /CONMEBOL1916CSF

 @CONMEBOL_CSF

- CONMEBOL -
COPA AMERICA
BRASIL 2019
Campeón

- EVOLUCIÓN -
ES CONMEBOL



ESTUDO TÉCNICO
COPA AMÉRICA
BRASIL 2019





- CONMEBOL -

FUTEBOL DESDE 1916

